

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**



Thamar Silva de Araújo

Sobre uma concepção psicanalítica do afeto

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Octavio Almeida de Souza

Rio de Janeiro
Janeiro de 2004

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Thamar Silva de Araújo

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio em dezembro de 2001.

Ficha Catalográfica

Araújo, Thamar Silva de

Sobre uma concepção psicanalítica do afeto / Thamar Silva de Araújo ; orientador: Octavio Almeida de Souza. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2004.

113 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas

1. Psicologia – Teses. 2. Afeto. 3. Metapsicologia. 4. Angústia. 5. Representação. 6. Green, André. I. Souza, Octávio Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Thamar Silva de Araújo

**“Sobre uma concepção
psicanalítica do afeto”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Octavio Almeida de Souza

Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. Marcus André Vieira

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Marta Rezende Cardoso

Instituto de Psicologia - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação

e Pesquisa do Centro de Teologia

e Ciências Humanas – PUC-

Rio

Rio de Janeiro, / /2004

Para o meu pai.

Agradecimentos

Ao meu querido orientador Octavio Almeida de Souza, por sua confiança no meu trabalho e pela liberdade concedida a mim durante todo o percurso. E, especialmente, por me mostrar a importância de definir, neste percurso, quais são os meus aliados. O que se reveste em mais do que traçar um caminho, escolher um caminho e ser coerente a ele. É percorrê-lo, pisando no seu chão e com os olhos abertos, resgatando a ingenuidade necessária para olhar.

À Capes, ao CNPq e à Puc-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À Junia de Vilhena, à Flavia Sollero de Campos e à Maria Elizabeth Ribeiro dos Santos, por acreditarem que eu merecia estar aqui.

A todos os professores e funcionários do Departamento.

À Adriana Ribeiro Rice Geisler, pela amizade e companheirismo durante todo esse longo tempo de jornada. Certamente tudo seria mais difícil se você não estivesse comigo.

À minha mãe, por simplesmente ter oferecido a sua mão, todas as vezes em que eu pedi.

À Thelma e à Thânia, sem as quais eu pouco teria para oferecer à vida.

Aos meus sobrinhos Felipe, Ana Carolina, Thiago, Amanda e Arthur, por me mostrarem que em tudo há sentido.

Ao Pedro, por nunca ir embora.

Resumo

ARAÚJO, Thamar Silva de; SOUZA, Octavio Almeida de. **Sobre uma concepção psicanalítica do afeto.** Rio de Janeiro, 2004. 113 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho procurou dar início ao estudo do estatuto do afeto na teoria psicanalítica, através da circunscrição dos problemas mais gerais suscitados pelo desenvolvimento impreciso da noção ao longo da própria construção teórica freudiana, e pela pluralidade de suas apropriações na literatura pós-freudiana. Para tanto, foram formados os seguintes pares conceituais como eixos de análise privilegiados: afeto e representação, qualidade e quantidade, afeto e inconsciente. O conceito de angústia como paradigma do afeto foi utilizado como a chave para clarear os impasses e as contribuições alcançadas durante todo este processo. A delimitação do estudo elegeu como referência teórica principal as formulações de André Green pertinentes ao tema, instaurando o ponto de partida que resitua a apreensão das implicações metapsicológicas subjacentes à problemática abordada.

Palavras-chave

metapsicologia, afeto, representação, angústia, André Green

Abstract

ARAÚJO, Tamar Silva de; SOUZA, Octavio Almeida de. **About a psychoanalytic conception of affect.** Rio de Janeiro, 2004. 113 p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work found to start a study about affect in psychoanalytic theory, through the circumscription of general problems reminded by the inexact development of the knowledge by along the self Freudian theoretical construction, and by the plurality of their appropriations in the post-Freudian literature. So, there were the following considered pairs as analysis focal points: affect and representation, quality and quantity, affect and insensibility. The concept of anxiety as example was used as a key to become clear the impasses and the contributions that were obtained during the whole process. The study delimitation has selected the manifests of André Green as main theoretical reference concerning to the subject, establishing the beginning that will restore the capture of metapsychological implications that are subjacent to the mentioned matter.

Keywords

metapsychology, affect, representation, anxiety, André Green

Sumário

1. Introdução	10
2. A leitura greeniana do afeto nos textos freudianos	16
3. Contribuições e impasses de algumas leituras pós-freudianas do afeto	55
4. Algumas particularidades do conceito de angústia em sua implicação com a concepção de afeto	89
5. Considerações finais	105
6. Referências bibliográficas	108

*A Mãe-Preta contava:
uma meninazinha
morava num sobrado
com uma cachorrinha.
E no meio da noite bateram na porta
e cantou lá fora
o Kibungo- Gerê.
- “ Kibungo- Gerê!...Kibungo- Gerê!...
Cadê Zabelinha, que eu quero comê!...”*

*Mas a cachorrinha, acordada,
cantou para o bicho
Kibungo- Gerê:
- “Zabelinha já lavou,
já deitou,
já dormiu!...”
E pela noite afora
foi andando embora
o Kibungo- Gerê.*

*A menina, com raiva,
matou a cachorrinha.
Mas na outra noite,
quando o bicho voltou.
a cachorrinha morta cantou no quintal...*

*A menina, de raiva, enterrou a cachorrinha,
a menina, de raiva, queimou a cachorrinha,
a menina, de raiva, jogou no rio a cinza
da brava cachorrinha,
que cantava acordada,
que cantava morta,
que cantava enterrada
que cantava nas cinzas
e que parou de cantar...*

*E a menina acendeu todas as luzes do sobrado,
para esperar o bicho
Kibungo- Gerê.*

*E o bicho voltou,
Kibungo- Gerê!...
e o bicho cantou,
Kibungo- Gerê!...
e foi abrindo a porta,
Kibungo- Gerê!...
e foi subindo a escada,
Kibungo- Gerê!... Kibungo- Gerê!... Kibungo- Gerê!...
Guimarães Rosa, A Terrível Parábola. In: Magma*

1 Introdução

A proposta fundamental deste trabalho se atém aos limites característicos de um percurso inicial. O estudo sobre uma concepção psicanalítica de afeto será apresentando através da circunscrição dos problemas mais gerais suscitados pelo desenvolvimento da noção durante o trajeto freudiano, e de suas apropriações por alguns autores pós-freudianos que se dedicaram ao tema. Assim, elegemos como referência teórica principal as formulações de André Green pertinentes à questão, instaurando o ponto de partida que resitua a apreensão das implicações metapsicológicas subjacentes à problemática abordada.

O afeto freudiano pode ser definido como uma quantidade que se experimenta como qualidade (BARROS:1999) ou, segundo Garcia (2002), o afeto expressa em Freud a quantidade pensada como qualidade. De acordo com Vieira (2001), o uso de uma metáfora energética para a descrição de um aparelho psíquico que é, em última instância, outra metáfora, não deve forçosamente opor duas ordens heterogêneas fundamentais: representação e energia pulsional. Da mesma forma, a oposição entre quantidade e qualidade deve ser recusada. Para nós, a construção da definição de afeto como representante da pulsão pode ser lida como consequência da escolha de um ponto de vista econômico como ponto de partida para uma construção teórica. Acreditamos que parte da imprecisão da noção deve ser atribuída à esta contingência. Desta forma, grande parte de sua problemática comporta questões relativas ao uso da hipótese econômica como linha de análise privilegiada na formulação e articulação dos conceitos que sustentam a noção.

O exame da postulação ou da negação de afetos inconscientes, e suas consequências quanto ao estatuto teórico do afeto são fundamentais. A psicanálise, centrada na primazia do inconsciente, tem suas bases na afirmação de sua legitimidade, traduzida na postulação de processos psíquicos inconscientes, de um sistema inconsciente e de pensamentos inconscientes. No entanto, a concepção freudiana de afetos inconscientes é, senão negada, confusa e bastante

complexa. Isso permite leituras antagônicas por parte de seus seguidores. Afirmativamente, a segunda teoria da angústia irá assinalar uma inversão em sua conceitualização metapsicológica que, de certa forma, possibilita várias interrogações sobre as conseqüências desta nova formulação teórica sobre o campo do afeto. Possibilitando, em diferenciadas interpretações, reconsiderações sobre os ponto de vista econômico, tópico e dinâmico da metapsicologia.

Há ainda uma dificuldade peculiar: apesar de aparecer em inúmeros textos freudianos, não há uma localização particular para o afeto no conjunto de trabalhos de Freud, que não lhe dedicou nenhuma obra específica. Conforme Green (1973), as mudanças teóricas firmadas por Freud levam, por vezes, a uma modificação do estatuto do afeto. Por outras, uma diferença de apreciação do valor funcional do afeto é a base para explicar uma mudança em conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Com isso, uma apreensão diferente da noção e de sua problemática orientará uma modificação do quadro teórico no qual ele será situado, caracterizando as várias concepções de afeto formuladas pelos autores pós-freudianos.

Tais questões encontram-se diretamente relacionadas à prática clínica freudiana original, onde as neuroses clássicas inauguraram o campo do modelo teórico, e o surgimento posterior de novos aspectos clínicos. É preciso também ressaltar que o afeto, emergindo na clínica, está estreitamente ligado às condições da experiência da transferência em análise (GREEN:1973).

De acordo com Vieira, o afeto, considerado como análogo ou emissário da energia psíquica, se encontra no lugar de um axioma causal essencial capaz de explicar muitas coisas sem se colocar em causa. Isso em parte explica a raridade de textos que se dedicam a examinar a problemática do afeto, como também a abundância de textos que o consideram um fenômeno explicativo (VIEIRA:1996). Se na maioria das vezes a noção de afeto postula uma teoria quantitativa dos investimentos, em outras ela é utilizada apenas em seu valor descritivo (LAPLANCHE & PONTALIS:1958) sem que haja, no entanto, uma definição do termo à qual podemos nos referir sem contestações. O afeto, compreendido como um termo metapsicológico, ainda constitui uma interrogação.

Com relação à terminologia e à semântica, a problemática da concepção psicanalítica do afeto possui uma analogia com a problemática da concepção filosófica do afeto. Conforme Green (1973), de acordo com o vocabulário

filosófico de Lalande ¹, à categoria do afeto opõe-se a da representação, assim como a sensibilidade se opõe ao intelecto. Os afetos, portanto, pertencem à esfera da sensibilidade, onde os estados de prazer ou de dor constituem, de algum modo, suas matrizes psíquicas. Também aqui há controvérsias em torno da memória afetiva. E a gênese do afeto é uma combinação de um efeito externo com um movimento interno, numa solidariedade entre os afetos violentos e a organização corporal. Para Green, tais questões podem nos indicar um pouco sobre as categorias de pensamento que determinaram o horizonte conceitual de Freud. Ainda que Green aponte o alcance revolucionário da teoria freudiana, pela subversão relativa de tais categorias, afirma o autor que a obra freudiana permanece dentro da metafísica ocidental. Para Vieira, ao contrário, a experiência freudiana modifica radicalmente o binômio corpo- alma, tanto em sua concepção, quanto nas relações que supõe (VIEIRA:2001).

Em nosso trabalho, vários são os motivos que nos remetem à Espinosa e à sua teoria das afecções da natureza humana. Mas, ainda que consideremos fundamental a articulação da psicanálise com outros campos teóricos, nosso recorte se restringe ao campo psicanalítico. Assim, apenas destacaremos que, para esse autor, as relações entre a alma e o corpo são de correspondência ou de expressão, não havendo hierarquização das essências nem relação de causalidade. Alma e corpo exprimem no seu modo próprio o mesmo evento. O movimento interno do corpo e o nexos interno das idéias na alma constituem a essência do homem – o *conatus*, que é o esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a ela, e para expandir-se e realizar-se plenamente. Na ação, o *conatus* incorpora o exterior graças ao seu próprio poder, enquanto que, na paixão, ele se torna incapaz disso. Dessa forma, a ação será uma causa adequada, e a paixão, uma causa inadequada. A partir disso, Espinosa definirá a essência humana pelo desejo, que é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente a sua força. A paixão também procura bens capazes de conservar o *conatus*, e a primeira forma de liberdade não consistirá em livrar-se das paixões, mas deixar-se vencer apenas pelas paixões positivas. Não é

¹ É preciso ressaltar, no entanto, que o vocabulário filosófico de Lalande não comporta o termo *affect*, mas apenas *affecter*, *affectif*, *affection*, *affectivité*, sendo esses os termos a que fazemos referência aqui. O termo *affect* é especificamente psicanalítico em francês, e sua importação para a língua francesa deveu-se à Freud (GREEN:1973).

uma ação que vence uma paixão, mas uma paixão mais forte que vence outra mais fraca (CHAUÍ:1973) ².

Segundo Imbasciati (1991), o afeto ressalta exatamente aquilo que a psicanálise considerou o ponto de partida da vida psíquica e do desenvolvimento mental. Em Freud, tal desenvolvimento é feito a partir de impulsos internos – as pulsões – logo, de um “endos” inato, de derivação biológica. Aproximar afeto e representação é, assim, uma tentativa de estabelecer uma ligação entre a posição empírica e a posição inatista, “entre a experiência e tudo o que foi considerado endógeno, procurando principalmente na primeira a origem que foi atribuída ao segundo” (IMBASCATI:1991). Logo, é necessária uma revisão não somente da oposição entre a representação e o afeto, mas de toda a teoria freudiana, por sua tendência em compreender o desenvolvimento humano prioritariamente na economia dos seus “instintos” em detrimento de suas relações com o mundo ³.

O *Discurso Vivo* é a obra por nós escolhida como referência principal de nosso trabalho. Nela, o propósito de Green é duplo: uma crítica à trajetória lacaniana que, segundo ele, está fundada “numa exclusão, num esquecimento do afeto” (GREEN:1973), propósito este que o autor denomina de conjuntural, e a proposição de uma teoria psicanalítica do afeto, onde o autor nos apresenta o seu modelo teórico hipotético, denominado de *processo*. Com ele, o autor pretende fornecer as indicações estruturais relativas às diversas categorias de afeto, onde o afeto deve ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico.

O trabalho de Vieira possui a intenção de reconsiderar o lugar do afeto na psicanálise. Mas especificamente, respondendo à crítica de que Lacan descarta o afeto em sua teoria. Neste contexto, o objetivo de Vieira não deixa de ser um reflexo: refutar a tese greeniana, que aponta o esquecimento do afeto na teoria lacaniana. Vieira utiliza como método a interrogação do estatuto do modelo cartesiano em suas diversas apreensões pela psicanálise, para mostrar que Lacan segue os passos da elaboração freudiana do afeto, na consideração de uma

² É no exame da problemática do desejo, das paixões e da liberdade, que Espinosa fundamenta a sua ética, que é separada da moral, e que se constitui numa referência para a ética lacaniana.

³ Imbasciati inicia a revisão dessa problemática em seu livro *Il Protomentale*, nos anos 1978-81, e a elabora imediatamente após em *Sviluppo Psicosessuale* e *Sviluppo Cognitivo*, em 1980-83, delineando uma teoria particular do desenvolvimento mental, denominada de “Teoria do Protomentale”. E que, segundo o autor, é indubitavelmente possível de ser inserida na área psicanalítica, em particular, na Kleiniana. Tal teoria, no entanto, possui muitos pontos de contato com outras disciplinas psicológicas. Imbasciati privilegia um aspecto particular, centrado no valor

evolução histórica nos dois autores, onde a teoria da angústia representa o pivô (COTTET:2001). Para este autor, é necessário evitar toda concepção globalizante do afeto, e promover uma clínica diferencial dos afetos.

Não se trata, nos limites deste trabalho, de apresentar os argumentos de Green em sua crítica a Lacan, nem as refutações aos quais esses são submetidos por Vieira. Para isso deveríamos examinar profundamente a teoria desenvolvida por Lacan, o que resultaria num outro trabalho. Portanto, tampouco faremos referência ao desenvolvimento teórico de Vieira sobre o afeto. Nosso propósito é outro, e bem restrito. Trata-se tão somente de delinear as principais fronteiras entre as diversas concepções de afeto na psicanálise, na tentativa de identificar quais são os seus contrapontos⁴ possíveis.

Assim, primeiramente faremos um exame, a partir de uma leitura greeniana, dos textos freudianos que remetem à construção da noção, com a finalidade de estabelecer as bases onde serão firmados os elementos que sustentam os objetivos do nosso trabalho. Para tanto, foram utilizados no segundo capítulo os seguintes pares conceituais como eixos de análise: afeto e representação, qualidade e quantidade, afeto e inconsciente. O terceiro capítulo é dedicado ao exame da produção pós-freudiana referente ao tema, onde procuraremos identificar as contribuições e os impasses dos trabalhos apresentados, acrescentando, às categorias de análise já utilizadas no capítulo precedente, indicações sobre o conceito de angústia, alçado por grande parte dos autores pós-freudianos como o paradigma do afeto. Em seguida, a partir de uma retrospectiva breve da primeira e da segunda teoria da angústia em Freud, assinalaremos, no quarto capítulo, a especificidade da implicação do conceito de angústia na reformulação da concepção do afeto, como a chave para clarear os impasses e as contribuições alcançadas durante todo este processo.

Queremos ressaltar, por fim, que a prática clínica e a pesquisa psicanalítica se entrelaçam na delimitação de seu objeto teórico, circunscrevendo

representacional dos objetos internos descritos pela psicanálise, o que, para ele, é a base para uma psicanálise dos processos cognitivos.

⁴ O contraponto é a arte de combinar entre si as linhas melódicas. Surgido aparentemente no séc IX, era apenas uma segunda voz que seguia a melodia gregoriana em paralelo, por um intervalo de quarta. No século XI, ele se torna mais complexo, a segunda voz perde a característica de paralelismo, se movimentando livremente, não mais ‘nota contra nota’ (BEAUSSANT:1997). É este último sentido do conceito musical que utilizamos aqui como uma metáfora.

uma metodologia específica. Porém este trabalho, por suas pretensões, se limita à exposição e à análise da produção teórica condizente com os seus objetivos.

2

A leitura greeniana do afeto nos textos freudianos

A história da conceitualização do afeto para a psicanálise, assim como a história da própria psicanálise, é construída a partir da etiologia específica proposta por Freud para a histeria. Na compreensão do fenômeno histórico, Freud utiliza uma concepção econômica, explicitada na postulação de um excesso de excitação no sistema nervoso. A noção de uma “quantidade deslocável” é apresentada por Freud num artigo sobre a histeria para a *Encyclopédie de Villaret* em 1892 (GREEN:1973):

“Paralelamente aos sintomas físicos da histeria, um certo número de desordens psíquicas pode ser observado... São mudanças na passagem e na associação de idéias, inibições da atividade da vontade, aumento e supressão dos sentimentos etc. que podem ser resumidos em mudança na distribuição normal sobre o sistema nervoso de quantidades estáveis de excitação” (FREUD:1892 apud GREEN:1973).

Um ano após, no texto *Alguns pontos para o estudo comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas* (1893[1888-1893]) o autor introduz, na seção IV, a expressão “quota de afeto”:

“Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada quota de afeto da qual o ego se desfaz ou por meio de uma reação motora, ou pela atividade psíquica associativa. Se a pessoa é incapaz de, ou reluta em, eliminar esse afeto excedente, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma e se torna a causa de sintomas histéricos permanentes. A impossibilidade de eliminação torna-se evidente quando a impressão permanece no subconsciente. Denominamos essa teoria de *A Ab-reação dos Acúmulos de Estímulos*” (FREUD: 1893[1888-1893]).

O impedimento à ab-reação dos acúmulos de estímulos revela o mecanismo patogênico aqui apresentado. Em outras palavras, a tendência a conservar a soma de excitação constante pelos meios mais apropriados, estendendo-a associativamente ou descarregando-a, que atua no estado psíquico normal, não é realizada na histeria.

Se em *Alguns pontos para o estudo comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas* (1893[1888-1893]), a teoria da ab-reação começa a ser elaborada pelo autor, é na *Comunicação Preliminar* (1893) que Freud e Breuer desenvolvem inteiramente a concepção do afeto estrangulado, inteiramente associada à teoria traumática. A origem do sintoma histérico é procurada num acontecimento traumático a que não correspondeu uma descarga adequada. A persistência do afeto que se liga a uma recordação depende de variados fatores, e o mais fundamental deles está relacionado à maneira pela qual o sujeito reagiu a um determinado acontecimento. Nesse conjunto, a recordação de um acontecimento traumático cujo afeto não pode ser liquidado através da descarga por ab-reação espontânea, torna-se patogênica. Entretanto, a ab-reação provocada pela psicoterapia – ab-reação secundária – permite a associação entre a recordação patogênica e o acontecimento traumático, provocando a descarga do afeto estrangulado. Cabe ressaltar que, como já vimos, uma ab-reação total não é a única forma pela qual a recordação patogênica é liquidada. O afeto pode ser distribuído por circulação, através da integração da recordação numa série associativa.

“Para nossa grande surpresa, descobrimos que cada um dos sintomas histéricos desaparecia imediatamente e sem retorno quando se conseguia pôr em plena luz a recordação do incidente desencadeador, despertar o afeto ligado a este último e quando, em seguida, o doente descrevia o que lhe havia acontecido de maneira bem detalhada e dando à sua emoção uma expressão verbal” (FREUD:1893).

Isso só é possível porque, pelo processo terapêutico, um equivalente da descarga pelo ato pode intervir através da linguagem, que permite sua ab-reação, ligando a recordação ao acontecimento, assim como liga a carga estrangulada de afeto às representações. Sustenta Freud que “o ser humano encontra na linguagem um equivalente do ato, equivalente graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido da mesma maneira” (FREUD:1893). André Green assevera que a verbalização, nesse contexto, não é apenas uma operação intelectual (GREEN:1973):

“A linguagem não se reduz a permitir que a carga se desbloqueie e seja vivida, ela é, em si mesma, ato e descarga pelas palavras. O procedimento utilizado permite ao afeto verter-se verbalmente” (GREEN:1973).

Algumas linhas adiante, Green aponta que o papel desempenhado pelo afeto, a cujo destino encontram-se associados a recordação e o sucesso do tratamento, foi negligenciado por grande parte dos seguidores de Freud, pois “não basta recordar-se para curar” (GREEN:1973). Já em 1893, na *Comunicação Preliminar*, Freud declarava que “uma recordação desprovida de carga afetiva é quase totalmente ineficaz” (FREUD:1893). Aqui chegamos a uma das questões centrais da problemática do conceito: a oposição entre afeto e representação. Freud, nos *Estudos sobre a Histeria*, declara:

“Existia toda uma série de sensações e de representações paralelas. Ora era a sensação que sugeria a idéia, ora a idéia que por simbolização criara a sensação e freqüentemente acontecia de se perguntar qual desses dois elementos era o elemento primário...” (FREUD: 1895b).

De acordo com Green, o trauma, sua recordação e as representações patogênicas derivadas, o afeto não descarregado e a verbalização acompanhada de emoção fazem parte de uma rede indissociável. O reaparecimento do afeto é a condição para a efetivação do método e portanto, não se pode privilegiar a recordação ou a representação patogênica. “Do mesmo modo, a linguagem não pode ser trazida para o lado das representações, ela própria é modo de descarga, equivalente do ato” (GREEN:1973).

No artigo *As Psiconeuroses de Defesa*, publicado entre a *Comunicação Preliminar* e os *Estudos sobre a Histeria*, a noção de quota de afeto torna-se ainda mais precisa. A teoria da defesa, mencionada brevemente na *Comunicação Preliminar*, é discutida extensivamente, trazendo como conseqüência a apresentação, na segunda seção da obra, de uma das pressuposições mais gerais em que ela se fundamenta: a teoria da catexia e de seu deslocamento. E é no penúltimo parágrafo que encontramos a enunciação da hipótese de trabalho utilizada pelo autor que, segundo o mesmo, é “provisoriamente justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos” (FREUD:1894), e irá se tornar uma de suas hipóteses mais fundamentais:

“Refiro-me ao conceito de que nas funções psíquicas deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-

la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo” (FREUD:1894).

Na concepção de Green, Freud distingue, por conseguinte: 1) A quantidade mensurável de direito se não de fato; 2) A variação dessa quantidade; 3) O movimento ligado a essa quantidade; 4) A descarga (GREEN:1973). Se Freud, em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894), apresenta uma característica comum à histeria de conversão, às fobias e obsessões e a certas psicoses alucinatórias, ele também apresenta as características definidoras de cada uma delas. E isso só se torna possível pelo jogo articulado entre o afeto (aqui, como já vimos, também denominado “soma de excitação”) e a representação (aqui denominada “idéia incompatível”) proposto pelo autor, onde representação e afeto sofrem destinos diferentes conforme as entidades clínicas.

Na histeria, a idéia incompatível é tornada inócua “pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática” (FREUD: 1894), o que leva o autor a propor, pela transformação do afeto, o nome de histeria de conversão. Nas obsessões e fobias, “a idéia, agora enfraquecida, é ainda deixada na consciência, separada de toda associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras idéias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa ‘falsa conexão’, tais idéias desenvolvem-se como obsessivas” (FREUD: 1894). Nos dois primeiros casos, a defesa contra a idéia incompatível é efetuada “separando-a de seu afeto” (FREUD: 1894), mas a idéia permanece na consciência, “ainda que enfraquecida e isolada” (FREUD: 1894). Em certas psicoses alucinatórias, porém, “o ego rejeita a idéia incompatível juntamente com o seu afeto” (FREUD: 1894), comportando-se como se ela jamais tivesse ocorrido, sendo esta defesa, para Freud, a mais poderosa e bem-sucedida, mas à medida que “o ego alcança em seu resultado, ele também se destaca, parcial ou inteiramente, da realidade” (FREUD: 1894).

Dessa forma, Freud introduz a idéia da transformação em sentido amplo, agindo em outras psiconeuroses. Transformação que diferencia o afeto em relação às representações e cujo destino não é exclusivamente o da conversão (GREEN:1973). Nesse mesmo ano, na *Carta 18 à Fliess*, ele escreve: “Conheço três mecanismos: 1. O da conversão dos afetos (histeria de conversão); 2. O do deslocamento do afeto (obsessões); 3. O da transformação do afeto (neurose de angústia e melancolia)” (FREUD:1950[1892-1899]). No *Estudos sobre a Histeria*,

Freud declara que, tendo sido inevitável a descarga de afeto através de um reflexo “anormal” (FREUD:1895b), a conversão se produzirá a partir deste, o que, segundo Green, resulta em uma dupla transformação: do “reflexo normal” em “reflexo anormal” e deste em sua conversão. Aliás, de acordo com Green, a própria origem do afeto está associada, segundo Freud, à transformação. O próprio afeto é, de alguma forma, o produto de uma conversão ao contrário (GREEN:1973). Assinala Freud:

“Todas essas inervações, todas essas sensações fazem parte da expressão dos movimentos emocionais, como sublinhou Darwin. Consistindo primitivamente em atos adequados bem motivados, esses movimentos, em nossa época, encontram-se geralmente tão enfraquecidos que sua expressão verbal nos aparece como uma tradução colorida, mas parece que tudo isso teve outrora um sentido literal. Talvez seja mesmo errôneo dizer que ela cria tais sensações por simbolização; talvez ela não tenha de modo algum tomado a linguagem usual como modelo, mas tenha bebido na mesma fonte que ela” (FREUD:1895b).

Para Green, a conversão histérica seria, assim, uma volta às fontes do afeto. E isso, de acordo com ele, importa menos do que a observação de Freud sobre a simbolização. Como também importa menos que a afirmação lacaniana de que o histérico fala com a sua carne.

“(…) parece-nos ainda mais verdadeiro dizer que o histérico submete-se à linguagem da carne bebendo numa fonte da qual ambos derivam. O discurso do histérico não tomaria, então, o modelo da linguagem para falar mas tanto a linguagem quando o sintoma mergulham suas raízes num fundo que lhes é comum”(GREEN:1973).

Podemos assinalar, a partir desses textos iniciais que remetem ao afeto, algumas das questões que contribuem para a imprecisão de sua concepção na teoria freudiana. A noção de afeto é construída a partir da postulação de uma teoria quantitativa de investimentos. Para Laplanche e Pontalis (1958), essa perspectiva é a única que pode traduzir a autonomia do afeto em relação às suas diferentes manifestações. Porém, muitas vezes as expressões afeto, quota de afeto, soma de excitação, aumento e supressão de sentimentos, afeto excedente, carga afetiva e sensações aparecem como sinônimos. A noção de afeto também é utilizada, ainda que menos freqüentemente, para designar a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte, possuindo apenas um valor descritivo sem que haja, no entanto, uma definição descritiva do termo.

Em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894) Freud faz uma analogia explícita entre soma de excitação e afeto, ao expor a característica comum à histeria de conversão, às fobias e obsessões e a certas psicoses alucinatórias:

“A tarefa que o ego se coloca, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível simplesmente como ‘non arrivé’, não pode ser cumprida. Tanto os traços de memória como o afeto referente à idéia lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas é possível chegar a um cumprimento aproximado da tarefa, se o ego logra tornar fraca essa poderosa idéia, privando-a do afeto – soma de excitação – do qual ela está carregada”(FREUD:1894).

No entanto, no capítulo teórico do *Estudos sobre a Histeria*, são apresentadas razões para a suposição de que os afetos “acompanham um aumento de excitação” (FREUD:1895b), e que parece diferenciar afeto de soma de excitação. E na definição mais precisa de quota de afeto, pronunciada em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894), esta é apontada como uma das funções psíquicas. A incerteza aparente do lugar do afeto parece implicar a pluralidade de suas utilizações pelo autor.

As dificuldades de conceitualização do afeto estão estreitamente associadas às relações entre a quantidade (quota de afeto) e a qualidade (aspecto subjetivo) que a noção comporta. No *Projeto Para uma Psicologia Científica*, redigido em 1895, há uma tentativa de solução da oposição entre elas pela redução, tanto quanto o possível, dos problemas qualitativos às vicissitudes da quantidade. Nesse texto, o alcance do estudo do afeto vai bastante além das referências diretas que são feitas a esta noção. Os pressupostos fundamentais que sustentam a articulação teórica apresentada pelo autor nesta obra são a noção de quantidade e o princípio de inércia. A aspiração à descarga é essencial, e a retenção de uma certa quantidade é requerida pelas leis da vida.

No *Projeto*, a consideração da qualidade está subordinada à consideração dos processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais. (GREEN:1973) A noção de uma quantidade é introduzida pela denominação “*Q*”.¹ O modelo de um aparelho mental encontra-se inteiramente construído sobre a noção de uma quantidade de excitação que se desloca ao longo das cadeias neurônicas. Este aparelho, inicialmente qualificado de neurônico e, ulteriormente e definitivamente, de psíquico, executa um certo

¹ O “*Q*” e sua diferenciação “*Qη*” constituem um dos sinais alfabéticos apresentados no *Projeto*. Ambos, indubitavelmente, simbolizam “quantidade”, mas a diferença entre os termos existe, embora Freud não a indique nem a explique em parte alguma. Em certo trecho (p.476), ele parece finalmente explicá-la: “*Q*”, ao que tudo indica, é a “quantidade externa” e “*Qη*”, a “quantidade psíquica” — embora a redação não deixe de ter sua dose de ambigüidade (STRACHEY:1954).

trabalho que é uma exigência pulsional. Neste trabalho, no entanto, ela é descrita por Freud de diversas maneiras como, por exemplo, transformação da energia livre em energia ligada, adiamento da descarga e elaboração psíquica das excitações, num estudo quantitativo dos processos psíquicos, ou seja, do fluxo das excitações e energia que circulam no psiquismo.

A Q aparece neste ensaio já possuindo duas formas distintas: uma Q em estado fluente, passando através de um neurônio ou indo de um neurônio a outro, e uma Q mais estática, quando carrega os neurônios com uma certa fração dele próprio, caracterizando o investimento. Este último é um processo através do qual a energia é empregada em uma determinada atividade psíquica, sendo a elaboração psíquica a transformação do volume de energia, que permite dominar esta energia, derivando-a ou ligando-a. O uso destas noções para a construção de uma teoria da histeria e de uma teoria das neuroses atuais, engendrará dois aspectos fundamentais: a transformação da quantidade física em qualidade psíquica e o estabelecimento de caminhos associativos, que supõe como condição prévia essa transformação.

Toda vez que, no psiquismo, se introduz uma quantidade exagerada de excitação – energia livre –, é necessário vinculá-la a determinados focos energéticos, para expeli-la sem perder o controle e obter assim o alívio. A vinculação ocorre em nível inconsciente e faz com que o fluxo livre de energia seja convertido numa catexia, isto é, o fluxo de energia livre é investido, ligando uma determinada energia psíquica a uma representação, ou grupo de representações, a partir dos traços mnêmicos. Formam-se representações de experiências do mundo interno e externo, numa verdadeira rede de simulações mentais, que se originam a partir das facilitações deixadas pela passagem prévia de energia psíquica por um determinado caminho.

A distinção entre os dois estados da Q vai ganhando importância gradativa no *Projeto*. O primeiro indício dessa importância está relacionado com a análise do mecanismo para apontar a diferença entre alucinações e percepções, e o papel desempenhado nesse mecanismo pela ação inibidora procedente do ego², cujo efeito consiste em modificar o estado da Q em fluxo para um estado de Q estática num neurônio. Distinção esta posteriormente relacionada com a distinção entre o processo primário e o secundário. Porém, é somente na Parte III do

Projeto que ficam expostas todas as implicações da diferença entre um estado ligado e um estado móvel da Q . A necessidade da hipótese de haver dois estados de Q aparece, àquela altura, relacionada à análise do mecanismo do pensamento de Freud, que requer um estado no neurônio “que, embora na presença de uma catexia elevada, permite apenas uma corrente pequena” (FREUD:1950[1895]). O que permitiria a mensuração da Q de dois modos: pela altura do nível da catexia dentro de um neurônio e pelo índice de fluxo entre as catexias. A transformação da Q livre em Q ligada continuará sendo de suma importância para Freud. No artigo *O Inconsciente*, vinte anos depois da elaboração do *Projeto*, ele chega a declarar que “essa distinção representa a compreensão mais profunda a que chegamos até agora quanto à natureza da energia nervosa” (FREUD:1915c).

A natureza fundamental da Q sempre foi desconhecida, e isto é repetido com insistência já em seu artigo de origem. Para Green, parece mais provável que seja uma energia indiferenciada investindo vários sistemas (GREEN:1973). As propriedades de Q derivam da hipótese fundamental colocada por Freud em 1894, em seu artigo *As Psiconeuroses de Defesa*, aqui já exposta. A questão volta uma infinidade de vezes em obras posteriores, até ser expressa claramente em *Além do Princípio de Prazer*:

“A indefinição de todas as nossas discussões sobre o que descrevemos como metapsicologia se deve, naturalmente, ao fato de nada sabermos da natureza do processo excitatório que ocorre nos elementos dos sistemas psíquicos, e a não nos sentirmos autorizados a formular qualquer hipótese sobre o assunto. Estamos, conseqüentemente, trabalhando o tempo todo com um grande fator desconhecido, que somos obrigados a transportar para cada fórmula nova” (FREUD:1920).

Encontramos no *Projeto* relações entre a experiência de satisfação e o afeto. Na experiência de satisfação, o acréscimo da tensão interna provocada pela necessidade gera uma modificação interna intervindo, inicialmente, uma tentativa de descarga interna e externa, por manifestações emotivas e gritos, mas que se revela ineficaz. Para que a modificação interna se produza, é preciso uma ação específica capaz de suprir a necessidade pela satisfação. Esta ação específica é trazida pelo objeto externo, requerendo, conseqüentemente, uma modificação externa.

² Seções 14 e 15 da Parte I do *Projeto Para Uma Psicologia Científica*.

“Desse modo essa via de descarga adquire uma função secundária da maior importância, a da comunicação, e a impotência original do ser humano é a fonte primeira de todos os temas morais” (FREUD:1950[1895]).

Assim, a descarga pela emotividade e pela motricidade é associada à função de comunicação. A satisfação será, a partir de então, associada com a imagem do objeto que a proveu e a imagem motora do movimento reflexo que tornou possível a descarga, estabelecendo uma nova relação entre a percepção do objeto e a descarga interna, através de seu traço na imagem motora. Assegura Green que, desta forma, o afeto está associado à função de comunicação e, portanto, à linguagem, bem como à experiência corporal pela imagem motora da descarga (GREEN:1973).

Se o aumento da tensão interna está relacionado com a experiência de satisfação, a experiência de dor está relacionada à irrupção contínua de grandes quantidades externas de excitação no aparelho psíquico, produzida por efracção no sistema de proteção. Isso acarreta um aumento de intensidade do nível do investimento, uma tendência à descarga para eliminar essa quantidade em excesso e um investimento da imagem do objeto que provocou a dor, com vias de facilitação entre esses dois últimos.

Quando há um novo investimento da imagem mnêmica do objeto que provocou a dor, produz-se um estado semelhante, porém enfraquecido. Estado este que não pode ser denominado dor, mas desprazer, ocasionando a descarga do investimento, em virtude da facilitação acima, no interior do corpo. Posteriormente, os traços da experiência da dor ocasionam investimentos progressivamente mais atenuados da imagem mnêmica do objeto que provocou a dor, realizando cada vez mais o papel de sinais e acarretando operações defensivas progressivamente mais importantes.

Na opinião de Green, a experiência da dor remete ao modelo do afeto de modo mais explícito do que a experiência de satisfação. A satisfação está unida ao afeto pela descarga motora e emotiva, mas os traços da experiência da dor fazem referência explícita a uma descarga interna e secretora e, para Freud, o afeto é o produto de tal descarga interna e secretora. O modelo freudiano do afeto é mais constantemente utilizado para as experiências de desprazer, de dor e de angústia do que para as experiências de satisfação e prazer (GREEN:1973).

Conforme Green, os traços das experiências de dor são afetos, e os traços das experiências de satisfação são estados de desejo. No desejo a elevação de tensão é produzida por somação, levando ao investimento alucinatório do objeto, no afeto, a elevação de tensão é produzida por descarga brusca. Se, no sentido amplo, o desejo é afeto posto que comporta um estado afetivo no sentido da linguagem corrente, para a psicanálise só a descarga interna, endógena e secretora ligada à imagem mnêmica do objeto hostil merece esta denominação³. Acrescenta-se a essa especificidade uma dimensão de violência na reação e de participação corporal intensa. Green ressalta, ainda, que o afeto é produzido durante a repetição da experiência orgânica da dor. É essa qualidade reprodutiva que lhe concede sua dimensão propriamente psíquica (GREEN:1973).

Para Freud, o investimento alucinatório do estado de desejo e a facilitação à descarga de desprazer do investimento da experiência da dor, revelam que o investimento egóico ainda encontra-se sob o domínio das primeiras vias de descarga e do processo primário. Necessário é que o ego desenvolva relações com a realidade, para inibir a capacidade de alucinar, permitindo a distinção entre alucinação e percepção. E que se previna da descarga contra o desprazer pela constituição de uma defesa e de um recalque. De acordo com Green, é no conjunto das afirmações freudianas sobre a experiência da dor que encontramos a relatividade do funcionamento desse dispositivo considerando-se a quantidade: acima de um certo limiar, a descarga é inevitável, ultrapassando a capacidade do ego, o que resulta numa perturbação patogênica do pensamento. A perturbação intervém igualmente quando no lugar da percepção surge uma recordação (GREEN:1973).

Freud assinala que são duas as condições para perturbar um processo psíquico normal: É preciso que a descarga sexual esteja mais ligada a uma recordação do que a uma experiência, e que esta descarga tenha ocorrido muito prematuramente. A soma dessas duas condições determinantes acarreta uma produção de afeto. E toda produção de afeto perturba o curso normal do pensamento por esquecimento das associações, baixa do poder de seleção e de lógica, e por utilização de vias abandonadas, em particular as que conduzem à

³ De acordo com Green (1973), é provavelmente para superar essa discordância que Laplanche e Pontalis propõem uma tese que sublinha o caráter traumático de qualquer manifestação pulsional previamente à satisfação ou à insatisfação que a ela se seguem.

descarga. Declara Freud: “Em conclusão, o processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido” (FREUD:1950[1895]).

Segundo Green, essa afirmação traz de volta o reconhecimento de que uma descarga de afeto intensa é produzida a partir da idéia desencadeadora. O papel do ego permanece o de evitar os processos afetivos posteriores e o de diminuir o favorecimento das antigas facilitações na direção da descarga, descarga esta que perturba as atividades de pensamento pela intensidade das quantidades que ela mobiliza. Por conseguinte, o ego inibe o processo primário com o auxílio da função de atenção, que o desperta para os sinais e lhe permite utilizar uma defesa (GREEN:1973).

A questão da qualidade é particularmente mais confusa no *Projeto*. É necessário distinguir a qualidade ligada à percepção externa; a qualidade ligada à representação: investimento alucinatório do objeto; a qualidade ligada ao afeto; a qualidade ligada aos processos. É necessário distinguir ainda os índices de qualidade e a consciência de qualidade. Os primeiros são fatores enganosos que permitem confundir os objetos da satisfação com os que lhes são análogos (GREEN:1973). Assegura Freud:

“Se uma descarga estivesse ligada à passagem do $Q\eta$ - além da simples circulação - assim como qualquer movimento, ela forneceria uma informação sobre o movimento. Afinal, os próprios índices de qualidade são apenas informações de descarga - de que tipo, aprenderemos mais tarde”(FREUD:1950[1895]).

Ao redigir o *Projeto*, Freud estabelece três sistemas. O sistema ϕ , ao qual atribui as quantidades exógenas e físicas do aparelho psíquico, o sistema Ψ , responsável pelas quantidades internas e psíquicas e o sistema ω , encarregado especificamente da qualidade. Os neurônios ω são excitados durante a percepção e a descarga desta excitação e que dá qualidade à consciência. No entanto, a qualidade só aparece onde as Q tiverem sido antecipadamente reduzidas. A receptividade adquirida do sistema determina uma permeabilidade completa e uma ausência de orientação ou de modificação pela excitação. Essa hipótese de funcionamento estabelece a transformação de uma quantidade externa em qualidade (ϕ em ω), onde o estado consciente representa o lado subjetivo dos processos físicos.

Os índices de qualidade aparecem exclusivamente no momento das percepções. Trata-se, portanto, de obter uma percepção da passagem de $Q\eta$ (GREEN:1973). Atesta Freud que a tendência a evitar o desprazer tende a se confundir com a tendência primária à inércia, o que implica, para ele, uma comunicação entre ω e Ψ ⁴. Para Green, tal afirmativa consolida a tentativa freudiana de redução da qualidade à quantidade. A consciência de um movimento voltado para o corpo que comporta uma descarga é acompanhada pela qualidade específica do afeto. A atenção não se dirige unicamente aos índices de qualidade pertencentes às propriedades externas do objeto, mas à percepção do processo interno de passagem de um $Q\eta$. Porém, não há indicação de que o sistema ω é que fornece essa percepção do movimento que traduz a passagem do Q no momento da descarga que ele acarreta (GREEN:1973).

Na *Carta 39* escrita à Fliess, um pouco depois da redação do *Projeto*, Freud faz uma retificação que, conforme Green, implicaria numa reinterpretação total do texto (GREEN:1973). O sistema ω , longe de transmitir a qualidade das percepções saídas de ϕ , não transfere nem quantidade, nem qualidade, mas se limita a excitar, isto é, indica o caminho a seguir. Daí decorre uma consequência importante: visto que ω não transmite qualidade a Ψ , os processos inconscientes permanecerão inconscientes, adquirindo apenas uma “consciência secundária e artificial ligando-se a processos de descarga e de percepção (associações verbais)” (FREUD:1950[1892-1899]). De acordo com Green, Freud procura, dessa forma, libertar-se do aspecto qualitativo dos fenômenos psíquicos, para descrever os processos psíquicos com a objetividade das ciências naturais, e conseqüentemente, reduzir ao mínimo a parte subjetiva, e para destacar a atividade psíquica da atividade consciente, posto que esta última implica obrigatoriamente a intervenção da qualidade subjetiva (GREEN:1973).

Ainda segundo Green, os processos de pensamento adquirem a qualidade da consciência pelas associações verbais que concretizam, via linguagem, as relações abstratas. Os processos de pensamentos são transformados pela linguagem em percepções. A qualidade, para Freud, na maioria das vezes está associada a um processo de descarga por sobreinvestimento ou pelo atingimento de uma limiar que ultrapassa as condições de contenção possíveis. A consciência

⁴ Não podemos esquecer que Ψ recebe ao mesmo tempo os investimentos transformados de ω e os

ligada ao afeto é contemporânea da descarga que ele produz no corpo. Se o limiar encontra-se abaixo da necessidade de descarga, o afeto pode passar despercebido para a consciência (GREEN:1973).

No ano de 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud apresenta suas formulações e hipóteses em termos psíquicos, deixando para trás as descrições neurológicas de seus primeiros textos. Em *Os Afetos no Sonho*, um subcapítulo do capítulo *O Trabalho do Sonho*, o autor atesta:

“É bem mais por seu fundo afetivo do que por seu conteúdo representativo que o sonho se impõe a nós como experiência psicológica”. E continua: “A análise nos ensina, na verdade, que os conteúdos representativos sofreram deslocamentos e substituições, enquanto os afetos não mudaram” (FREUD: 1900).

São cinco as transformações dos afetos no sonho: 1) O desaparecimento dos afetos no sonho (supressão), onde um conteúdo representativo pode ser completamente privado de seu afeto correspondente no estado de vigília.; 2) A transferência do afeto longe de seu representante numa outra parte do sonho (deslocamento); 3) O empobrecimento do afeto dos pensamentos do sonho no sonho (subtração), pelo qual podemos afirmar que o sonho opera um trabalho redutor sobre o afeto. Quando um afeto está presente no sonho, é encontrado nos pensamentos do sonho, mas o inverso não é verdadeiro. Exemplo característico da repressão dos afetos no sonho; 4) A transformação de um afeto em seu contrário (inversão), onde sentimentos proibidos são substituídos por seus opostos, sonhos de desejo são substituídos por sonhos de castigo. Essa transformação é resultado da censura, e pode, por vezes, não operar no próprio sonho, mas ser encontrada já pronta nos pensamentos da véspera; 5) O reforço do afeto do sonho em relação ao afeto dos pensamentos do sonho, através da substituição de afetos proibidos por afetos permitidos (reforço). Se um afeto no sonho aparenta corresponder ao afeto dos pensamentos do sonho, não podemos concluir por sua expressão tal como no sonho. Um auxílio é dado ao afeto do sonho por afetos não proibidos que mascaram os afetos proibidos, freqüentemente em relação com conteúdos proibidos.

Freud afirma que no sonho, ao contrário do que ocorre nas psiconeuroses, a conservação da qualidade do afeto é sempre acompanhada por uma inibição afetiva. Isso é facilmente identificado na supressão e na subtração. Mas ao

investimentos das vias de “condução endógena”(GREEN:1973).

analisarmos o reforço, o deslocamento e a inversão, aparentemente nos deparamos com uma contradição entre a hipótese do estado não modificado e inibido do afeto e essas transformações. Para Green, além de todos esses mecanismos terem por objetivo a repressão do afeto (e, quando ultrapassam a simples redução, é porque esta é insuficiente), apesar de alguns deles serem semelhantes aos da representação, o afeto resiste à fragmentação, ao contrário daquela (GREEN:1973). Escreve Green:

“O que Freud quer dizer é que, apesar da presença de mecanismos semelhantes para os conteúdos representativos e o afeto, não é possível que os afetos se fragmentem num pequeno número de elementos como os conteúdos representativos e constituam novas totalidades, inteiramente deformadas em relação ao encadeamento dos pensamentos dos sonhos, reunidas num agrupamento incompreensível e, à primeira vista, ininteligível. O afeto resiste a tal fragmentação, por isso, freqüentemente, ele é o elemento do qual não se deve tirar os olhos na análise do sonho. Para interpretar o sonho convém restituir-lhe sua força originária e restituí-la em seu lugar exato. Operação conjetural, mas não mais do que a reconstituição do quebra-cabeça associativo. O afeto é o guia mais seguro. Assim, a censura comporta dois efeitos: a deformação que incide sobre os conteúdos representativos e a inibição que incide sobre os afetos. Portanto, recálque dos conteúdos será oposto a repressão dos afetos”(GREEN:1973).

Freud argumenta que o desencadeamento do afeto é um processo orientado para o interior do corpo, correspondendo para o corpo ao que as descargas motoras são para o mundo exterior. No decorrer do sono as descargas motoras são suprimidas; uma paralisia análoga atinge as descargas para o interior do corpo e os impulsos afetivos que se produzem durante a formação do sonho são fracos por si mesmos. Desta forma, a repressão dos afetos não seria o resultado do trabalho do sonho, mas consequência do sono. Uma hipótese orgânica, onde Freud irá acrescentar a declaração de que ao nível propriamente psíquico, todo sonho é um compromisso de forças psíquicas opostas (desejo e censura). Além disso, no inconsciente, onde não há contradição possível, todo pensamento está ligado a seu contrário. Portanto, a repressão do afetos é uma consequência da inibição que os contrários exercem uns sobre os outros e da ação da censura sobre os impulsos.”A inibição afetiva seria então o segundo efeito da censura, a deformação era o primeiro” (FREUD:1900).

No capítulo VII, intitulado *A Psicologia dos Processos do Sonho*, assegura Freud que a realização dos desejos “provoca um sentimento não de prazer, mas de

desprazer, e é precisamente essa transformação de afetos que é a essência do que chamamos recalque” (FREUD:1900), impedindo o desenvolvimento de estados afetivos que primariamente provocam prazer mas que, devido ao recalque, desencadeiam desprazer. A repressão “se exerce sobre o conteúdo representativo do inconsciente porque é aí que poderia se liberar o desprazer” (FREUD:1900). Dessa forma, o afeto é reprimido através do seu conteúdo. Para Green, por conseguinte, é impossível opor terminantemente repressão e recalque. Em outras palavras, não podemos facilmente relegar o recalque exclusivamente ao conteúdo, enquanto a repressão pertenceria apenas ao afeto (GREEN:1973). Freud, numa nota do capítulo VII declara: “Omiti dizer que diferença que eu fazia entre as palavras reprimido e recalcado. O leitor terá compreendido que a última acentua mais o caráter inconsciente” (FREUD:1900).

De qualquer forma, é através do pré-consciente que se produz a repressão inibidora. Esta não permite ao conteúdo representativo do inconsciente o envio de impulsos desencadeadores do efeito motor secretor que a produção do afeto acompanha. Porém, a baixa do investimento pré-consciente torna possível às excitações inconscientes liberadas o desencadeamento desses afetos, como ocorre no sonho e elucida os sonhos de angústia. A redução dos efeitos do PCs enfraquece sua repressão por via do conteúdo representativo, determinando a repressão direta dos afetos no sonho (GREEN:1973).

Na concepção de Green, as diferenças entre recalque e repressão são de graduação, e não de natureza dos mecanismos. Os mecanismos de trabalho do sonho, que recaem sobre os conteúdos representativos dos desejos recalcados, podem operar nos afetos do sonho para finalizar sua repressão. Tampouco a repressão deve ser compreendida como um processo apenas quantitativo, pois é preciso recorrer a deformações e disfarces para concluir a redução afetiva. A repressão pode incidir sobre conteúdos representativos pré-conscientes mas, para este autor, a essência do recalque é constituída por uma transformação de afetos (GREEN:1973).

“Tudo aconteceu como se houvessem querido levar demasiado longe, mais longe do que Freud, alguma de suas hipóteses. A idéia da independência relativa do representante e do afeto incitou a propor uma oposição absoluta que pretendeu ligar conteúdo representativo, recalque inconsciente numa concepção estreitamente estrutural de um lado, e afeto, repressão, consciente e pré-consciente por outro. Ora, embora Freud sustente uma distinção de destino nas

psiconeuroses entre o representante e o afeto, essa oposição nunca foi tão clara” (GREEN:1973).

No *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis definem o afeto como a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações (LAPLANCHE & PONTALIS:1958). Será nos escritos metapsicológicos que Freud irá distinguir o aspecto subjetivo do afeto dos processos energéticos que o condicionam. A diferenciação entre afeto e quota de afeto esquematiza a diferença entre qualidade e quantidade. Porém o autor continuará usando indistintamente os termos afeto e quota de afeto, apagando, por vezes, tal oposição. A quota de afeto traduziria o aspecto propriamente econômico, como um conceito caracteristicamente metapsicológico, sem possuir valor descritivo, e que corresponderia à pulsão “... na medida em que esta se separou da representação e encontra uma expressão adequada à sua quantidade em processos que se tornam sensíveis para nós como afetos”(FREUD:1915b).

O afeto e o termo representante só aparecem na metapsicologia no artigo sobre *O Recalque*. Isto leva Green a supor que Freud tivesse deixado entender que, antes do efeito do recalque, o afeto enquanto tal não podia ser discriminado ao nível do funcionamento pulsional, onde representante e afeto estão confundidos. Entretanto, a finalidade do recalque é uma transformação de afeto – de prazer em desprazer – e a finalidade da pulsão é o de uma produção de afeto. Para Green, o recalque torna particularmente aparente a separação entre o representante e o afeto, possibilitando considerar este último isoladamente (GREEN:1973).

O recalque originário advém sobre o representante pulsional que é impedido de permanecer no consciente. Esta recusa incide sobre o afeto de desprazer que sobreviria. O recalque opera, dessa forma, uma inibição afetiva indireta através do representante, constituindo um paradoxo: O recalque opera para impedir o aparecimento do desprazer, mas o próprio desprazer é o efeito do recalque que transformou o prazer em desprazer. Correlativamente, a suspensão temporária do recalque permite fazer aparecer prazer onde haveria produção de desprazer (anedota). Porém, o recalque do representante não constitui toda a operação. As variações da quantidade de investimento energético cumprem uma ação importante sobre os derivados recalcados, sobre sua conservação no estado

recalcado e sobre a tolerância da qual são objeto para a consciência ou sua admissão nela (GREEN:1973).

“É da experiência cotidiana que tal derivado permaneça não recalcado durante o tempo em que representa uma pequena energia, embora seu conteúdo seja próprio a provocar um conflito com aquilo que domina na consciência. Mas o fator quantitativo se mostra decisivo para o conflito; quando a representação chocante em seu fundo se reforça além de um certo grau, o conflito se torna atual e é precisamente a ativação que acarreta o recalque”(FREUD:1915b).

Este segundo mecanismo, de natureza econômica, completa o primeiro que, consoante com Green, poderia ser chamado de natureza semântica. Há um apoio mútuo entre eles e uma equivalência. A aproximação do núcleo ativo do inconsciente e o acréscimo do investimento energético originam resultados idênticos. Do mesmo modo, o afastamento do inconsciente e a deformação seguem a diminuição do investimento. Tal constatação leva Freud a fazer uma distinção. Algumas páginas adiante, nós encontramos a seguinte afirmação:

“Até esse momento, em nosso exame, tratamos do recalque de um representante pulsional, entendendo por este último uma idéia ou grupo de idéias, catexizada com uma cota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de uma pulsão. Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente momento consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação, nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo da pulsão tem que ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de recalque que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão quota de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento psíquico. Corresponde à pulsão na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos” (FREUD:1915b).

São muitas as considerações construídas a partir dessa afirmação. A primeira e talvez a mais importante delas é que tudo o que havia sido dito sobre o representante pulsional engloba o afeto e a idéia. É neste artigo também que a afirmação do afeto e da idéia como representantes da pulsão é claramente anunciada. Além disso, a quota de afeto que encontra expressão em processos que são sentidos como afetos, sublinha a autonomia do afeto em relação à idéia e parece distinguir mais claramente a quota determinada de energia psíquica como o aspecto quantitativo do afeto. Além disso, de acordo com Green, a descrição do representante pulsional incluindo o afeto exige uma reinterpretação de todo o texto anterior, não sustentando a afirmação de que é apenas o representante-

representação que “se vê recusado a ser assumido no consciente, mas sim o representante psíquico dotado de sua cota determinada de energia psíquica” (GREEN: 1973).

No parágrafo seguinte do texto freudiano são apresentados os três destinos possíveis do fator quantitativo do representante pulsional: a repressão não somente do afeto, como também da representação; a expressão de um afeto qualitativamente definido, e a transposição das energias psíquicas das pulsões para afetos e – particularmente – para angústia. Segundo Green, a partir disso concluiu-se que o recalque agia somente sobre as representações, considerando que o afeto era objeto da repressão. Muito diferente para esse autor, no entanto, é o encaminhamento seguido pela continuação do texto (GREEN:1973):

“Recordamos o fato de que o motivo e o propósito do recalque nada mais eram do que a fuga ao desprazer. Depreende-se disso que a vicissitude da quota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da idéia, sendo esse fato decisivo para a nossa avaliação do processo do recalque. Se um recalque não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de angústia, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito no tocante à parcela ideacional” (FREUD: 1915b).

Para Green, tal declaração sustenta que o sucesso do recalque depende da vicissitude do afeto. Já que a finalidade do recalque é justamente esta inibição total do afeto de desprazer (GREEN:1973).

“Tudo se passa como se, como no sonho, ao lado da via indireta de inibição afetiva pela ação sobre os representantes suscetíveis de despertar o afeto indesejável, uma outra via direta se exercesse por intermédio do recalque (pouco importa que seja ou não chamada de repressão) sobre o afeto. Certamente a questão requer um exame complementar devido às relações entre recalcado e inconsciente e, conseqüentemente, entre inconsciente e afeto. Mas quanto à ação do recalque sobre o afeto, o exame do que precede mostra suficientemente que não se pode subestimar sua importância fazendo da repressão um sucedâneo menor que o recalque” (GREEN:1973).

No artigo sobre *O Inconsciente* (1915c) Freud retorna ao afeto no capítulo *Sentimentos Inconscientes*, indagando já em seu primeiro parágrafo se “existem moções pulsionais, sentimentos, sensações inconscientes, ou, nesse caso, não terá sentido formar combinações desse tipo?” (FREUD: 1915c). Para Green, é preciso refletir sobre a necessidade do autor em fazer tal indagação. Freud acaba de defender a legitimidade do inconsciente e a dissolução da solidariedade

tradicional entre o psíquico e o consciente, asseverando a existência de pensamentos inconscientes, de processos psíquicos inconscientes e de um sistema inconsciente, argumentando e contra-argumentando seus opositores. Entretanto, mantém a indagação quanto à existência de afetos inconscientes (GREEN:1973).

Apresentando sua opinião de que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões, Freud afirma em seguida que “uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência, só o pode a idéia que a representa. Além disso, mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser representada de outra forma a não ser por uma representação” (FREUD:1915c). De acordo com Green, as citações que insistem ser o inconsciente o lugar das representações da pulsão se apóiam nessa afirmação. Aparentemente, Freud afirma também que a representação é o único modo da pulsão se fazer representar no consciente. Todavia, no capítulo antecedente, o autor salientou extensivamente o afeto como o modo privilegiado de representação pulsional. Segundo Green, a continuação do texto irá apontar a legitimidade de tal representação (GREEN:1973):

“Se a pulsão não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ela. Não obstante, quando falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional recalcada, a imprecisão da parafraseologia é inofensiva. Podemos apenas nos referir a uma moção pulsional cuja representação ideacional é inconsciente, pois nada mais entra em consideração” (FREUD:1915c).

Apesar de Freud freqüentemente empregar moção pulsional e pulsão como sinônimos, há uma pequena diferença entre os termos. A moção pulsional designa a pulsão sob o seu aspecto dinâmico, isto é, a pulsão em ato, no momento em que se atualiza e se especifica num estímulo interno determinado. Não é possível para a moção pulsional, para a pulsão, tornar-se diretamente objeto da consciência. Desse modo, não podemos pensar em pulsão sem falar em seus representantes. Aliás, tomando as palavras de Freud: “Não há pulsão sem representação, assim como não há representação sem pulsão” (FREUD:1915c). A representação e o afeto são os representantes da pulsão no psiquismo, portanto, porque caberia apenas ao primeiro o conteúdo do inconsciente? Para Green, a declaração de que existem afetos inconscientes constitui uma afirmação aparentemente irrealizável, visto que consideramos da essência de um sentimento ser percebido, logo, conhecido pela consciência. Green declara que Freud, contudo, vai considerar os

casos de desconhecimento do afeto, pelo destacamento do representante que lhe é afetado, e substituição por um outro representante em seu lugar, causa desse desconhecimento, como é freqüentemente observado na neurose obsessiva (GREEN:1973). Na página seguinte, ao mencionar os três destinos possíveis do afeto, já apresentados no texto sobre o *Recalque* (1915b), Freud, ao afirmar que um afeto pode ser reprimido, acrescenta: “isto é, impedido de se desenvolver” (FREUD:1915c), e encontramos a resposta completa à sua indagação inicial:

“Sabemos, também, que a repressão do desenvolvimento do afeto constitui a verdadeira finalidade do recalque, e que seu trabalho ficará incompleto se essa finalidade não for alcançada. Em todos os casos em que o recalque consegue inibir o desenvolvimento de afetos, denominamos esses afetos (que restauramos quando desfazemos o trabalho de recalque) de ‘inconscientes’. Assim, não se pode negar que o emprego das expressões em causa é coerente, embora, em comparação com idéias inconscientes, se verifique a importante diferença de que, após o recalque, idéias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema Ics., ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver. A rigor, então, e ainda que não se possa criticar o uso lingüístico, não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas no Ics., que, como outras, se tornam conscientes”(FREUD:1915c).

Freud declarava, no início do artigo, que a essência do recalcado não consistia em aniquilar uma representação representando a pulsão, mas em impedi-la de se tornar consciente. A partir desta última citação, considera Green que o recalque preserva a existência da representação, contanto que ela permaneça inconsciente – “ausente, latente, tornada incognoscível pelas deformações e pelas associações etc” (GREEN:1973). Em compensação, o recalque visa suprimir o fator quantitativo, o investimento energético que deve ser aniquilado tanto quanto possível. No sentido econômico, é o afeto que deve ser tornado inconsciente, no sentido tópico e sistemático, é a representação. O recalque opera sobre o afeto pela repressão, embora, no sentido tópico, acentue seu caráter inconsciente. Portanto, a repressão aparece como um dos procedimentos à disposição do recalque para a conservar o que deve ser conservado, distanciado da consciência. O afeto reprimido é tornado inconsciente; nas palavras de Green, “a repressão é o objetivo específico do recalque” (GREEN:1973).

Na citação freudiana fica clara a diferença de estado no inconsciente para a representação e o afeto. O representante continua como uma formação completa no Ics, enquanto o afeto reprimido só subsiste no estado de rudimento, sem

possibilidade de desenvolvimento. Em caráter estrito, não existe “afeto inconsciente como existem representações inconscientes” (FREUD:1915c). O que, segundo Green, não significa dizer que não existem afetos inconscientes, mas sim que o inconsciente não se dá do mesmo modo para o afeto e para a representação, embora Freud admita que possam existir no Ics formações afetivas. Para Green, é uma questão de interpretação. A acentuação das possibilidades de estruturação, amplas para a representação, restritas para o afeto, apontará para uma diferença de natureza. Se o propósito em vista é o objetivo do inconsciente, veremos somente uma diferença de grau entre o caráter rudimentar do afeto no inconsciente e o desconhecimento das representações recalcadas. O motivo de todas essas diferenças é apresentado por Freud a seguir (GREEN:1973):

“A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente de traços de memória – enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (FREUD: 1915c apud GREEN:1973).

Do ponto de vista econômico, a idéia é vista como sendo da ordem do investimento, enquanto o afeto é considerado da ordem da descarga. A partir dessas novas contribuições à noção de afeto, é possível considerar que as sensações de descarga correspondem ao aspecto quantitativo do afeto – a energia psíquica ou quota de afeto, e as sensações de prazer e desprazer correspondem ao aspecto qualitativo, o afeto propriamente dito. Porém, a correlação entre o princípio de prazer e o princípio de constância levaram à suposição de que a noção de afeto sempre esteve associada ao desprazer, visto que ele está referido ao acúmulo de excitação que visa à descarga. Aliás, segundo Laplanche e Pontalis, o termo afeto, utilizado por Freud a partir da terminologia psicológica alemã, desde o início esteve associado à expressão de um “estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, que se apresenta sob a forma de uma descarga maciça ou tonalidade geral”(LAPLANCHE & PONTALIS:1958).

Em outras palavras, o afeto possui tanto um aspecto quantitativo quanto um aspecto qualitativo, e as suas expressões são expressões qualitativas da quantidade de excitação proveniente da fonte pulsional (LAPLANCHE & PONTALIS:1958). Nas *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (1916-1917) é feita uma distinção mais clara desses aspectos, distinguindo as descargas

de afeto das sensações ligadas a ele, sendo que as sensações são ainda consideradas como de dois tipos: as referentes às ações motoras ocorridas (descargas) e as sensações diretas de prazer e desprazer, que são as que conferem ao afeto seu tom dominante.

Entretanto, o aspecto mais importante de nossa última citação é a constatação de que a representação e afeto estão vinculados a sistemas diferentes. A primeira, como já dizemos, ao sistema da memória, da retenção, do investimento e, de acordo com Green, da concatenação, da ausência, da virtualidade. O segundo, ao sistema da descarga e, para Green, da qualidade, do esgotamento na não- conservação, da resistência à deformação e à associação, da recusa ou da impossibilidade de se conectar na ligação, da presença, da manifestação. Mas Green ressalta que tal oposição não deve ser levada demasiadamente longe ou muito absolutamente, pois o investimento do traço comporta uma descarga, e o afeto é considerado por Freud como produto de uma certa memória orgânica, tanto antes quanto depois da metapsicologia. Dessa maneira, a questão está contida quase que inteiramente na dimensão de um fator quantitativo (GREEN:1973):

“No afeto este último é ingovernável, exigindo a descarga, rebelde e impróprio a qualquer tratamento, enquanto que no traço mnêmico ele redutível, manejável, apto a ligar-se e a combinar-se. Uma vez mais encontra-se a oposição entre um processo que põe em jogo uma combinatória e uma força que lhe resiste e se manifesta descarregando-se no imediato, quando não é amordaçada pela repressão” (GREEN:1973).

Atenta Green que a postulação de uma redução ao estado de rudimento para a manutenção do afeto no inconsciente é, no mínimo, contraditória. Utilizando o caso clínico do Homem dos Ratos ele questiona se o afeto aqui presente, no inconsciente, existia no estado de rudimento, já que claramente se desenvolve intensamente:

“O Homem dos Ratos sentia esse gozo no estado consciente esforçando-se por ignorá-lo? Qualquer intervenção de Freud sobre tal gozo teria tido algum efeito, além de uma negativa esquiva?” (GREEN:1973).

Atesta o autor que Freud não leva em consideração o problema das relações entre o afeto e o inconsciente, que é o da transformação do afeto em seu contrário. E não se pode restringir a elucidar essa transformação por uma simples

substituição de representação; é indispensável elucidar a mudança de sinal do afeto como condição da manutenção do afeto no estado inconsciente. Se o recalque conseguiu inibir a transposição da moção pulsional em afeto, daí deriva que sua ação se exerce sobre a admissão à consciência, sobre o desenvolvimento do afeto e sobre o acesso à motilidade. No que diz respeito às duas últimas ações, pode-se dizer que o recalque se contrapõe ao desenvolvimento do movimento tanto na direção do mundo exterior quanto na direção do corpo (GREEN:1973).

Para Freud, “a afetividade se manifesta essencialmente em descarga motora (secretora, vaso- motora) destinada a transformar de maneira interna o corpo próprio, sem relação com o mundo exterior; a motilidade, em ações destinadas a transformar o mundo exterior” (FREUD:1915c). Sustenta Green que diante de tal afirmação, o afeto, além de se opor ao sistema da representação e da memória (traços mnêmicos), entra igualmente em oposição com o sistema do ato. E, para Green, ao passo que o consciente possui um controle sobre a motilidade solidamente estabelecido, o controle sobre a afetividade é mais vulnerável. A aceitação do afeto à consciência freqüentemente deve estar subordinada à sua ligação com um representante substituto do representante de origem. Todavia, uma transmissão direta é possível, quando o afeto é transformado em angústia: uma quota de energia afetiva irrompe do inconsciente para a consciência. Neste caso, o afeto originário, o que deu lugar à transformação em angústia, era inconsciente (GREEN:1973).

Segundo Green, a problemática do afeto permanece aberta na apresentação dos capítulos seguintes do artigo *O Inconsciente*, onde é ressaltada a estreiteza das ligações entre representações e afeto. A representação é vastamente dependente das variações quantitativas do investimento na formação do sintoma: retração do investimento pré-consciente, conservação do investimento inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um investimento inconsciente, transformação do afeto em angústia por desligamento do investimento pré-consciente e expressão direta do inconsciente, papel de contra- investimento da formação substitutiva, variações da excitação pulsional do interior por reforço de uma moção e etc. A definição das propriedades características do sistema Ics confirma essa unidade indissolúvel (GREEN:1973): “O núcleo do Ics é constituído por representantes da pulsão que querem descarregar seu

investimento, portanto, por moções de desejo” (FREUD:1915c apud GREEN:1973).

Aponta Green que as formulações freudianas sobre o inconsciente, principalmente as investigações feitas sobre a linha mestra que conduz a ele, foram utilizadas para defender uma teoria estrutural. O autor assegura que esta, porém, funda-se sobre a identificação dos grandes eixos formalizadores da linguagem, apoiando-se sobre o trabalho que concerne às representações. E que os afetos no sonho, embora sendo título de um subcapítulo do capítulo sobre o trabalho do sonho, não são abordados nessas teorizações. Ainda que Freud tenha aí declarado que “é bem mais por seu fundo afetivo do que por seu conteúdo representativo que o sonho se impõe a nós como experiência psicológica” (FREUD:1900). Atenta Green que o sonho nos apresenta uma estranha discordância entre o conteúdo representativo e o estado afetivo que lhe corresponderia no estado de vigília. Porém não é possível, ao despertar, repelir o afeto do sonho como absurdo, como se é tentado a fazer com os conteúdos. Por fim, Green assevera que um exame das relações entre o conteúdo manifesto e conteúdo latente nos impele a dar razão ao afeto (GREEN:1973): “A análise nos ensina, na verdade, que os conteúdos representativos sofreram deslocamentos e substituições, enquanto que os afetos não mudaram” (FREUD:1900).

Observa Green que no sonho, do mesmo modo que nas psiconeuroses, os disfarces, as deformações, atingem os conteúdos representativos. A censura exercida sobre estes se choca contra os afetos “que formam a parte resistente, a única que pode nos indicar como é preciso completar o conjunto” (FREUD:1900 apud GREEN:1973). Mas se algumas semelhanças os unem, algumas diferenças os separam do ponto de vista do afeto. Nas psiconeuroses “o afeto sempre tem razão” (FREUD:1900 apud GREEN:1973) na discordância que o une a um conteúdo. Ao contrário do que acontece com o sonho é possível que, embora conservando a sua qualidade, ele pode ser intensificado “por deslocamento da atenção neurótica” (FREUD:1900 apud GREEN:1973). No sonho, a conservação da qualidade é acompanhada por uma diminuição, por uma inibição afetiva. É o que mostram as diversas transformações no sonho.

Observa ainda o autor que, nos casos em que o sonhador está sob o domínio de um estado afetivo que determina o sonho, esse estado afetivo pode ser de duas fontes, psicológica ou orgânica. No primeiro caso, ele encontra sua raiz

nos pensamentos da véspera. No segundo, num estado somático. No primeiro, o conteúdo representativo desses pensamentos induzirá o estado afetivo, no segundo, o conteúdo representativo será induzido pelo estado afetivo, ele próprio ligado ao estado orgânico. Na opinião de Green, encontramos aqui a situação mediana do estado afetivo: produto ativo da causa psicológica, reflexo passivo da causa orgânica. Contudo, “essa origem bicéfala perde sua especificidade na cena do sonho, para se subordinar à realização do desejo. O sonho só pode tirar sua força pulsional do desejo, mesmo quando se trata de afetos penosos, que vêm apenas despertar vigorosos desejos destinados a se realizar no sonho” (GREEN:1973).

Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, escrito em 1905, confirmou o papel da ativação do afeto, consolidando que todos os processos afetivos, “inclusive o sentimento de pavor” (FREUD:1905a), repercutem sobre a sexualidade, e vice-versa; o afeto e a sexualidade aludem-se e reforçam-se reciprocamente. Os afetos negativos, que constituem barreiras psíquicas contra a sexualidade, também são citados, tal como a aversão à qual Freud sempre tomará como exemplo de inversão do afeto em seu contrário. Já na análise de *Dora*, em 1901, ele associara a aversão à excitação sexual, com a inversão do afeto intervindo entre as duas. Para Green, a idéia de inversão pode ser aproximada de um outro traço da vida pulsional: os pares antitéticos. É nas análises do *Pequeno Hans* e do *Homem dos Ratos* que observamos o desenvolvimento dessa idéia, que só será explorada plenamente na metapsicologia (GREEN:1973). “A vida afetiva do homem é feita em geral de tais pares antitéticos. Mais do que isso, se fosse de outro modo talvez não houvesse recalque e neurose” (FREUD:1909b apud GREEN:1973).

Dessa forma, o mecanismo do recalque que procede à inversão do afeto parece implicar a existência de uma dupla estrutura do afeto. Dito de outra maneira, só há inversão em seu contrário porque o par antitético é dado prontamente. É necessário que o recalque possa se amparar sobre o elemento de um par para recalcar o outro; a transformação qualitativa está ligada a uma dualidade qualitativa de origem que Freud vinculará à ambivalência. Esta é desvelada em *O Homem dos Ratos*, onde Freud repara que os conflitos afetivos de seu paciente estão “soldados por pares” (FREUD:1909b apud GREEN:1973). Na estrutura da neurose obsessiva o conflito é objeto de uma “separação precoce

dos contrários” (FREUD:1909b apud GREEN:1973) e de “uma anulação de um pelo outro” (FREUD:1909b apud GREEN:1973). E o afeto é deslocado para representações distantes do conflito original, pela substituição de uma representação significativa, congruente com o afeto, por uma insignificante. Aparentemente, é o afeto que parece desproporcionado, mas Freud observa que é o afeto que é justificado e que lidera a busca da representação apropriada (GREEN:1973).

Para Green, a ação do afeto na neurose obsessiva é extremamente extensa, por reinvestir o pensamento que se tinha liberado. A tentativa de dominação do afeto pelo ego cognitivo e pelo pensamento ocasiona secundariamente um retorno do afeto, que vai incidir sobre a atividade de dominação que o dominou. Na paranóia observamos o mesmo mecanismo, pelo retorno da sexualidade sobre as relações sociais, por uma sexualização secundária dessas últimas depois de terem sido dessexualizadas. O retorno do afeto, desse modo, também incide sobre os processos psíquicos mais elaborados (GREEN:1973).

Em 1923, no capítulo II de *O Ego e o Id*, Freud estabelece a existência de um inconsciente não recalcado o qual não seria suficiente reativar para tornar consciente. A consciência é definida como uma propriedade da superfície externa do aparelho psíquico, sendo a primeira a ser influenciada pelo mundo exterior. Porém o aparelho psíquico, em sua superfície interna, também recebe impressões internas. As percepções recebidas externamente ou internamente são conscientes desde o início. A percepção e a consciência encontram-se associadas. Os processos de pensamento são atos de investimento que trabalham de acordo com modalidades muito afastadas das percepções, sendo desprovidos de consciência e, por conseguinte, de qualidade. Existe uma diferença essencial entre uma idéia inconsciente e uma idéia pré-consciente, pois o PCs entra em conexão com as representações de palavra enquanto que o material próprio do Ics permanece desconhecido. As representações de palavra, do mesmo modo que as representações de coisas, decorrem de percepção sensorial sendo, portanto, resíduos mnêmicos, traços capazes de tornarem-se novamente conscientes. A linguagem confere aos processos de pensamento a consciência, a qualidade e a probabilidade, pela redução ao estado de traço, da memória. Segundo Green, a decorrência disso é explicitada na seguinte citação de Freud em *O Ego e o Id* (GREEN:1973):

“(…)qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços mnêmicos”(FREUD:1923 apud GREEN:1973).

Tornar-se pré-consciente, portanto, é colocar em conexão as representações de coisa com as representações de palavra, fornecendo vínculos intermediários entre elas pelo trabalho analítico, com exceção dos sentimentos. O que parece válido para as percepções externas não o é para as percepções internas (GREEN:1973).

“As percepções internas produzem sensações de processos que surgem nos mais diversos e, também, certamente, nos mais profundos estratos do aparelho psíquico. Muito pouco se conhece sobre essas sensações e esses sentimentos; as que pertencem às séries prazer-desprazer podem ainda ser consideradas os melhores exemplos delas. São mais primárias, mais elementares que as percepções que surgem externamente, e podem ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoadada. Expressei em outro lugar (Além do Princípio de Prazer) meus pontos de vista sobre sua importância econômica maior e as razões metapsicológicas para isto. Essas sensações são multilocalizadas, como as percepções externas, podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas... Chamemos o que se torna consciente como prazer e desprazer um ‘algo’ quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais, a questão, então, é saber se este algo pode tornar-se consciente no lugar onde está ou se deve ser primeiro transmitido ao sistema Pcpt”(FREUD:1923).

Esse ‘algo’ quantitativo e qualitativo, nomeado desprazer, atua como um impulso recalcado, podendo desempenhar uma força propulsora sem que o ego seja capaz de abranger a compulsão. Ela se torna consciente apenas quando há resistência acompanhada por uma suspensão dessa resistência. Aparentemente seria correto afirmar que a transmissão ao sistema Pcpt seja imprescindível. (GREEN:1973). Freud declara a seguir:

“Mas se o caminho para a frente é barrado, elas não chegam a existir como sensações, embora o ‘algo’ que lhes corresponde no curso da excitação seja o mesmo que se elas chegassem a existir. Passamos então a falar, de maneira condensada e não inteiramente correta, de ‘sentimentos inconscientes’, mantendo uma analogia com as idéias inconscientes que não é inteiramente justificável. Na realidade, a diferença é que, enquanto que com as idéias Ics devem ser criados vínculos de ligação antes que elas possam ser trazidas para o Cs, com os sentimentos, que são transmitidos diretamente, isto não ocorre. Em outras palavras: a distinção entre Cs e Pcs não tem significado no que concerne a sentimentos, o Pcs aqui é posto de lado – e os sentimentos são ou conscientes ou inconscientes. Mesmo quando estão ligados a representações de palavra, tornam-

se conscientes, não devido a essa circunstância, mas sim diretamente”(FREUD:1923).

Assim, as idéias inconscientes possuem um estatuto no inconsciente caracterizado pelas conexões que estas estabelecem entre si e com as representações de palavra. Os afetos possuem um estatuto diferenciado no inconsciente. Portanto, não devemos considerar qualquer analogia entre essas constatações. Os vínculos do inconsciente com a linguagem existem necessariamente para as idéias inconscientes, não ocorrendo o mesmo para com o afeto. E quando este afeto é mediatizado pela linguagem, sua relação com esta não é semelhante à relação da idéia inconsciente com a linguagem. Conseqüentemente, o valor da verbalização não pode ser análogo nos dois casos (GREEN:1973).

Essa mudança teórica traz algumas implicações na consideração do afeto, concomitante com a substituição da primeira tópica pela segunda e do inconsciente pelo id, e solidária do abandono do inconsciente como sistema. Green repara que nesse texto, entretanto, não se faz menção ao caráter de rudimento do afeto no inconsciente, e Freud parece orientar-se pela acentuação da parte não representativa do inconsciente. Para Green, enquanto Freud associava a problemática do afeto ao inconsciente como sistema, a idéia de inconsciente não podia ser considerada sem sua conotação energética, seu investimento que tende à descarga. Compelido a excluir essas idéias de qualquer qualidade, por serem elas inconscientes, Freud também é obrigado a mostrar-se reservado quanto à existência de afetos inconscientes (GREEN:1973).

O segundo capítulo da obra apresenta diferentes formas de ser inconsciente. A dissociação entre recaiado e inconsciente leva também a diferenciar, no inconsciente recaiado, diversos estados inconscientes e, conseqüentemente, diversas maneiras de alcançar a consciência. O estado inconsciente e o acesso à consciência dependem essencialmente do material inconsciente em questão. As representações inconscientes chegam à consciência por sua conexão com as representações de palavras por um sobreinvestimento do traço mnêmico que restabelece à representação algo de seu estatuto perceptivo originário. As percepções internas são mais primárias e elementares do que as representações externas, não sendo necessária uma consciência aguda ou lúcida para serem sentidas. Elas se manifestam como um força condutora, sem que o

ego seja capaz de notar a sua ação, chegando à consciência relegando o pré-consciente. Seu vínculo com a linguagem, quando isso acontece, é no limite contingente (GREEN:1973).

Por fim, declara Green que existir no estado inconsciente e tornar-se consciente - isto é, passar pelo sistema perceptivo - são diferenciados para representação e afeto. A representação necessita passar pela linguagem, o afeto pode relegá-la. “O afeto pode deixar-se dizer pela linguagem, porém sua essência está fora dela” (GREEN:1973). O que o diferencia é justamente esta via direta que liga o inconsciente ao consciente. No discurso freudiano os afetos representam a parte mais arcaica do homem significando, para Green, aquela que a linguagem pode acompanhar e sem dúvida estruturar em parte, ainda que este limite seja desconhecido, mas que segue seu caminho independente dela. Segundo Green, o discurso freudiano não objetiva opor o intelecto às paixões, mas ressaltar que o afeto não é apreendido fora de uma estrutura (as duas tópicas), de um conflito (oposição de afetos contrários), de uma economia (relações quantitativas e de transformação) e, principalmente, como os estados afetivos encontram-se submetidos ao princípio de prazer-desprazer, ligado aos processos primários (GREEN:1973).

O lugar que o afeto ocupa no complexo de Édipo e em sua dissolução também é contemplado em *O Ego e o Id*. De acordo com Green, “o Édipo caracteriza-se por uma distribuição dos afetos entre as pessoas que constituem o triângulo edipiano” (GREEN:1973). Assim, está formada uma rede, uma estrutura, na qual cada pessoa é afetada de sentimentos de ternura e hostilidade. Em cada sujeito há na consciência sinais pertencentes a um ou a outro pólo, tendo o resto submetido ao recalque. “A bipolaridade afetiva jamais para de atuar, apesar da ‘afecção’ a um personagem parental de um dos dois termos que a compõem” (GREEN:1973). Dessa forma, o Édipo manifesta-se como uma estrutura na qual um jogo completo por trás das formações de afetos torna-se visível. Cada afeto evoca seu complemento tanto para com a mesma imago parental quanto para com a outra. Na concepção de Green, não há solução fora da identificação com o progenitor do mesmo sexo, a qual provoca a renúncia dos vínculos afetivos para com ele e a substituição desses pelo vínculo da identificação. Registra o autor que a ameaça de castração, não importa qual seja a forma edípica à qual o sujeito se fixou, determina essa solução comandada pelo

superego. A transformação da libido objetal em libido narcísica acompanha a identificação, sendo o motor essencial da sublimação. Porém esse triunfo do superego, mais aparente do que real, só se realiza pela dissolução do complexo de Édipo (GREEN:1973).

Sendo o ego o representante do mundo exterior e o superego o representante do mundo interior, as relações entre o afeto e o superego refletem as relações entre o afeto e o id. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud aponta que o masoquismo ressexualiza a moral, o que sugere que pelo masoquismo moral são reencontrados os vínculos que unem o id ao superego. A exigência do superego é a negatização da exigência do id, significando a renúncia à exigência de satisfação pulsional. Essas são as condições que o ego deve submeter-se para beneficiar-se do amor do superego. Essa satisfação concedida ao superego leva a uma dessexualização dos investimentos e à substituição dos investimentos do objeto por identificações, resultando na idealização do objeto do desejo e na idealização de quem deseja. Há, portanto, uma transformação dos afetos em afetos narcísicos sob a influência do superego, em relação com o objeto, trazendo um retorno dos investimentos sobre o ego, que é amado com todo o amor do qual ele priva o objeto. Descrita em sua forma extrema, essa desafeição objetal, essa afecção narcísica existe em germe em todo sujeito (GREEN:1973).

Segundo Green, aparentemente é necessário admitir que tudo o que contraria a expressão dos afetos em ligação com algum tipo de pulsão assume uma significação interdutora, pela postulação de um conflito quase originário. Entretanto, tal efeito pode estar relacionado apenas à oposição entre pulsões antagônicas. A rejeição do mau para o exterior, uma alienação idealizante, não resiste muito tempo à experiência. Logo, o exterior deve ser interiorizado e excluído simultaneamente pelo recalque. O ódio ao objeto pode aparecer como um precursor do superego proibindo o amor a ele. O amor ao objeto pode aparecer como um precursor do superego, proibindo o ódio. Desta forma, reconhece-se a cumplicidade originária entre o id e o superego, posto que as oposições entre pulsões antagônicas prefiguram as tentativas ulteriores de neutralização das pulsões do id para satisfazer a uma instância especial à qual será preciso, para fazer-se amar por ela, obedecer cegamente. Diante da impotência do ego e das forças do id, o superego joga um jogo duplo, satisfazendo as pulsões do id ou aniquilando-as, obtendo refúgio na onipotência narcísica idealizante tendo

conseguido uma neutralização teratológica. Nessa condição, são encontrados os efeitos de uma redução das tensões ao nível zero que seria obtida, não pela descarga total, mas por uma repressão total, levando a realizar as tarefas do domínio do princípio de Nirvana (GREEN:1973).

Freud, ao escrever em 1924 *O Problema Econômico do Masoquismo*, recoloca em questão a relação quantitativa- qualitativa do princípio de prazer-desprazer. Até então, o desprazer era relacionado com a tensão, isto é, ao aumento de uma quantidade psíquica de excitação interna, e o prazer com a distensão. Neste texto, o autor é obrigado a admitir a independência relativa da quantidade e da qualidade. Porém, ainda que não se possa reduzir a qualidade à quantidade, não é possível pretender uma independência total entre as duas. Freud demonstra a necessidade de distinguir o princípio de prazer do princípio de constância. O autor argumenta que os dois princípios não podem ser idênticos, pela existência inquestionável de estados crescentes de tensão que são agradáveis (como, por exemplo, a excitação sexual). E prossegue pela postulação, já vagamente indicada no *Além do Princípio de Prazer* (1920), de que a qualidade agradável ou desagradável de um estado pode ser relacionada a uma característica temporal (ou ritmo) das modificações na quantidade de excitação presente. Recordemos aqui que nos textos freudianos a qualidade está, na maioria das vezes, associada a um processo de descarga por um sobreinvestimento ou por ter atingido um limiar que ultrapassa as possibilidades de contenção. Ao dissociar os estados de prazer e de desprazer dos fatores econômicos de distensão e de tensão, Freud realiza uma modificação decisiva na teoria dos afetos. Para Green, no entanto, o fator qualitativo continua um mistério:

“As explicações que Freud propõe sem progredir muito são bem pobres: ritmo, seqüências temporais das modificações, elevação e queda dos estímulos estão longe de restituir a realidade subjetiva dos afetos” (GREEN:1973).

O princípio de prazer, originalmente postulado por Freud como intimamente ligado e talvez idêntico ao princípio de constância, foi assim anunciado por Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica*:

“Já que temos um certo conhecimento de uma tendência da vida psíquica no sentido de evitar o desprazer, ficamos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia. Nesse caso o desprazer teria que coincidir com um aumento

do nível de quantidade...o prazer corresponde à sensação de descarga” (FREUD:1950[1895]).

Em *A Pulsão e suas Vicissitudes* (1915a) Freud afirma que o termo que melhor caracteriza uma pulsão é ‘necessidade’, o que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’ e que esta só pode ser alcançada por uma alteração adequada da fonte interna de estimulação. No mesmo texto, o autor aponta as principais características da pulsão: sua fonte de estimulação é endógena, ela atua como uma força constante e, portanto, nenhuma ação de fuga é eficaz contra a exigência de trabalho que ela impõe ao aparelho psíquico. Mais adiante, ele escreve:

“Quando ainda verificamos que até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio de prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer, quase não podemos rejeitar a hipótese ulterior, segundo a qual esses sentimentos refletem a maneira pela qual o processo de dominação de estímulos se verifica – certamente no sentido de que os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo” (FREUD: 1915a).

Avisa o autor, em seguida, que essa suposição será contudo cuidadosamente preservada “em sua atual forma altamente indefinida, até conseguirmos, caso possível, descobrir que espécie de relação existe entre o prazer e o desprazer por um lado, e flutuações nas quantidades de estímulo que afetam a vida psíquica, por outro” (FREUD: 1915a). Neste momento, princípio de prazer e princípio de constância encontram-se correlacionados, e diretamente referidos aos sentimentos pertencentes à gama prazer- desprazer.

No artigo sobre o *Recalque* (1915b), o autor coloca logo de início que a condição necessária para que um recalque ocorra é a produção de desprazer pela pulsão. Porém, a princípio, a satisfação de uma pulsão é sempre agradável, o que o leva a supor a “existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer” (FREUD: 1915b). Limitando-se à experiência clínica, ele observa que a satisfação de uma pulsão que se encontra sob recalque seria bastante possível e invariavelmente agradável em si mesma, “embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções” (FREUD: 1915b), causando prazer num lugar e desprazer em outro. E o recalque só pode surgir após uma separação entre a atividade psíquica consciente e a inconsciente. Nesse contexto, “a essência do

recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (FREUD: 1915b).

Para Green, em *O Problema Econômico do Masoquismo*, na medida em que princípio de Nirvana e princípio de prazer devam ser distinguidos, é possível que ao primeiro caiba a redução puramente quantitativa até o nível zero e, ao segundo, a evitação qualitativa do desprazer e da procura do prazer. Assim, o princípio de Nirvana estaria a serviço das pulsões de morte, e o princípio de prazer a serviço da libido. Mas, na medida em que Freud sustenta que o princípio de prazer é o herdeiro do princípio de Nirvana, posto que este último sofre uma “mutação” nos seres vivos, é preciso compreender, sob a denominação de princípio de prazer, ao mesmo tempo o antigo princípio de Nirvana e o novo princípio de prazer. O que justifica que o princípio de prazer não possa chegar à descarga absoluta e completa por não se colocar inteiramente a serviço da pulsão de morte, mas que ele deva se contentar com o nível mais baixo possível, o que, numa certa medida, é paralelo à qualidade de prazer. E onde a procura de um aumento de prazer só é admissível para o aparelho psíquico dentro de certos limites de intensidade e de tempo (GREEN:1973).

O princípio de realidade, do qual a diferença é a função essencial, modificará o princípio de prazer pela capacidade de tolerar maiores tensões sem se desorganizar, e de só autorizar descargas infinitesimais para a exploração do mundo exterior e o funcionamento do pensamento. Essa inibição à descarga e essa fragmentação energética devem libertar-se paralelamente da referência principal ao prazer e, mudando de finalidade, esforçar-se por estabelecer as condições de possibilidade dos objetos, independentemente de seu valor prazenteiro ou não. Dessa forma, o afeto está sempre em posição intermediária, entre sua aniquilação – redução a zero – pela descarga, e sua ultrapassagem necessária – inibição da descarga, liberação da qualidade agradável ou desagradável necessária ao funcionamento do pensamento (GREEN:1973).

“O afeto está entre as duas mortes, aquém e além da vida. O afeto está entre a morte biológica e a morte psíquica que é o trabalho do pensamento. Circunscrito na dualidade prazer-desprazer, o viver do afeto sempre é solicitado por seu contrário e seu duplo, ameaça ou esperança, conforme o caso. Sua realidade parece assim bem frágil, bem evanescente, bem ameaçada. Todavia, a férrea autoridade exercida sobre ele por essas duas mortes quebra-se periodicamente. Surge então um jorro transtornador do qual muitas vezes é difícil dizer se são forças de vida ou forças de destruição assim que se manifestam”(GREEN:1973).

Em *A Negativa*, Freud, através da experiência analítica, demonstra que o conteúdo ideativo do recalçado pode chegar à consciência pelo trabalho analítico, vencendo a negativa e levando o analisando a uma plena aceitação intelectual do recalçado. Mas isso não dissipa o processo do recalque. Para Green, o que falta é o afeto, que não encontra-se ligado à idéia aparentemente admitida. “Tudo se passa então como se o analisando se comportasse na análise como o fetichista face à castração” (GREEN:1973). Declara Freud:

“Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo. O que é suprimido é apenas uma das conseqüências do processo de recalçamento, isto é, o fato de o conteúdo representativo daquilo que está recalçado não atingir a consciência. Daí resulta uma espécie de admissão intelectual do recalçado, enquanto persiste o essencial do recalçamento...” (FREUD:1925).

A libertação das restrições do recalque se faz pelo trabalho do pensamento e com o auxílio do símbolo da negativa, admitindo a idéia recalçada no consciente para os processos intelectuais. Segundo Green, é preciso apenas uma mudança de sinal, de positivo para negativo, para que o conteúdo recalçado e perdido seja recuperado. E é através dessa mudança de sinal que o sujeito se libera do afeto. Dessa forma, o equivalente da negativa nos processos intelectuais se encontra na inversão dos afetos. Entretanto, o desprazer precisa de um contra-investimento energeticamente mais dispendioso. A atividade de pensamento encontra-se assim obstruída pela pressão do afeto recalçado. Portanto, as relações entre o recalçado e o consciente podem ser abrangidas por variados destinos: 1) A representação recalçada e o afeto recalçado permanecem inteiramente recalçados; 2) A representação recalçada torna-se consciente sob a forma de negativa; 3) A representação recalçada torna-se consciente sob a forma de aceitação intelectual; 4) O afeto recalçado torna-se consciente de forma direta ou invertida; 5) A representação recalçada torna-se consciente com afeto: dissipação do recalque (GREEN:1973).

Para Green, nos casos 2 e 3, onde a representação recalçada torna-se consciente sem afeto, não há dissipação do recalque. Assim, apenas a reconstrução do complexo representação-afeto por rememoração ou interpretação pode dissipar o recalque. É importante ressaltar que esta é uma dissipação parcial que origina, por reação, um fortalecimento dos contra-investimentos. A dissipação total do recalque é impossível devido ao recalque originário, que é a

finalidade mais poderosa da sublimação. O trabalho analítico constrói a rede dos recalques parciais capaz de fornecer a hipótese do recalque primário, cuja comunicação produz no analisando um complexo de representação-afeto relacionado com ele. Se o trabalho dos processos intelectuais é o de emancipar-se do afeto através da negativa, toda análise firmada na combinatória das representações, ainda que haja o reconhecimento do jogo das negativas, pode criar uma teoria do inconsciente perfeitamente verossímil, e inclusive verdadeira, sem qualquer dissipação do recalque. Conseqüentemente, o referente da análise só pode ser o afeto e, mais exatamente, o afeto de desprazer, o único que é indicativo do recalcado. Os tratamentos vivenciados numa relação reciprocamente feliz não são capazes de uma análise do inconsciente. As teorias psicanalíticas precisariam ser avaliadas, dessa forma, além de sua coerência lógica, pela sua ressonância afetiva, na verificação de quais afetos de prazer elas oferecem e quais afetos de desprazer elas poupam (GREEN:1973).

Em 1927, ao considerar a estrutura do fetichismo, Freud esclarece as relações entre as distintas variedades do recalque, e também sobre o material no qual se exerce a ação delas. Até então era possível confirmar que só as representações eram recalcadas, enquanto que o afeto era apenas reprimido. A gradação entre os dois termos era complicada de ser atingida, dando margens a numerosos e contraditórios argumentos. A repressão era uma inibição da expressão do afeto, enquanto o recalque acompanhava o desaparecimento da representação e sua permanência sob a forma de traço mnêmico. A partir da análise do fetichismo, Freud vai sustentar que o recalque é o mecanismo que visa o afeto.

“Se quisermos diferenciar mais nitidamente o destino da idéia como distinto daquele do afeto, e reservar a palavra ‘*verdrangung*’ (recalque) para o afeto, então a palavra alemã correta para o destino da idéia seria ‘*verleugnung*’ (recusa)”(FREUD:1927).

Na concepção de Green, este representa o ponto final sobre as relações entre afeto e recalque. Não apenas o afeto é recalcado, mas é sobre ele, nomeadamente, que ocorre o recalque, ao passo que a recusa incide sobre a representação. A continuação do texto aponta que o afeto que sobrevêm à visão dos órgãos genitais maternos deve sofrer o recalque. A percepção da falta de pênis só é angustiante pelo fantasma da castração, que acha-se assim autenticado. Por essa autenticação é o ato da castração que é evocado. Desse modo, na

realidade externa e no mundo exterior, a percepção e o ato encontram-se associados. E, na realidade interna (psíquica) e no mundo interior, a representação e o afeto são objeto de um encontro que o fantasma sanciona. Portanto, a defesa tem por finalidade separá-los, pelo recalque do afeto e a recusa da representação (GREEN:1973).

A essa clivagem entre afeto e representação corresponderá a clivagem entre realidade externa e realidade interna. O afeto é submetido à mesma clivagem, com a representação de um sexo castrado evocando no inconsciente uma angústia e um horror intensos, ao mesmo tempo em que a percepção do sexo feminino mantém o sujeito indiferente, pelo conhecimento de que homens e mulheres são diferentes anatomicamente. Portanto, o afeto pode ser despertado pela percepção externa, por uma evocação de um perigo procedente de uma ação no real, mas também pode ser despertado pela representação, por uma evocação fantasmática. Igualmente, qualquer insatisfação procedente do objeto aumenta a tensão interna, provocando a representação do objeto faltoso ou a tentativa de uma realização alucinatória do desejo. O efeito do afeto será concomitante à tensão crescente e à descarga. Esta última irá se dirigir para o corpo, através de reações fisiológicas e, secundariamente, para o mundo exterior, por movimentos motores (GREEN:1973).

Assim sendo, ao aparecimento do afeto encontramos, no mundo exterior, a percepção evocadora do ato e, no mundo interior, o desejo e a representação do objeto ou da satisfação. Ao desenvolvimento do afeto correspondem, no mundo exterior, um movimento de agitação motora e apelo ao objeto e, no mundo interior, o fantasma e o corpo visceral. Ao desaparecimento do afeto que se segue ao esgotamento da descarga e da satisfação encontramos, no mundo exterior, o repouso motor que acompanha a experiência da satisfação ou a evitação das condições perceptivas evocadoras do perigo intrínseco ao ato. E, no mundo interior, a qualidade do prazer, acompanhada do silêncio representativo e afetivo. Esta é a solução favorável. A solução oposta implicará, no mundo exterior, um esgotamento acarretado pela agitação e uma disposição ao entorpecimento ou o abandono ao perigo externo. No mundo interior, uma vivência da catástrofe, de desespero e de impotência que leva ao abandono, ao perigo interno. Entre esses dois extremos podem funcionar, dentro de certos limites, mecanismos de defesa “mais ou menos densos, mais ou menos custosos, mais ou menos eficazes, que

deveriam ser reexaminados, do contra- investimento externo e interno, sob seus contornos mais radicais (...) até os mecanismos mais sutis (...) que oferecem todas as possibilidades de simbolização, a evitar as conseqüências da perturbação econômica” (GREEN:1973).

A construção metapsicológica de Freud de 1927 é retomada em *A Clivagem do Ego no Processo de Defesa*, em 1939. Freud nos apresenta a irreduzível clivagem que afeta o ego, instância fundamental do conflito: cabe a ele reconhecer as exigências da realidade e obedecer a elas pela renúncia pulsional, mas também satisfazer, através de suas funções, ao princípio de prazer-desprazer, evitando o desprazer e encontrando um meio que consinta a busca do prazer por uma experiência de satisfação. A pluralidade de tarefas que compete ao ego, para Green, esclarece a acentuação de algumas de suas contradições nas suas diferentes concepções. A consolidação da afirmação de funcionamentos contraditórios coexistindo no ego indica que, por mais presentes que possam ser o teste da realidade e o princípio de realidade, o princípio de prazer-desprazer é bastante poderoso para recusar o teste de realidade e construir uma outra mais ou menos extensiva: do fetiche como substituto do pênis a delírio como derivado do inconsciente, vindo substituir um realidade recalcada. Dessa forma, a problemática do fetichismo representa um paradigma para todo o campo psicanalítico (GREEN:1973).

“A constituição do objeto fetiche parece assegurar a própria constituição do objeto psíquico, na medida em que este último nunca se separa de seu vínculo original e se sua função especial. Em outras palavras, o objeto psíquico é retirado como parte do corpo materno e dedicado ao gozo” (GREEN:1973).

A renúncia ao corpo materno é ordenada, portanto, sob ameaça de castração em nome do pai, como consolidou a teoria lacaniana. A atitude do sujeito frente a esse decreto proclamado pelo Outro é de reconhecer nele a lei ao mesmo tempo que encontra o meio de eludi-la. Mas, para Green, o corpo materno aí retorna através do afeto que, sempre duplo, faz lembrar a satisfação buscada sob a forma de prazer e sua proibição sob a forma de desprazer (GREEN:1973).

Finalmente, ressaltando que a leitura feita por Green dos textos freudianos foi por nós escolhida por, dado o percurso inicial, constituir um quadro de referência privilegiado capaz de introduzir as questões a serem abordadas, gostaríamos de apontar, no final deste capítulo, as linhas gerais do pensamento

desse autor. Para Green, o afeto apenas pode ser compreendido pela mediação do modelo teórico pulsional, sendo o representante da pulsão que designa a sua parte energética. Ele se torna consciente pela descarga, dirigida, em sua maior parte, para o interior do corpo, ou pela resistência à tensão crescente que o caracteriza, acompanhada pela dissipação dessa resistência. A representação e o afeto possuem um apelo mútuo e outras relações são estabelecidas por ambos os representantes: na representação, pela percepção anunciadora de um perigo ou portadora de uma mensagem erótica ou tranqüilizadora e, no afeto, pelo ato, correspondente no mundo exterior de um movimento de descarga que objetiva transformar as condições que nele prevalecem. A representação se desenvolve nos sentidos divergentes do fantasma à linguagem; o afeto se estende de suas formas mais brutas a seus estados mais matizados. No entanto, os destinos de ambos dependem do trabalho sobre o afeto efetuado pela dominação do ego. A repressão é a forma extrema do recalque e tarefa final deste. E a atividade de ligação da energia libidinal assegura o encadeamento de uma energia afetiva flutuante.

Na concepção de Green, mesmo que uma compreensão genética simplificada admita conceber a evolução libidinal no sentido de uma maturação afetiva progressiva caracterizada pela dominação dos afetos, essa compreensão contraria não somente a noção de intemporalidade do inconsciente, mas também a circunstância estrutural dos afetos, que se submetem à soberania do princípio de prazer-desprazer. O lugar privilegiado ocupado pelo afeto nos processos primários aumentou ainda mais desde que a substituição do inconsciente pelo id, no qual são ressaltados, em relação à primeira tópica, o ponto de vista econômico e a tendência pulsional à descarga. Além disso, um exame profundo obriga-nos a postular afetos do id, como decorrência de uma transformação bruta e violenta da libido descarregada que penetra por efracção no ego, antes que a elaboração possa funcionar em seu plano, e afetos do ego, sobre os quais puderam funcionar as organizações características deste. No id, o afeto se manifesta fundamentalmente por um efeito econômico e, no ego, por um efeito simbólico.

Dessa forma, a significação dos afetos é inseparável da força de trabalho que eles representam e do trabalho efetuado sobre essa própria força. E a função simbólica que os afetos podem garantir é compatível apenas quando incluída numa organização caracterizada pela combinação de quantidades de energias

reduzidas, e ligadas por um nível de investimento estável e constante. Declara Green:

“Poder-se-ia resumir a situação sustentando que o ego está circunscrito entre a angústia de um ‘demais’ e a angústia de um ‘de menos’. A oposição entre o econômico e o simbólico é suscetível de um retorno: a economia é simbólica, o simbólico é economia ” (GREEN:1973).

É necessário ainda, antes de darmos prosseguimento aos trabalhos desenvolvidos na literatura pós-freudiana referente ao tema, salientar que, para Green, a dificuldade fundamental de uma teoria psicanalítica dos afetos é a de substituir ocultamente o ponto de vista metapsicológico por um ponto de vista fenomenológico. Dificuldade esta que torna-se maior quando tenta-se explicar todos os matizes qualitativos da vida afetiva e todos os seus graus quantitativos. Segundo ele, é preciso descobrir e manter uma focalização que se oponha às tentações de digressão, e é o afeto sexual e agressivo quem representa este núcleo. Para Green, portanto, a teoria psicanalítica conservará sua especificidade apenas se persistir no papel organizador desses afetos para o inconsciente e para a diferenciação estrutural das instâncias.

Contribuições e impasses de algumas leituras pós-freudianas do afeto

Ao apreciarmos os trabalhos psicanalíticos pós-freudianos relativos ao afeto, encontramos variados autores e obras que se referem indiretamente ao afeto ou se referem a afetos específicos. Poucos são os que se dedicam ao estudo do afeto em sua problemática geral. Green representa um desses autores, apresentando, no *Discurso Vivo* (1973), uma visão de conjunto exaustiva dos trabalhos psicanalíticos pós-freudianos consagrados ao afeto, ao mesmo tempo em que lança a sua teoria geral sobre o conceito. Afirma este autor que, já nos psicanalistas da primeira geração, é possível constatar o caráter solitário da reflexão de Freud sobre o afeto. Vieira (1996), em *L'Ethique de la Passion*, atenta para o fato de que entre o artigo de Ernest Jones, publicado enquanto Freud ainda era vivo, talvez considerado como o primeiro de relevância sobre a questão escrito por um de seus alunos, e os dias de hoje, contamos apenas dezessete textos consideráveis consagrados exclusivamente ao tema¹.

Green, em sua exposição, adota a divisão entre os autores anglo-saxões – distinguindo os autores da escola inglesa e os da escola norte-americana – e os autores de língua francesa. A influência Kleiniana é a referência da escola inglesa, enquanto a influência hartmanniana é característica dos trabalhos da escola norte-americana. Gostaríamos de ressaltar desde já que Melanie Klein não apresenta em sua obra nenhuma concepção específica sobre o afeto, e Heinz Hartmann pouco escreveu sobre o tema. Quanto aos autores de língua francesa, o autor, apesar de salientar que muitos dedicam em seus trabalhos um lugar importante ao afeto, ainda que implícito, escolhe Bouvet e Mallet por serem exceções a essa regra. Escolhe também e, obviamente, Lacan, porque neste reside

¹ Cabe ressaltar que a denominação “textos consagrados exclusivamente ao tema” exclui dessa lista os textos que tratam dos afetos em suas especialidades e os que, tratando de outro tema, colocam o aspecto afetivo em primeiro plano. O autor atenta ainda que em tais textos não se interroga sobre o lugar do afeto na estrutura.

o motivo principal de Green para escrever a comunicação que deu origem ao livro e que, como já vimos em nossa introdução, se traduz numa crítica à teoria lacaniana, acusada pelo autor de fundamentar-se numa exclusão do afeto.

Segundo Green, a maioria dos autores anglo-saxões tomam como ponto de partida para seus trabalhos sobre o afeto, excetuando a obra freudiana, o artigo de Jones, escrito em 1929, e cujo título é *Fear, Guilt and Hate*. Para Green, as concepções de Klein sobre os afetos primários parecem sustentar este trabalho como idéia essencial². Jones indica nesse estudo que é possível descobrir nestes três afetos uma função defensiva, pela mobilização de um afeto contra o outro. Dessa forma, pode o temor camuflar a culpa, o ódio servir de proteção contra ela ou o ódio dissimular o temor. Mas, além disso, constata o autor que o afeto que serve de defesa contra um afeto mais inconsciente se encontra sob o afeto inconsciente. Em outras palavras, o temor se encontra sob a culpa à qual servirá de defesa, como também o ódio é encontrado sob a culpa ou o temor. Para Green, nisso consiste a originalidade de Jones: “o afeto consciente é uma comunicação com o afeto mais inconsciente do mesmo tipo que ele, sendo ambos mediatizados por um outro afeto inconsciente, mas não o mais inconsciente”(GREEN:1973).

De acordo com Vieira, Jones parte de um estado afetivo primeiro e supõe a substituição deste por um afeto inconsciente, que será substituído por um afeto consciente, afeto este que guarda com o afeto arcaico uma analogia formal. Este afeto primordial, portanto, corresponde ao afeto primário, e os outros afetos são afetos secundários. Dessa forma, o afeto primário recoberto por um afeto secundário a um nível inconsciente, constitui uma primeira ação defensiva. E o afeto secundário, substituído por um outro afeto ao nível consciente, constitui uma segunda ação defensiva, como uma espécie de “defesa da defesa”. Chega-se assim a um afeto secundário consciente da mesma ordem que o afeto primário, mas em tudo distinto, como uma espécie de negação da negação que traz assim em si uma parte de verdade. O inconsciente é dessa forma compreendido como defesa primordial, e a consciência é compreendida como “defesa da defesa”, processo este que resulta na instauração do afeto no lugar da verdade (VIEIRA:1996).

² Vieira (1996) declara que mesmo sem Jones citar Melanie Klein nesse sentido, é possível supor a influência desta no trabalho daquele. Como também é possível supor, ainda, que tanto Jones quanto Melanie Klein foram influenciados por Abraham.

Vieira ressalva, entretanto, que Jones não fala de afeto primário nem de afeto secundário, e sim de camadas de estratificação. Porém, Jones se refere à angústia primária e à angústia secundária, e também a um estado afetivo primário o que, para Vieira, justificaria a utilização desta terminologia no comentário que faz sobre este artigo. O que importa para este autor é a constatação de que o afeto em Jones é a verdade do recalque e é ele que permite o acesso à verdade do sujeito, e não o significante (VIEIRA:1996).

Nas palavras de Green (1973), para Jones o afeto consciente e o afeto mais inconsciente não se encontram associados ao mesmo contexto. O temor superficial é uma angústia racionalizada e o temor mais profundamente oculto é uma angústia arcaica, a evocar ameaças maiores de natureza traumática. Deparamo-nos aqui com as duas expressões da angústia, o sinal de angústia e a angústia automática. A angústia originária é a responsável por esse mecanismo primitivo, apresentado por Jones com o nome de *afânise*, e que nos revela um outro aspecto do afeto primário da reação defensiva que ele acarreta: um bloqueio maciço sem contexto ideativo com aniquilação dos afetos de prazer.

“Afânise significa uma aniquilação total da capacidade para qualquer satisfação sexual direta ou indireta...esse termo se destina a representar uma descrição intelectual de nossa parte, de um estado de coisas que, na origem, não tinha nenhuma contrapartida ideativa no espírito da criança, consciente ou inconscientemente” (JONES:1929 apud GREEN:1973).

Para Vieira (1996) o essencial é discutir o estatuto do afeto e sua regra na estrutura, no sentido lacaniano de aparelho psíquico. Para tanto, ele determina um primeiro grupo de textos que possibilita o estudo da problemática do afeto, examinando-o de perto. A um segundo grupo de textos, fundamentados no aspecto fenomenológico do afeto, é dedicada uma lista, não exaustiva, incluída no apêndice de sua tese. Quanto ao primeiro grupo, duas leituras aparentemente divergentes do texto freudiano podem ser identificadas. A primeira, que o autor denomina de primeira corrente, aproxima o afeto da energia animal, de um corpo biológico onde o afeto deve ser submetido à razão através de sua neutralização por um eu forte. A segunda, denominada de segunda corrente, converte o afeto num código primitivo, “um dialeto de transição entre as fantasias primordiais e a palavra” (VIEIRA:1996). De acordo com este autor, Rapaport inicia a primeira

via, sendo seguido, entre outros, por Brenner; e Jones é exemplo da segunda, sendo o trabalho de Green a continuação desta escola.

Como Jones é considerado por Vieira, juntamente com Melanie Klein, a referência teórica para o desenvolvimento das concepções greenianas sobre o tema, consideramos importante nos atermos mais um pouco nos comentários feitos por esse autor com relação ao artigo de Jones. Não podemos perder de vista que Vieira toma como referência os impasses epistemológicos suscitados pelo uso e ruptura do modelo cartesiano na produção freudiana e na de seus seguidores, tendo portanto, como propósito específico em seu exame, a compreensão dos impasses aos quais o alicerce cartesiano pode conduzir, tanto na leitura freudiana que, segundo ele, por conta deste alicerce torna-se contraditória, quanto na clínica. Assim, de acordo com Vieira, Jones trata de três afetos primordiais em uma lista que não é exaustiva. Todos os três são considerados reações ao trauma fundamental, como uma acumulação de tensão libidinal, mas suas características não podem se reduzir aos graus de excitação diversos. Eles possuem um estatuto qualitativamente distinto que não pode ser estabelecido ao nível energético. Conforme Vieira, Jones utiliza noções desenvolvimentistas e genéticas do afeto, que se concentram em uma divisão entre afetos primários e afetos secundários. Os primeiros são compreendidos como uma reação direta e arcaica ao trauma, e os segundos correspondem à mesma reação se dando após a constituição da realidade psíquica. Não se trata de uma ontogênese afetiva como em Hartmann, onde uma evolução se produziu em um desenvolvimento do indivíduo, mas de uma filogênese afetiva compreendida a partir das etapas de uma evolução da linguagem³. Os afetos traduzem, nesta situação, as diferentes vias expressivas do ego, a evolução intervém depois (VIEIRA:1996).

A evolução pode se apresentar de formas diversas, mas ela sempre existe: o afeto primário pode ser o fundamento do afeto secundário e este, o fundamento da linguagem verbal ou, melhor ainda, o afeto primário pode ser o fundamento ao mesmo tempo do afeto secundário e da linguagem verbal. Ao invés de conceber o nascimento daqueles ao mesmo tempo a partir do recalque, como em Freud, eles são como etapas distintas de uma evolução da linguagem, com uma clara anterioridade cronológica para o afeto. Nesse contexto, a cura deve conduzir

³ Tradução nossa do termo original *langagière*, já que a língua portuguesa não dispõe de um outro termo mais apropriado.

à integração do ego arcaico ao ego principal pois o sofrimento vem de sua dissociação. A direção da cura visa tornar acessível o afeto inconsciente por detrás do afeto consciente e, principalmente, permitir o desvendamento do afeto primordial que está por detrás dos dois, e que é como uma espécie de essência mesma do analisando (VIEIRA:1996).

Fenichel (1941), num trabalho de análise dos diversos procedimentos defensivos utilizados pelo ego para conseguir dominar os afetos, irá insistir sobre o bloqueio maciço dos afetos. De acordo com Green, a posição de Fenichel é próxima da posição de Laplanche e Pontalis, que aproxima afeto e trauma pelo destaque ao valor traumático da excitação pulsional para o ego. Conceção esta que desloca a tônica do traumatismo como acontecimento exterior para o traumatismo como efeito de uma mobilização pulsional. O trauma proveniente do exterior desempenharia o papel de provocação da excitação pulsional ou, em outras palavras, a intrusão da sexualidade adulta na sexualidade infantil. A tentativa de tratar as excitações internas pela descarga, que resulta na extinção da excitação, seria uma outra resposta possível diante da angústia originária (GREEN:1973).

Glover(1939) e Brierley (1937-1949), com trabalhos influenciados por Melanie Klein, dão continuidade ao estudo dos afetos primários. Ambos questionam a importância, para eles exagerada, conferida ao elemento ideacional e representativo da pulsão. Eles fazem objeções à definição de afeto construída por Freud, que só leva em consideração o aspecto da descarga, e propõem uma distinção entre afetos de tensão e afetos de descarga. Glover assinala ainda, que existe uma grande dificuldade em estabelecer a diferença entre experiência afetiva e sensações corporais. Para compreender melhor a sua posição, no entanto, é necessário estudar a sua concepção dos *nuclei* do ego, originada de sensações corporais primitivas, e notadamente influenciada por Abraham. A fusão desses nucleos e das experiências com eles relacionadas é o resultado de uma evolução progressiva, originando o sentimento da unidade do ego, que pode ser dificultada pela sobrecarga das energias sadomasoquistas. Caso isso ocorra, encontraremos afetos de estilhaçamento, de desintegração e de explosão, observados nos mais diversos estados na clínica psicanalítica, tanto nas estruturas edípicas, quanto nas estruturas pré-edípicas (GREEN:1973). Afirma Glover:

“O sentimento psíquico do estilhaçamento é uma tensão afetiva típica e muito precoce que, no decorrer do desenvolvimento, pode se fixar em diferentes formas (canalizadas por associação com os sistemas fantasmáticos) segundo as experiências e os conteúdos inconscientes de períodos de desenvolvimento diferentes”(GLOVER:1939 apud GREEN:1973).

Para Green, Glover sustenta que no inconsciente, enquanto o elemento representativo conota uma experiência afetiva reveladora do elemento pulsional, o sistema fantasmático possibilita ao afeto um revestimento inteligível mas, talvez, enganador. De acordo com Vieira (1996), Glover e Brierley pertencem à segunda corrente, marcada pela influência de Jones, e da qual Green é o representante mais destacado. Com relação a essa segunda corrente, afirma Vieira que suas heranças diretas e suas linhas de sucessão não são tão claras como na primeira corrente. Entretanto, suas concepções se fundam sobre uma atitude comum: ela não toma o ‘afeto’ como um sinal cuja finalidade é adaptativa, mas sim os ‘afetos’ como um conjunto de signos constituindo um código primitivo eventualmente modificado pelo ego. Esta orientação se apóia na valorização do mundo fantasmático e sobre a noção dos afetos primários. Para o autor, além disso, a divisão conduzida por ele entre afetos primários e secundários vai de par com a concepção de afeto considerado como linguagem arcaica. O inconsciente, segundo essa segunda corrente, é um lugar de linguagens diversas, onde encontramos a linguagem energética. Mas, sobretudo, ele é o lugar de uma linguagem pré-verbal, que é a linguagem dos fantasmas, a qual se articula à pulsão (VIEIRA:1996).

Vieira destaca, ainda, que o termo linguagem é aqui utilizado em um sentido diverso do sentido lacaniano. Não se trata ‘da’ linguagem, mas ‘de’ linguagens diversas, sendo o afeto uma delas. Nesta pluralidade de línguas a pulsão é considerada também como uma linguagem (VIEIRA:1996).

Brierley (1937) analisa as relações entre pulsões e afetos declarando que, se na metapsicologia freudiana o conflito opõe as idéias e as cargas afetivas, após Freud é dado um enfoque maior ao investimento de objetos do que à carga afetiva de idéias. Para essa autora, o afeto deve ser considerado como o “derivado da pulsão” mais direto. E, sendo os afetos tanto efeitos de tensão quanto efeitos de descarga, reflexo de uma posição aferente ou eferente sobre o arco pulsional, é mais apropriado situá-los no ápice desse arco (GREEN:1973). Na concepção de Green, a leitura do texto da autora nos mostra que, mais do que argumentar sobre a preponderância relativa do afeto sobre a representação, ela aponta a

ultrapassagem da oposição entre esses termos pela introdução da noção de investimento de objeto.

De acordo com Fenichel (1941), o afeto tanto pode advir de um excesso inesperado de estímulos internos, quanto de um acúmulo de tensões não descarregadas que se descarregam sob a influência de um estímulo mínimo. Porém, cada moção possui uma qualidade e um limiar próprios, e tais considerações quantitativas, portanto, não podem esgotar o aspecto qualitativo. Assegura o autor que os afetos estão diretamente associados à evolução do ego, sofrendo por parte deste uma domaçaõ e que, conseqüentemente, as experiências afetivas são inseparáveis das relações estabelecidas entre o ego e os objetos. É importante destacar que, pela identificação primária, o investimento precede à diferenciação e à discriminação cognitiva ou, em outras palavras, ele precede à diferenciação entre o ego e o objeto.

Para Green é isso que Brierley sustenta, ao afirmar que “a criança deve sentir o seio antes de começar a percebê-lo e deve ter as sensações de sucção do seio antes de conhecer a própria boca” (BRIERLEY:1937 apud GREEN:1973). Consolidada está a noção de investimento de objeto, onde os mecanismos de introjeção e de projeção constituem métodos de dominação das emoções fantasiadas como modos de relações concretas com os objetos. Declara Green que a constituição dos afetos primários está ligada, assim, a seus “objetos-portadores”, implicando a importância do contraste entre objetos bons e maus. Brierley irá vincular a formação do eu à do objeto total. A autora sustenta ainda que a experiência da insatisfação, além de propiciar o nascimento do objeto, é também a matriz de um foco constante para a formação do objeto mau.

Brierley aponta a existência de inclinações afetivas, como disposições para viver certos afetos. Alguns afetos não estão acessíveis à consciência porque os precursores de afetos primários nunca foram conscientes. Segundo Green, essa teorização possibilita a perda do valor semântico do inconsciente, com o predomínio da afetividade sem correspondente representativo, que é, para Brierley, o que está em jogo na transferência. Segundo essa autora, através do afeto encontramos-nos frente aos objetos arcaicos e o sistema primitivo do ego: “Não somente com as tensões das moções de objeto, mas também com as tensões intra e inter-egóicas” (BRIERLEY:1937 apud GREEN:1973). Para ela, a

reintegração do ego parcial primitivo no ego principal é possibilitada pela interpretação dos afetos na transferência (GREEN:1973).

Glover e Brierley representam, para Green, a primeira fase dos trabalhos sobre o afeto originados da escola inglesa, e cuja influência de Melanie Klein é evidente. Neles, há de se destacar a mudança de direção na concepção do inconsciente e a reavaliação da relação entre a representação e o afeto. Essa direção persistirá em autores que se desligarão da influência Kleiniana, como Winnicott, que abordará o desenvolvimento afetivo primário (1945) segundo parâmetros próximos, com a acentuação clara do papel do meio ambiente materno (GREEN:1973).

De acordo com Vieira (1996), Melanie Klein acentua, na linha de Abraham, o mundo fantasmático, considerado como expressão mental das pulsões, construída sobre a relação mãe-bebê. Os mecanismos que traduzem estas relações como, por exemplo, a clivagem entre o bom e o mau objeto ou as posições depressiva e esquizo-paranoíde, estarão no centro dessas teorizações. Nesse sentido, não é na relação entre o ego e qualquer coisa de animal no corpo que se encontra a origem do afeto, mas no modo que se dá a relação do ego ao Outro. A expressividade primitiva do ego arcaico é sublinhada. Em suas trocas com o mundo, o bebê reage através das emoções primitivas que acompanham os fantasmas pré-verbais (estes são o equivalente psíquico do funcionamento pulsional e, o afeto, sua outra face). Esses complexos fantasmáticos-emotivos constituem, na qualidade de linguagem primordial, o fundamento da linguagem verbal (VIEIRA:1996).

O debate afeto X representação não é mais colocado da mesma forma e nem constitui mais um problema delicado. Afeto e representação são doravante intrinsecamente ligados porque eles são todos dois resultantes de uma linguagem primeira do qual o afeto é mais próximo (VIEIRA:1996).

Os trabalhos de Winnicott se inscrevem na tradição psicanalítica inglesa, e impõem a ultrapassagem da oposição representação-afeto com o objetivo de apontar a base afetiva do sentimento de existência. Para Winnicott, os estados afetivos primários, constituídos pelas alternâncias de estados de desintegração e de integração parcial do self, são bem anteriores ao que Melanie Klein descreve. Há um par indissolúvel formado pela mãe e pelo bebê, não cabendo nenhum discurso sobre o afeto que não faça intervir os afetos da mãe, a sua tolerância às

necessidades regressivas da criança até o estado de caos informal, condição de estabelecimento de um núcleo de continuidade afetiva viva (GREEN:1973). Para Vieira, Winnicott é o autor que mais evidencia o caráter essencial da relação mãe-bebê. O diálogo fundado nesse par indissolúvel funda o bebê na qualidade de sujeito. Esse sujeito é alçado ao estatuto de um ser afetivo primordial, onde se encontram imbricados afeto e representação, tudo ao mesmo tempo (VIEIRA:1996).

Bion se destaca por ser um dos poucos autores da escola inglesa que abordou a problema do afeto de um ângulo teórico. Em seu livro *Elementos da Psicanálise* (1963), ele apresenta um conjunto teórico inovador e amplo que, pelos limites de nosso trabalho, não será aqui exposto. Apenas assinalaremos que a proposta do autor é sustentada por uma grade de dupla entrada, com uma seqüência vertical que compreende a dimensão histórico-genética, e uma seqüência horizontal, que compreende a dimensão sincrônica dos processos de pensamento. O pressentimento está para o afeto, assim como a preconcepção está para a concepção do ponto de vista intelectual. Deste modo, é estabelecida uma correspondência entre a categorização ideativa e a categorização emocional, onde o autor defende a equivalência dos dois registros, com o deslocamento da tônica para o registro emocional(GREEN:1973).

“Representarei este deslocamento da tônica utilizando o termo sentimento (*feeling*) em lugar do termo pensamento (*thinking*). Essa substituição está baseada na utilização comum na prática analítica de frases como ‘Sinto que tive um sonho esta noite’ ou ‘Sinto que você me odeia’ ou ‘Sinto que vou ter uma depressão’. Essas fórmulas implicam uma experiência emocional e, portanto, são mais apropriadas ao meu projeto do que as implicações mais austeras do ‘Penso...’. As comunicações introduzidas pelos termos tais como ‘Sinto...’ são muitas vezes métodos para exprimir emoções ou pressentimentos; é em sua função como expressão e emoções que desejo considerar esses fenômenos” (BION:1963 apud GREEN:1973).

Nas palavras de Green, Bion consolida em sua teorização uma equivalência entre o “Eu penso” e o “Eu sinto”, e a adoção do termo “pensamento” se aplicará para ele por convenção tanto ao pensamento como à emoção. Ainda conforme Green, a teoria do pensamento de Bion denota claramente uma teoria estrutural dos afetos, “preenchendo o vazio entre o intelecto e o afeto” (GREEN:1973) De acordo com Vieira, Bion apresenta um projeto de formalização e de matematização rigoroso, tomando o afeto “à la

lettre”, ao nível do dito, o que o permite correlacionar o sentimento à ordem significante, sem ser obrigado a introduzir o dualismo nem o evolucionismo. Ressalta ainda o autor que algo do afeto resta não contemplado pelo sentimento, e que não é aqui abarcado por Bion (VIEIRA:1996).

A idéia de um afeto primordial conduz a uma clivagem do afeto e estabelece a oposição entre a ordem primordial/ego arcaico e a ordem simbólica/ego atual, oposição esta que, conseqüentemente, é anterior e a responsável pela clivagem. A clivagem do afeto distingue, portanto, o afeto primário e o que Glover denomina afeto secundário. O afeto primário está ligado aos fantasmas mais arcaicos e primitivos, e não é acessível diretamente à consciência. O afeto secundário o representa ao nível consciente e ao nível inconsciente. Ele é o resultado de sua transformação pela verbalização e o advento da linguagem, correspondendo propriamente ao fenômeno, que é o ícone do afeto primeiro (VIEIRA:1996).

Com relação aos autores da escola norte-americana, a influência hartmanniana não é homogênea. Green destaca em seu texto que são vários os autores americanos cujo vínculo à corrente hartmanniana é distante. Tampouco a influência de Hartmann está localizada na América do Norte. Porém, Hartmann é, inegavelmente, a maior influência teórica para a escola americana. E *A Concepção Psicanalítica do Afeto*, de Rapaport (1953), representa legitimamente o ponto de vista hartmanniano sobre a questão.

Rapaport declara que são três as teorias freudianas: a teoria da catarse, a do conflito e a do sinal, evidenciando cada uma delas contextos metapsicológicos diferentes. A teorização do problema do afeto encontra-se associada à essa peculiaridade. Portanto, na teoria da catarse, há uma equivalência entre os termos afeto, libido e investimento. Na teoria do conflito, o afeto existe no estado de potencialidade e se opõe à representação, que permanece sob a forma de um traço mnêmico. Há uma aptidão inata para o conflito, que implica limiares de descarga inatos, dos quais a tolerância à frustração é o reflexo. Na terceira concepção do afeto, este é sinal do ego, o que permite a construção de uma quarta concepção, caracterizada pelo ponto de vista “estrutural- adaptativo”. Essa quarta e última concepção, introduzida por Rapaport, tem como eixo central articulador o ponto de vista genético (RAPAPORT:1953).

Conforme este autor, antes da diferenciação id-ego os afetos utilizam limiares e vias inatas de descarga possuindo, além de uma função de descarga, um papel sócio-comunicativo exposto segundo predisposições hereditárias. Quando é instaurada a soberania do princípio de prazer, o afeto funciona como válvula de segurança para as tensões provocadas pela ausência do objeto. O afeto sobrevém quando alcança um limiar acima do que as vias inatas podem tolerar de tensão. Sendo a descarga incompleta impossível, ela somente reduz tais vias à quantidade de tensão tolerável segundo o limiar. As internalizações e contribuições da realidade propiciam um aumento do limiar de tolerância e permitem retardar a descarga. Esta mudança dos limiares origina “uma hierarquia de motivações que vai das pulsões aos interesses e às escolhas” (RAPAPORT:1953), e corresponde ao desenvolvimento dos processos secundários. Desenvolvimento este que é atingido através da atividade de ligação, a ação experimental do pensamento e da memória sobre a atividade alucinatória.

De acordo com Green, para Rapaport, há uma tendência em dar um lugar crescente à idéia de “pensamento representante da realidade”, por ser a idéia a representação preponderante da pulsão. A dominação dos afetos se conclui com a neutralização deles. As cargas afetivas são submetidas a contra-investimentos, mas as antigas estruturas persistem e são capazes de reaparecer durante “tempestades afetivas” e em processos primários. No entanto, a neutralização atingiu a produção de afetos sinais que se tornam progressivamente “sinais de sinais”. Porém, ao oposto do que possa aparentar, a neutralização afetiva não é a única condição para a normalidade, sendo necessárias também a variabilidade, a mobilidade e a modulação afetiva⁴. Assim, os estados patológicos serão caracterizados pela rigidez, pela intensidade e pela compacidade das produções de afeto (GREEN:1973).

Em cada nível há a descoberta de um conflito. O conflito entre as diversas camadas marca o ponto de vista dinâmico e, do conflito entre a neutralização e a descarga, resulta o ponto de vista econômico. As diversas instâncias agem sinergicamente ou antagonicamente numa perspectiva que leva em conta a realidade, caracterizando o ponto de vista estrutural e adaptativo. De acordo com

⁴ “*Rich and modulated affect-life appears to be the indicator of a ‘strong-ego’*” RAPAPORT, D. On the psychoanalytic theory of affects. In: **International Journal of Psychoanalysis.**, 34, 1953, pp. 195.

Green, “nunca o pensamento de Freud foi mais laicizado” (GREEN:1973). A metapsicologia freudiana, definida pelos seus pontos de vista dinâmico, econômico e tópico, sofre aqui uma distorção. O ponto de vista tópico torna-se estrutural e, “como se faltasse algo na metapsicologia freudiana” (GREEN:1973), Rapaport introduz o ponto de vista genético e adaptativo.

De acordo com Vieira, Rapaport inaugura a primeira corrente, cuja via de interpretação freudiana, fundada por Heinz Hartmann, lançou as bases da psicologia do ego, retomando a segunda tópica com a finalidade de promover a apologia do ego forte e de uma psicanálise normalizante para uma visão adaptativa. Portanto, a teoria de Rapaport é a introdução, no campo do afeto, daquilo que é introduzido por Hartmann na teoria psicanalítica, isto é, o ponto de vista estrutural adaptativo. A segunda teoria do afeto em Freud é revista a partir de uma tentativa de objetivação do fato clínico e de uma leitura de *Inibição, Sintoma e Angústia* que se funda sob o binômio “ego-mundo” (VIEIRA:1996).

Para Vieira, no entanto, esse gênero de concepção não é novo. Fenichel já havia insistido sobre a função de controle progressivo do ego em relação a seu desenvolvimento genético, no sentido de uma redução da descarga afetiva. Além disso, as concepções hartmannianas teriam já sido transpostas explicitamente para o campo do afeto antes de Rapaport, notadamente por Reider⁵ que correlacionou os afetos ao desenvolvimento do ego, ou ainda com Landauer⁶ que se refere a “afetos filogeneticamente diferenciados”. Mas é com Rapaport que essas noções tiveram sua tradução mais característica, mais consistente e que instaurou uma via onde Brenner “é o último autor até a data” (VIEIRA:1996).

Vieira, como já dissemos, se concentra no estudo de dois autores contemporâneos: Brenner, representando a primeira corrente, e Green, representando a segunda corrente proposta pelo autor. Segundo este, a escolha de Brenner se dá menos pela originalidade ou importância de sua contribuição que pelo caráter exemplar de seus estudos. Para Vieira, Brenner ocupa um lugar importante no panorama psicanalítico americano, por firmar uma obra sobre a psicanálise que faz a função de síntese introdutória largamente difundida. Esta teoria é unificada, se propondo a dar uma contribuição original que articula o

⁵ REIDER, N. The theory of affects. In: **Bull. Amer. Psa. Assn.** 8, 1952, pp. 300-315.

⁶ LANDAUER, K. Affects, Passion and Temperament. In: **International Journal of Psycho-Analysis**. 19, 1938, pp. 388-415.

afeto à angústia, e é considerada exemplar das linhas de força que Vieira irá denominar de *continuum affectif* (VIEIRA:1996). Acreditamos entretanto que, para os fins de nosso trabalho, devemos considerar mais profundamente as proposições de Brenner, segundo a interpretação feita por Vieira, comparativamente ao estudo das proposições de Green, a serem feitas mais adiante.

Afirma Vieira que Rapaport coloca em discussão, já no início de seu artigo, o estatuto metapsicológico do afeto. As três teorias freudianas identificadas pelo autor, já apresentadas acima – teoria da catarse, teoria da descarga (denominada por Green de teoria do conflito) e teoria do afeto-sinal, correspondem a três níveis de conceitualização. Dessa forma, as teorias não são autônomas, integrando uma hierarquia evolutiva e cronológica, sendo portanto considerada a mais perfeita a teoria do afeto-sinal de *Inibição, Sintoma e Angústia*. Esta última se abre ainda ao ponto de vista estrutural adaptativo, constituindo, como já vimos, um quarto nível, introduzido por Hartmann na metapsicologia freudiana. Nesta perspectiva genética e “periodizada”, um ego forte terá como indicador um gênero de afetos secundários, afetos estes claramente anunciados por Rapaport como já sendo reconhecidos por Fenichel, e que são caracterizados por uma maior mobilidade, modulação e variabilidade. Destaca Vieira que a distinção feita por Jones entre afetos primários e secundários, entretanto, é o resultado de uma evolução individual, como duas formas ou níveis de maturação de uma mesma coisa, tratando-se portanto de um outro sentido completamente diverso do que é dado por Rapaport (VIEIRA:1996).

As variações pulsionais em todos os níveis hierárquicos permanecem efetivas na vida psíquica. Dessa forma, encontramos no adulto normal fenômenos afetivos que vão desde afetos de investimentos altamente neutralizados à entrada de afetos maciços. A coexistência desses estados implica, dessa forma, um *continuum* instituído ao seio do sujeito, entre o passado e o presente, o animal e o humano. O equilíbrio é a chave da evolução, e de sua ruptura, se origina o afeto. Ele se insere em vários níveis através de uma progressão adaptativa que parte do equilíbrio dinâmico, passa pelo equilíbrio energético e chega finalmente ao equilíbrio tópico entre as instâncias (VIEIRA:1996).

E. Jacobson publica, em 1953, o artigo *The affects and their Pleasure-Unpleasure Qualities in Relation to the Psychic Discharge Processes*, de grande

influência na literatura psicanalítica ⁷. Ela analisa as concepções de vários autores, sobretudo as de Glover, Brierley e Rapaport, e propõem uma saída, segundo Green interessante, quanto ao fato do afeto ser considerado um fenômeno de tensão ou um fenômeno de descarga.

“Considerado do ponto de vista psico- econômico, um estímulo interno ou externo conduz a elevações de tensão que têm como resultado um desencadeamento psíquico e um processo de descarga. Esse processo encontra sua expressão nos fenômenos motores tanto quanto nas sensações e nos sentimentos percebidos pela superfície externa e interna da consciência” (JACOBSON: 1953).

O afeto, portanto, se origina a partir dos fenômenos de tensão e dos fenômenos de descarga, sendo os dois aspectos inseparáveis. Uma elevação de tensão pode, ainda, continuar a se desenvolver num determinado ponto, enquanto que num outro, ela pode decrescer por uma descarga parcial. Coexistem, assim, investimento e contra-investimento. A descarga pode, no prazer, iniciar, enquanto a tensão ainda cresce. O prazer de tensão pode levar à necessidade de uma maior excitação, o prazer máximo pode acarretar a necessidade de um apaziguamento e o prazer de apaziguamento a nostalgia de um prazer de tensão. A situação psíquica determinará a mudança. Dessa forma, a concepção rapaportiana do afeto como resultado de uma não descarga não pode ser admitida pela autora, posto que o afeto é também o resultado do investimento pulsional. E o princípio de prazer não objetiva mais o apaziguamento das tensões.

“O princípio de prazer e, mais tarde, sua modificação, o princípio de realidade, limitar-se-ia a dirigir o curso das oscilações biológicas em torno de um eixo médio das tensões; isto é, as modalidades dos processos de descarga. As qualidades do prazer serão vinculadas às oscilações do pêndulo da tensão de cada lado, por tanto tempo quanto os processos de descarga psicofisiológica correspondentes puderem escolher certas vias preparadas e as mudanças de tensão puderem tomar um curso definido dependendo, parece, de certas proporções ainda desconhecidas entre as quantidades de excitação e a velocidade e o ritmo de descarga”(JACOBSON:1953 apud GREEN:1973).

Para Jacobson, as funções de controle e de gratificação das pulsões psíquicas, a função adaptativa e a função de autoconservação representam as leis essenciais da vida psíquica. De acordo com Green, tais considerações teóricas acarretam uma considerável mudança na concepção freudiana. O princípio de

⁷ De acordo com Green (1973), este artigo pode ser genuinamente considerado o mais importante

prazer está submetido a um princípio homeostático, que se revela o centro de uma homologia psíquica –biológica. Neste contexto, a agressividade passa a ter uma relação direta com a frustração e a tolerância à tensão é apreciada somente em relação com o controle da frustração. Portanto, a maturação afetiva depende da adaptação ao princípio da realidade, pela redução do afeto a sua função sinal, consolidando o ponto de vista genético (GREEN:1973).

É importante destacar que a autora, a partir de tais considerações, distingue duas classes de afetos: os afetos simples e compostos originados de tensões intra-sistêmicas e os afetos simples e compostos originados de tensões inter-sistêmicas. Na primeira classe de afetos, eles são subdivididos em afetos representantes das pulsões propriamente ditas, originados das tensões diretas do id, e afetos originados diretamente das tensões no ego. Na segunda classe, os afetos se subdividem em afetos originados de tensão entre o ego e o id e afetos originados de tensões entre o ego e o superego (JACOBSON:1953).

Segundo Vieira, a maior parte dos autores, a começar por Rapaport, não descarta o ponto de vista econômico, com exemplar exceção de Brenner, que o faz de forma clara. Existe mesmo quem se situa de uma forma radicalmente oposta à de Brenner, como Borge-Löfgren (1964) que, como veremos adiante, propõe uma concepção puramente energética do afeto. O *continuum* evolutivo de Hartmann é diretamente proveniente de um *continuum* energético implicitamente aceito por todos os autores dessa corrente. Nesse sentido, os estudos de Brierley constituem um exemplo das dificuldades engendradas pelo paradigma psicofisiológico. Para esta autora, como também para a maior parte dos autores dessa corrente que se fundamenta sobre a “égide do econômico” (VIEIRA:1996), a questão essencial é saber, como já vimos, se o afeto é um fenômeno de tensão ou de descarga, posto que Freud parece ter teorizado o afeto nessas duas direções (VIEIRA:1996).

Brierley, ao buscar inserir o afeto em seu modelo de arco pulsional, se questiona onde este deve ser colocado, se do lado aferente ou do lado eferente, e termina por colocá-lo no centro. De acordo com Vieira, isso se dá sem que saibamos muito bem onde se encontra esse lugar, e qual o estatuto que a autora lhe dá. De acordo com esse autor, também, tudo afirma a preferência da autora pelo afeto como um fenômeno de tensão. E. Jacobson constitui outro exemplo, por atribuir a origem dos afetos aos fenômenos de tensão e de descarga,

correspondendo assim o afeto, ao mesmo tempo, a uma tensão e a uma descarga. O que poderia se constituir uma autêntica transformação, não fosse o fato de, inscrita no paradigma psicofisiológico, Jacobson ser condenada a cair no paradoxo de uma descarga que não se descarrega ⁸(VIEIRA:1996).

As contribuições de Rapaport e de Jacobson asseguram, para Green, os novos eixos teóricos da psicanálise. A escola norte-americana se caracterizará pela admissão dos pontos de vista estrutural e genético numa perspectiva psicobiológica, onde a finalidade adaptativa é denotada no estudo do par estímulo- resposta. A escala maturativa possui uma tendência ao estabelecimento de sinalização com finalidade adaptativa; há uma diferenciação entre o ego e o self, com dotação pelo ego de aparelhos autônomos com intenção adaptativa. O par gratificação- frustração é uma das maneiras de se estudar o fenômeno, sendo a libido associada à gratificação, enquanto que a agressividade é associada à frustração (GREEN:1973).

Segundo Vieira, o afeto, em Rapaport, parece ter uma existência própria no enquadre psicofisiológico. E, posto que ele é compreendido separadamente, poderíamos supor que ele possa se manifestar sozinho, desprendido da representação. Ainda que Rapaport insista sobre o papel dos afetos-sinais, na qualidade de índices de realidade tão importantes quanto os da idéia, a questão das relações entre o afeto e a representação não é abordada por esse autor. Vieira segue declarando que Freud aceita a existência do afeto sem idéia, sem que faça questão de uma gênese e de uma teorização independentes como as que encontramos em Rapaport, posto que, para Freud, o afeto não se distingue da representação somente após o recalque. Em Freud, o afeto não é índice, é representante. Dessa forma, o afeto permanece em uma relação intrínseca com a idéia e, já que todos os dois são delegados, nenhum deles guarda uma relação material com a pulsão ⁹. Com efeito, a questão em Freud não é a transformação

⁸ “Nous avons là quelque chose qui aurait pu constituer un véritable changement, n’était que, du fait de s’inscrire dans le paradigme psychophysiologique, Jacobson est condamnée à tomber dans le paradoxe d’une décharge qui ne se décharge pas.” VIEIRA, M. In: **L’Ethique de la Passion**. 1996, pp.90.

⁹ “A utilização do paralelismo psicofisiológico jacksoniano por Freud em sua crítica à Wernicke é outra. Não trata-se de conceber um fenômeno psíquico ocasionado (a cada vez) por uma modificação na coisa física ou o inverso. A passagem da noção de ‘alteração fisiológica’ para a de ‘processo funcional’ na origem do fenômeno psíquico, tal qual ela é descrita em seu estudo sobre as afasias, acena essa alteração.” VIEIRA, M. In: **L’Ethique de la Passion**. 1996, pp.83 (tradução nossa).

de um substrato orgânico localizável originando “échos psychologiques” (VIEIRA:1996) mas, antes, a dos “événements physiologiques” (VIEIRA:1996) postulados *a posteriori* a partir das funções anímicas. A realidade material desses eventos não é mais o ponto de partida constitutivo de um axioma causal obrigatório, mas um postulado lógico necessário (VIEIRA:1996).

O debate acerca das relações entre o afeto e a representação desemboca sobre as tentativas de conciliar afeto-índice e representação. Brenner, segundo Vieira, é aqui um autor típico, já que sintetiza e propõe a solução mais difundida entre as que tomam Rapaport como ponto de partida. Trata-se de considerar o afeto como um ente inconsciente mais ou menos energético, que encontra na representação seu modo de expressão. O afeto sinalizaria então os conteúdos aos quais o ego está associado. De fato, não é somente o conjunto da vida afetiva traduzindo os níveis de evolução do indivíduo que deve nos interessar, importa precisar o conteúdo inconsciente associado a cada afeto para poder localizar os conteúdos que se ligam aos afetos primitivos e os que se ligam aos afetos mais desenvolvidos. Isso acarreta uma oscilação no interior do quadro hartmanniano, entre o realismo naturalista da proposição “só o afeto (ou o conjunto das manifestações afetivas do indivíduo em suas relações com o mundo) pode indicar de maneira concreta o grau de maturação do ego” (VIEIRA:1996) e uma espécie de idealismo nominalista, que formula que “o afeto encontra na idéia sua colocação em forma expressiva, e que mostra os conteúdos aos quais o ego se põe verdadeiramente em relação, e são esses que indicam o nível de maturação do ego”(VIEIRA:1996). Dessa feita, encontramos todas as gradações possíveis entre essas duas posições.

De fato, um amplo número de trabalhos sobre o afeto adotará a orientação dada pelos trabalhos de Hartmann e de Rapaport a partir de 1953. Green os divide, didaticamente, em trabalhos puramente teóricos, trabalhos orientados para a clínica, e trabalhos centrados no tratamento. De acordo com Vieira, Green, em *O Discurso Vivo*, ligado à determinação manifesta de demonstrar que a teoria lacaniana é fundada sobre um esquecimento do afeto, e a uma tentativa mais ou menos assumida de constituir uma teoria geral do afeto, irá acumular uma quantidade enorme de informações e de exposições de textos os mais diversos, por vezes sem um fio condutor aparente. Vieira porém atesta, ao se referir ao seu

próprio trabalho, que sua leitura dos trabalhos pós-freudianos é vaga e, em certa medida, injusta, frente ao esforço dos autores escolhidos por ele – incluso Green – em constituir uma teoria do afeto que se sustente. O autor salienta ainda que, para os seus objetivos, é menos importante o exame profundo de cada sistema do que extrair suas linhas de força maiores quanto ao afeto, com a finalidade de compará-las em seguida com a leitura lacaniana de Freud (VIEIRA:1996).

Portanto, para Vieira, o exame dos trabalhos de Brenner e Rapaport são suficientes para a exposição das linhas diretrizes do que se denomina *psicologia do ego*. A nossa finalidade nesse trabalho não é a mesma de Vieira, porém tampouco a de Green. Na verdade, os objetivos e limites do nosso trabalho, expostos em nossa introdução, guardam certas proximidades e certos distanciamentos com os métodos utilizados pelos dois autores. Dessa forma, consideramos importante apresentar alguns teóricos da escola norte-americana que, para nós, são representativos de alguns impasses e de algumas contribuições ao estudo do tema em questão.

Kaywin(1960) é associado por Green ao grupo de trabalhos puramente teóricos. Para nós, isso importa menos do que a atitude assumida por esse autor, marcada por uma posição epigenética extremista. Ele sustenta que a energia biológica é a única cuja existência é admitida, sendo dispensável uma diferenciação entre energia biológica e energia psíquica, e ilegítima a referência a um ponto de vista energético em psicanálise. A energia somente pode ser estudada através das funções e dos processos estrutural-energéticos de modelos de reação, que são estratificados em hierarquias de unidade estrutural– funcionais. Parte-se das unidades químico– energéticas para as unidades genéticas, e dessas, para as unidades embriológicas, chegando, por fim, às unidades psicobiológicas e psicanalíticas. O afeto é um sentimento do ego positivo ou negativo, definido como representações de sinais internos e externos que sofre estruturações e se torna representações do self. “As percepções de tonalidade em relação com (ou associadas com) o self (mais exatamente partes do self) podem ser descritas como afetos” (KAYWIN:1960 apud GREEN:1973).

As proposições de Kaywin desvirtuam por completo a metapsicologia freudiana. Segundo Green, ele insiste no caráter não-genérico dos conceitos de pulsões, o que possibilita modificá-los e até mesmo substituí-los, em coerência com as reformulações teóricas. Além disso, os conceitos de investimento, de

ligação e de neutralização não são sustentáveis em sua forma atual. E os conceitos de id, ego e superego não são indispensáveis. Finalmente, a concepção clássica do desenvolvimento da libido pode ser radicalmente alterada a partir do momento em que ela se torna um aspecto parcial do processo integral da epigênese (GREEN:1973).

Moore ¹⁰ (1968 apud GREEN:1973) associará o afeto de descarga fisiológica às estruturas cerebrais, particularmente o sistema límbico. Afirma este autor que é a natureza fisiológica dos afetos primários a responsável pelo seu estatuto inconsciente. Stewart ¹¹ (1967 apud GREEN:1973), adotando uma posição menos extremista, acentua a função de sinalização do ego. Através da análise dos trabalhos de Freud de 1888 a 1898, esse autor levanta a hipótese de que a função sinal do afeto, que objetiva despertar o ego com a finalidade de adaptação, já era considerada por Freud desde o começo. A partir disso, ele define o afeto como uma mensagem de valor informativo que se inscreve no conjunto dos processos reguladores do aparelho psíquico. Destacamos também Max Shur ¹² (1967 apud GREEN:1973) que, defendendo a idéia de um *continuum* psicofisiológico em seu trabalho sobre o id, sustenta que este também é dotado de aparelhos autônomos com finalidade adaptativa, não sendo estes, como declara a maioria dos autores norte-americanos, exclusividade do ego.

Engel ¹³ (1962 apud GREEN:1973) estuda a transição do campo biológico para o campo psicológico, a partir da problemática dos afetos primários de desprazer na criança. O autor salienta o valor do afeto como modo de comunicação arcaico, e estabelece duas grandes categorias afetivas. A primeira, de origem biológica, abarca os afetos de descarga pulsional, anteriores à constituição do ego. Eles possuem um fraco valor sinalizador cujo efeito se resume à descarga. O acesso ao campo psicobiológico é feito pelo surgimento do ego, no nono mês. Os afetos passam a ter um amplo valor de sinal e suas informações podem ser decodificadas nos registros de prazer ou de desprazer. O ego é submetido ao princípio da realidade e a função da descarga é deslocada

¹⁰ MOORE, B. **Some Genetic and Developmental Considerations in Regard to Affects**. Cf BORJE-LOFGREN (1968).

¹¹ STEWART, W. **Affects**. In: **Psychoanalysis: The First Ten Years 1888-1898**. Mac Millan Co., 1967.

¹² SCHUR, M. **The Id and there Regulatory Principles of Mental Functioning**. Hogarth Press and the Institute of Psychoanalyse, 31, 1967.

para o segundo plano. O autor firma as suas hipóteses na diferenciação freudiana entre angústia automática e angústia sinal. A angústia automática induz respostas de modelo ativo e de modelo passivo. Dessa forma, há a oposição de dois grandes tipos de afetos. A ‘angústia’, como um esforço para assegurar a satisfação das necessidades de um modo regressivo, no quadro de uma relação que permite distinguir self e objeto, e a ‘retração depressiva’, como uma reação à perda do objeto, compreendida como uma regressão maciça que assinala a derrota do ego, e um retorno ao estágio de indiferenciação pré-objetal.

O ponto de vista epigenético permanece, assim, como o grande eixo norteador. Schmale¹⁴, em 1964, sugere uma classificação genética dos afetos segundo as duas grandes etapas da não-distinção entre o self e o objeto e, posteriormente, a sua diferenciação. As teorizações sobre o afeto encontram-se na dependência cada vez mais expressa das relações entre o self e o objeto. Spiegel (1966) estuda os afetos nessa perspectiva, considerando as relações entre o afeto e o narcisismo. Seu trabalho se situa menos na angústia do que na dor, considerada segundo os conceitos metapsicológicos. De acordo com Green, embora esse autor contribua para a compreensão da relação do self com o objeto, há um deslocamento da ênfase, que é colocada sobre a experiência real em prejuízo da realidade fantasmática, tal como é delineada nos trabalhos kleinianos (GREEN:1973).

Em 1968, Sandler e Joffe, a partir de determinadas hipóteses de Freud¹⁵, compreendem o afeto como resultado de uma experiência traumática, como indicador de uma quantidade pulsional e como resposta a um estímulo. O artigo defende uma *psicologia psicanalítica da adaptação*. Nesse sentido, as neuroses são adaptações patogênicas aos efeitos secundários de um acontecimento, de uma realidade ou de uma experiência particular pertencente ao mundo exterior. Assim, o afeto se torna um mediador da adaptação. Adotando a posição de Max Schur (1967), que compreende o princípio de prazer como princípio homeostático de constância, regulador do funcionamento mental e do equilíbrio pulsional, esses

¹³ ENGEL, G. Anxiety and Depression Withdrawal: the Primary Affects of Unpleasure. In: **International Journal of Psychoanalysis**. 43, 1962, pp. 89-97.

¹⁴ SCHMALE, A. A Genetic View of Affects with Especial Reference to the Genesis of Helplessness and Hopelessness. In: **Psychoanalytic Study of the Child**. 19, 1964.

¹⁵ JOFFE, W. e SANDLER, I. Comments on the Psychoanalytic Psychology of Adaptation with Especial Reference to the Role of Affects and the Representational World. In: **International**

autores dissociam o princípio de prazer- desprazer das experiências afetivas de prazer e de desprazer e o funcionamento psíquico procede por integrações positivas sucessivas. Os autores sugerem a introdução na metapsicologia de um princípio de segurança, cujo objetivo é a constituição de um estado afetivo central. O objetivo final é a redução da distância entre o self ideal, oriundo de um funcionamento psicobiológico harmonioso, e o self afetivo. A individuação consiste na evolução progressiva que substitui os ideais infantis pelos ideais adaptados à realidade (GREEN:1973).

Este primeiro grupo da escola norte- americana, fundamentalmente teórico, se diferencia entre os que adotam o ponto de vista econômico e os que adotam o ponto de vista que poderia ser chamado de “sinalético” (GREEN:1973). A grande maioria dos autores, como pudemos observar, pertence ao primeiro grupo. Entre os autores ligados à concepção econômica encontramos Borje-Löfgren (1964), que propõe uma concepção puramente energética do afeto. A excitação psíquica será compreendida segundo os dados da excitação nervosa, com o estudo de potenciais energéticos, transferência de cargas dos potenciais elevados para potenciais menos elevados, onda de negatividade e isolamento de pools de energia das células nervosas. O afeto aqui é o puro produto das trocas energéticas, sem qualquer referência à qualidade, a não ser como resultado das “operações de drenagem” entre o ego e o id. Ulteriormente, esse autor completa suas concepções adotando a tese do afeto como expressão mimética de valor comunicativo (1968), e tentando uma difícil harmonização com suas opiniões anteriores (GREEN:1973).

De acordo com Vieira, na concepção puramente energética do afeto proposta por Borge-Löfgren, o modo de transmissão das “mensagens” através do neurônio, isolado e descrito em laboratório, vem aqui fornecer não mais uma metáfora, mas “a realidade material” do aparelho psíquico e das mensagens veiculadas pelo afeto, traduzidas pelas variações energéticas. Para Vieira, tais afirmações, no entanto, conduzem às mesmas dificuldades que as outras, visto que o autor se encontra obrigado a apoiar-se em uma teoria da comunicação, em seu já mencionado artigo de 1968. Este, inscreve o afeto do lado do signo e da mensagem, aproximando-se assim da solução de Brenner, na tentativa de resolver

as dificuldades de evitar o fator econômico, porém sem notar que esta questão se repousa na manutenção do quadro psicofisiológico (VIEIRA:1996).

Para Green, em todos esses trabalhos encontra-se presente a tese hartmanniana dos afetos enquanto “indicadores”, sustentando a tese do valor cognitivo do afeto para a maioria dos autores. Green declara que, embora aprove a função cognitiva do afeto, não considera que o sinal de afeto possua um valor adaptativo. Afirmo o autor que “é muito mais fecundo heurísticamente ligar o afeto ao processo de simbolização e colocá-lo em relação com outros tipos de significantes presentes no processo psicanalítico”(GREEN:1973).

No segundo grupo de trabalhos norte-americanos postulado por Green, o foco é o aspecto clínico. Argumenta esse autor que, ainda que essa divisão seja artificial, ela é útil por permitir situar à parte certos autores nos quais a influência hartmanniana é menos destacada. Nesse segundo grupo, Green inclui Blau, Novey, Lewin e Schafer. Acreditamos ser importante apresentar este último, cuja abordagem do problema do se distingue por uma orientação não genética, pouco comum entre os autores anglo-saxões. E também Lewin, por sua importante contribuição aos problemas teóricos colocados pelo afeto.

Schafer (1964) estabelece oito parâmetros para o estudo do afeto: existência, formação, força, estímulos, complexidade e paradoxo, localização, comunicação e história. Quanto à *existência*, declara o autor que a expressão dos afetos não é uma prova de sua autenticidade, assim como a ausência de expressão não é uma prova de sua dissimulação. Da mesma forma, a hiperexpressividade dos afetos não atesta forçosamente sua artificialidade. Desse modo, qualquer abordagem fenomenológica dos afetos é inadequada. Com relação à *formação*, a interpretação das defesas faz com que apareçam novos afetos de difícil definição. E a formação de afetos precisos parece depender de um trabalho de isolamento, de fragmentação, assim como de um trabalho de representação e síntese. O afeto é solidário de uma configuração que suporta sua manifestação. O parâmetro *força* assevera que a força ótima para a expressão do afeto não é a força máxima. Assim, o afeto sinal é seguramente o resultado de uma elaboração evoluída. Entretanto, a redução afetiva não deve ser interpretada como um sinal de maturidade. A abertura para o afeto a explica melhor.

Com relação aos *estímulos*, o autor afirma que a origem dos afetos não é interna ou externa. Às vezes os afetos são derivados dos objetos, às vezes são

orientados para eles ou estão em reação contra eles. No parâmetro *complexidade e paradoxo*, a análise reconstrói os agregados afetivos mais ou menos secundariamente autonomizados. Contudo, deve-se tomar cuidado com a redução do afeto a uma pseudo-realidade simples. A autenticidade afetiva é a complexidade, a ambigüidade e não a simplicidade agenciada por um procedimento idealizante. A *localização* dos afetos deve ser indicada em relação com o tempo, pela substituição de um afeto por um outro; em relação com o nível, pela estratificação afetiva; em relação com as pessoas, pelo “papel do empréstimo” de um afeto pertencente a uma pessoa com a qual há identificação; e em relação com as zonas corporais - cuja referência é um ponto de partida, e não de chegada, pela atribuição dos afetos de uma zona à outra. O afeto, a partir do parâmetro *comunicação*, é a relação entre uma emissão (mensagem) e uma recepção (resposta). Ele pode servir à manipulação das pessoas com quem se convive (comunicação intersíquica) ou à relação consigo mesmo (comunicação intra e intersíquica). Assim, a empatia não é orientada apenas para o outro, ela também se aplica a si mesmo, por um processo de troca entre afeto e consciência. O aspecto ontogenético do afeto é denominado *história*.

De acordo com Bertram Lewin (1963), nossos hábitos de pensamento nos induzem à busca de categorias intelectuais e afetivas “puras”. Porém, as experiências subjetivas primitivas ou primárias são, por natureza, experiências nas quais se misturam num todo indissociável aquilo que apenas o desenvolvimento ulterior poderá distinguir sob os nomes de “intelectual” e de “afetivo”. A experiência subjetiva primitiva provém, deste modo, de uma força maciça e indiferenciada. Segundo esse autor, a metapsicologia freudiana permanece talvez presa a um “atomismo psicológico”, que emprega todas as forças para distinguir destino do afeto e destino da representação. Segundo Green, Lewin, entretanto, se mantém filiado à tese do afeto como formação subjetiva primitiva consciente (GREEN:1973).

Os “sonhos em branco” fornecem exemplos clínicos de afetos puros, sem conotação representativa, nos quais só o afeto está presente. Para Lewin, porém, tais sonhos, que pertencem ao conteúdo manifesto, são produtos altamente elaborados em cuja produção os mecanismos de defesa do ego exercem um papel importante, assim como a regressão. Os afetos são sempre formações compósitas, compromissos – como os sintomas – entre as emanações do id e as atividades do

ego. Dessa forma, determinados afetos-encobridores são análogos às lembranças-encobridoras. Logo, há uma estruturação dos afetos, que segue simultaneamente no sentido da diferenciação (afetivo-intelectual) e no da elaboração afetiva (construções de afetos), onde o ego intervém de modo estimável. Para Green, é visível que a teoria psicanalítica norte-americana se volta para uma psicologia categoricamente genética. Quanto a esse ponto, afirma o autor:

“Nossa reticência a respeito da psicanálise genética não se dá porque sejamos levados a minimizar por pouco que seja as raízes infantis do inconsciente. Mas são dois procedimentos diferentes: afogar a especificidade do pensamento psicanalítico numa teoria do desenvolvimento da personalidade e fazer a teoria da diacronia em psicanálise. Qualquer que seja a crítica que possa ser feita aos autores kleinianos sobre a correspondência entre os fatos que eles descrevem e a situação desses fatos no calendário da cronologia, essa versão inacreditável do desenvolvimento parece –nos mais acreditável do que a dos autores mais ou menos hartmannianos”(GREEN:1973).

A exposição dos trabalhos pós-psicanalíticos anglo-saxões feita por Green indica claramente a preferência deste autor pela escola inglesa. A sua crítica à escola norte-americana é voraz. Ele chega a afirmar que uma das suas constatações mais surpreendentes foi a descoberta de que essa escola possuía os mesmos traços recriminadores dos trabalhos franceses: a abstração e a intelectualização. Em relação à exposição dos trabalhos franceses, a escolha de Green recairá sobre Mallet, do ponto de vista teórico e Bouvet, do ponto de vista clínico, que abordaram diretamente o problema. Porém, acreditamos que para os fins de nosso trabalho, é mais enriquecedor apontar as contribuições de Green a uma teoria geral do afeto. É o que pretendemos fazer de agora em diante.

De acordo com Vieira, o trabalho de Green é muito mais aprofundado e muito mais denso que o de Brenner, escolhido para representar a primeira corrente. Em Brenner, ressalta-se uma teoria quase dogmática, que se pretende amparar sobre a evidência clínica a partir da qual o autor se considera capaz de efetuar uma síntese das concepções presentes na teoria psicanalítica. Assim, “a sua autoridade vem do fato clínico” (VIEIRA:1996). Encontramos, então, uma narrativa rígida e simplista que tem, todavia, a vantagem de ser muito clara quanto aos seus objetivos e às suas conclusões. O trabalho de Green, ao contrário, é marcado por concepções mais sofisticadas, porém se mostra menos elucidado quanto ao seu projeto de conjunto. No entanto, esta diferença não é sem relação com os fundamentos teóricos da corrente de pensamento onde esse autor se

insere, particularmente no que se concerne ao valor que é conferido ao fenômeno (VIEIRA:1996).

Para Brenner a verdade está no fenômeno, que é mais ou menos diretamente acessível, e sua teoria objetiva traduzir um fato de realidade. Em Green, o fenômeno já é uma *découpage* da realidade, mediatizado pela transferência. Esta impede de fazer abstração das condições de transmissão da experiência onde o fenômeno se produz, que levaria à utilização dos discursos produzidos sobre o afeto somente a título de ilustração, como o faz Brenner. De acordo com Vieira, esse pressuposto é muito positivo, ainda que pareça faltar ao autor um aparelho conceitual claro. Para Vieira, isso o conduz a construir um painel enciclopédico que retrata tudo o que foi dito sobre o afeto na literatura psicanalítica, para poder introduzir sua teoria, sem que saibamos muito bem aquilo que está em revista, e que parece não lhe conferir a autoridade de saber necessária para criticar Lacan. Assim sendo, Green irá seguir ao exame das obras de Freud sobre o afeto, depois exporá uma visão de conjunto da literatura após Freud e, em seguida, examinar o papel dos afetos nas diferentes estruturas clínicas, para só depois se permitir a formular suas próprias teses de maneira mais explícita (VIEIRA:1996).

Em síntese, Green (1973) retoma a tradição inglesa a partir dos trabalhos de Melanie Klein e de Ernest Jones, e os coloca em tensão com sua “leitura oblíqua de Lacan”(VIEIRA:1996), com a finalidade de situar o afeto na qualidade de linguagem primordial, protolinguagem, “hipótese que se presta a todas as crítica endereçadas a uma visão evolucionista da origem da linguagem” (VIEIRA:1996).

É na terceira parte de sua obra que Green introduz os seus estudos teóricos sobre o tema. Para tanto, o autor analisa o afeto em suas relações com as duas tópicas e, em seguida, apresenta a sua contribuição mais direta, denominada por ele de “esboço de um modelo teórico: o processo ¹⁶”. Em suas considerações iniciais, o autor aponta que a situação do afeto na teoria freudiana é paradoxal já em sua definição. Em verdade, encontramos duas definições distintas do afeto

¹⁶ Na língua francesa, *le procès*, que para o autor compreende, ao mesmo tempo, o sentido de marcha, desenvolvimento, progresso, e o sentido de desfecho do conflito, “pela decisão dada a ele, consignada no estado que o apresenta” (GREEN:1973). Green prefere o termo *procès* ao termo *processus* psicanalítico, posto que, para ele, o último só possui uma das acepções precedentes.

cuja compatibilidade é problemática. A primeira, a da quantidade, é consubstancial com o inconsciente, pois trata da afectação energética das representações. A segunda, a da qualidade, parece deixar pouca margem ao inconsciente (GREEN:1973).

Green reconhece que os “agentes provocadores do afeto” (GREEN:1973) são identificáveis no real e no imaginário. Entretanto, tal origem não é exclusiva, declarando o autor expressamente a existência de afetos surgidos do interior do corpo, por uma elevação súbita de investimento, e “sem o socorro da representação” (GREEN:1973).

“Sem dúvida, é possível, procurando bem, encontrar resquícios perceptíveis e representativos, que se é tentado a vincular à irrupção afetiva. Mas não escapamos, então, à impressão de que esta aproximação é artificial; ela é secundária em todos os sentidos do termo. Tudo leva a pensar que o movimento que partiu do corpo sofreu um reforço de investimentos emanado da pulsão e que os afetos assim produzidos buscaram desesperadamente representações às quais tentaram ligá-lo, como para conter na psique uma tensão que tenderia a se descarregar diretamente no ato”(GREEN:1973).

Para Green, o princípio de prazer, duplamente determinado pela dicotomia prazer- desprazer, é um princípio eixo. Tal dicotomia permite concebê-lo como princípio da simbolização primária, por seu poder de divisão e de categorização da experiência afetiva e, portanto, de estruturação. A simbolização primária do princípio do prazer estende-se entre a “assimolia do nada” (princípio do Nirvana) e a “simbolização secundária” (princípio de realidade). A unidade de prazer está entre o zero que ela é tentada a alcançar, e a ligação, denominada concatenação, que implica a redução quantitativa e qualitativa do afeto primário, em benefício do investimento da cadeia onde o afeto secundário toma seu lugar na rede das representações de coisa e de palavra (GREEN:1973).

Ao analisar o conceito de pulsão, ele aponta a inadequação dos limites semânticos tradicionais para designar o psíquico em suas relações com o somático. Declara o autor que a expressão psíquica das pulsões não deve se referir a qualquer noção que implique em uma nítida separação entre o elemento representativo e o elemento afetivo energético. Nos textos metapsicológicos o recalque constitui o inconsciente como sistema e, por conseguinte, o vínculo entre o afeto e a representação só pode ser o vínculo entre o afeto e a representação de coisa (GREEN:1973).

De acordo com o autor, há necessidade de efetuar uma distinção estrutural, separando os fantasmas originários dos posteriores ou secundários. Para ele, o “complexo representação- castração” se constrói a partir do fantasma originário, que parece então desempenhar o papel de uma matriz do inconsciente. É preciso considerar, com relação à linguagem, as relações entre processo primário e processo secundário. Na obra freudiana ¹⁷, a substituição da representação de coisa pela representação de palavra que lhe corresponde parece o resultado de um trabalho decisivo. De acordo com Green, essa ‘mutação’ seria, então, a responsável pela transformação de uma representação do objeto pela representação das relações de objeto, definidas por ele como “condições de possibilidade que permitem correlacionar sua presença ou sua ausência” (GREEN:1973). Sendo o destino do afeto conseqüentemente ligado a essa mutação (GREEN:1973).

Para o autor, a inibição dos afetos pelo ego revela-se essencial, por sua faculdade de decidir se o investimento do objeto é de natureza alucinatória, ou não. Paralelamente, é pela redução energética que se efetua o trabalho do pensamento. O objetivo da linguagem é tornar conscientes os processos de pensamento, sendo que o investimento que a acompanha transforma os pensamentos em percepções. O destino do afeto é, pois, nos processos pré-conscientes e conscientes, o de ser inibido quantitativa e qualitativamente. Tais considerações levam Green a propor algumas observações sobre a teoria lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem. Alerta o autor que não se pode confundir o papel desempenhado pela linguagem na concepção lacaniana com o que ela desempenha na teoria freudiana. Segundo ele, ainda, o que está em questão na teoria lacaniana é a relação do sujeito com o significante e a produção do efeito de sentido “pelo processo de estruturação que marca a mutação humana” (GREEN:1973).

Enfim, a linguagem em Lacan estuda a cadeia significante (concatenação). Conforme Green, a concepção lacaniana da concatenação apóia-se no conceito de inconsciente, mas leva em consideração apenas as representações da pulsão. O autor ressalta então o risco que reside em igualar as representações, ignorando a

¹⁷ Desde o *Projeto para uma Psicologia Científica*, passando pelos textos metapsicológicos e, sobretudo, a partir de *Formulações Sobre os dois Princípios de Funcionamento Mental* (GREEN:1973).

distinção entre representação de coisa e representação de palavra, como também, em tratar as representações de coisa como representações de palavra. O que, para ele, é considerar negligenciável a relação da representação de coisa com o afeto e, de um modo geral, com o seu investimento energético (a carga afetiva). Segundo Green também, Lacan justifica tal procedimento pela distinção a ser efetuada entre as representações, que seriam recalçadas, e o afeto, que sofreria apenas a repressão. Green então aponta já ter desfeito essa objeção¹⁸ (GREEN:1973).

Entretanto, o que está em questão para Green é principalmente o fato da linguagem não possuir as mesmas propriedades funcionais em suas variadas funções. Dessa forma, a atribuição, no processo de concatenação, de um valor idêntico a proposições distintas, parece ilegítima.

“Distinguiremos, portanto, a linguagem que se refere apenas a si mesma em sua ordem de estruturação própria e que supõe a redução e a homogeneização ao significante verbal, formando e sofrendo o processo linear da verbalização e o discurso no qual a concatenação recebe as impressões provenientes de significantes heterogêneos (pensamentos, representações, afetos, atos, estados do corpo próprio), de investimentos energéticos variáveis que exprimem estados de tensão qualitativa e quantitativamente diferentes e tendendo à descarga”(GREEN:1973).

O autor observa ainda que mesmo a fala “mais verbal”, “mais abstrata”, é o resultado de uma descarga porque, entre outros motivos, o pensamento dito é um pensamento que se descarrega. As diferenças de investimento dos pensamentos que invade a linguagem a ponto de desestruturá-la são, segundo Green, o retorno da matéria prima corporal para a linguagem: “É o investimento da formalização pela substância. O afeto é a carne do significante e o significante da carne”(GREEN:1973).

Green assegura que o prestígio da representação em certas orientações contemporâneas da psicanálise provém do fato de, por estar depositada na inscrição do traço mnêmico, ela remeter à atividade psíquica da memória. O autor alerta, entretanto, que o afeto, segundo Freud, possui também uma função de memória, claramente evidenciada na angústia. Sustenta o autor que não só a representação da situação de perigo é rememorada, mas também o afeto que a acompanhava, e cujo retorno é temido (GREEN:1973).

¹⁸ Ver o capítulo 2 do presente trabalho.

Com relação à escola Kleiniana, três são os pontos principais referidos pelo autor: a ênfase no valor da vivência ¹⁹ (experiência) “aquém e além das funções de linguagem” (GREEN:1973); o fantasma como a expressão quase direta do funcionamento pulsional, herdeiro do representante psíquico da pulsão freudiana; e a compreensão da necessidade de uma teorização psíquica que desloque a ênfase do inconsciente para o id. Se, ao nível do inconsciente, a dualidade representação- afeto tinha lugar, ao nível do id, só estão presentes moções pulsionais contraditórias. A estrutura organizadora fundamental é a da oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. O id só pode ser a sede dos fenômenos de tensão e de descarga, que não são propriamente nem conscientes nem inconscientes enquanto tais. Há toda uma zona de trocas entre os “produtos” do id e o ego, mas a barreira do ego só admite neste, fragmentos do id “domesticados”. Essas moções pulsionais comportam em si conteúdos, representações distintas enquanto tais. A hipótese do autor é a de que o material que constitui esses fragmentos do id torna impossível aí a divisão em afeto e representação (GREEN:1973).

O par tensão- descarga está, entretanto, sob a dominação do princípio do prazer, sendo impossível suprimir o aspecto qualitativo dessas produções do id. O elemento representativo assumirá uma significação diferente, conforme as camadas em que se encontra – mais profundas e inacessíveis, ou mais próximas do ego. Ao nível do id, o afeto, indistinto da representação, é irrepresentável. Para Green, a angústia automática, resultado de uma descarga *in situ* ao nível do id que penetra por efracção no ego, é de fato um “afeto- representação”, em que não é concebível nenhuma representação distinta. “Tais afetos são a- representativos. Têm uma significação essencialmente econômico- traumática. Através deles exprime-se a ameaça que pesa sobre a organização do ego”(GREEN:1973).

Ao abordar o estudo das relações entre o afeto e o superego, Green ressaltando que a neutralização não é o único destino do afeto, aponta o masoquismo como sendo o mais freqüente. O sentimento de culpa inconsciente e o gozo inconsciente aparecem nas estruturas clínicas com clareza ²⁰, o que o leva

¹⁹ E, segundo o autor, quase toda a escola inglesa de psicanálise também.

²⁰ Assegura o autor que no superego do obsessivo, no do melancólico e no do paranóico, sem contar no masoquismo moral, não parece possível eliminar o afeto inconsciente.

a postular também ²¹ a existência de afetos inconscientes ao nível do superego. É a partir das relações entre o afeto e o ego que Green apresentará o seu conceito de *alucinação negativa*. O autor não colocará em consideração todos os afetos que o ego pode sentir, limitando aos que são específicos do ego, e que estão referidos à sua organização narcísica.

A estrutura específica do ego está relacionada com sua situação tópica: na encruzilhada da realidade externa e da realidade interna, dilacerando-o em duas partes inconciliáveis: o ego- prazer e o ego- realidade. Atenta o autor que isso não deve levar à conclusão de que a relação do afeto com o ego é delimitada pela sua localização no ego- prazer. Pelo contrário, sua relação com a realidade externa está repleta de afeto, e isto não somente porque a realidade é constantemente investida de afetos projetados, mas também porque o sentimento de familiaridade do real requer que o real seja tratado afetivamente de modo positivo (GREEN:1973).

Para Green, a clivagem, considerada por Freud como um avatar do ego, revela-se de fato como participante de sua estrutura. Com efeito, o ego é clivado devido à sua dupla orientação externa e interna e dividido entre identificações contraditórias. “A imagem que forma de si mesmo nunca pode assim coincidir com ela mesma, devido à alteridade que a habita” (GREEN:1973). A alienação do ego é inevitável, na medida em que se superpõem e se emaranham os estados do ego como vivências primordiais e os estados do ego como resultados das operações defensivas. “A resultante é este estado do ego na representação que ele adquire de si mesmo, constituição do narcisismo secundário, e o afeto que conota esta representação após o luto do objeto” (GREEN:1973). Dessa forma, encontramos de um lado, uma distinção entre representação e afeto, e do outro, um misto indissociável suscetível de se separar em seus elementos constitutivos. Por esta separação, os efeitos de afetos serão ligados não mais apenas a estados internos, mas também a situações (GREEN:1973).

Declarando ter insistido, em vários momentos, sobre a importância do sistema perceptivo representativo no que concerne ao objeto, ele evoca a percepção e a representação do sujeito, anunciando que, se o estado do espelho

²¹ O autor já havia, como vimos anteriormente, postulado a existência de afetos inconscientes ao nível do id.

lacaniano marca a assunção jubilosa da criança como o afeto que o acompanha, tal vicissitude não é a única possível.

“A clínica nos ensina que a experiência do espelho está sujeita a outras vicissitudes. Queremos falar desta falta da representação de si, tal como nos é mostrada pela alucinação negativa do sujeito. Ali, onde a imagem do sujeito deveria aparecer, nada se mostra. Só é visível o enquadramento do espelho sobre o qual não se inscreve nenhum traço. É vivida então pelo sujeito a ausência de si, o vazio acusado por não ter cabimento uma imagem que atenta contra o narcisismo secundário. O que falta ao sujeito não é o sentimento de sua existência, mas a prova especular desta última. Esta ausência da representação do sujeito é acompanhada por um aumento de afeto de angústia, comparável à angústia da perda do objeto”(GREEN:1973).

Há uma dissociação entre representação e afeto, pelo desaparecimento do poder de perceber a representação. O sujeito é remetido unicamente à sua presença corporal como vivência, o que se traduz num excesso de presença. O afeto de angústia traduz o esforço do ego por chegar a qualquer preço a uma representação de si, e é essa impossibilidade de se reencontrar que é responsável pela angústia. É porque a imagem é recoberta por uma alucinação de falta que o sujeito busca, mais além dessa alucinação, o reencontro de sua representação (GREEN:1973).

Por fim, o autor nos apresenta o seu modelo teórico hipotético, nele estabelecendo o lugar do afeto. Tal modelo é denominado pelo autor de *processo*. Segundo Green, ele parte do *esquema L* lacaniano, conservando sua estrutura geral e fornecendo suas conotações econômicas e dinâmicas. Neste esquema, os termos são unidos por um circuito. A “conjuntura” é definida como um conjunto pré-articulado, através do qual “a estrutura se manifesta, sem que esta a possa marcar” (GREEN:1973). O “acontecimento” é “aquilo que ressalta da conjuntura, onde o traço se desprende dela” (GREEN:1973). O “objeto” é “o efeito do encontro com o acontecimento saído da conjuntura e da estrutura” (GREEN:1973). E, a “estrutura”, é a estrutura edipiana. O afeto se situa num ponto que para o autor constitui o pivô do sistema. Localizado no encontro resultante dos efeitos das tensões provenientes do objeto e do acontecimento. Ele é, ao mesmo tempo também, zona de interpenetração e ponto de retrocesso. Na constituição do afeto, o suporte do fantasma é o elemento necessário, localizado

no acontecimento. Do lado do objeto, o que se coloca perante àquele é a representação psíquica da pulsão (GREEN:1973).

“O ponto em que os vetores acumulam seus efeitos é o afeto, como força (quantum) e como experiência subjetiva” (GREEN:1973). Como força, ele possui o papel de fator conjuntivo- disjuntivo, uma função de “pontuação do significante”²², sustentando o encadeamento dos representantes- representação, relançando suas associações e alimentando a energia necessária às operações do aparelho psíquico, posto que a energia reside também entre os investimentos. Quando, sob o efeito dessas tensões, ele se descobre em sua manifestação, ele irá “recobrir, abolir, fazer as vezes de representação. Seu efeito mais surpreendente é a *alucinação negativa*” (GREEN:1973).

Para finalizarmos esse capítulo, gostaríamos de tentar resumir o posicionamento de Vieira diante do trabalho apresentado por Green. O interesse de Vieira no exame das considerações desse autor é duplo: não somente porque ele constitui o representante atual da segunda corrente – denominada pelo autor de *código afetivo*, em oposição ao *continuum afetivo* da primeira corrente, mas pelo diálogo travado pelo autor com Lacan. Não nos cabe, como já apresentamos em nossa introdução, apresentar tal embate. Como também não fazemos do objetivo de Vieira o nosso, ou seja, interrogar o estatuto do modelo cartesiano em suas diversas apreensões pela psicanálise. E o afeto interessa a Vieira justamente por ser um conceito capaz de interrogar o estatuto deste modelo cartesiano ²³. Portanto, a nossa utilização da análise de Vieira como um dos fios condutores durante todo esse capítulo, deve ser lida como tendo sido contemplada parcialmente, e sujeita a desvios.

Em linhas gerais, para Vieira, Green vai no sentido de reduzir o significante a um código dentre os outros, os quais devem se ordenar em um

²² Expressão citada por Green em referência à MILLER, J., *Cahiers pour l'Analyse*, 5.

²³ O afeto interessa ao autor não por traçar uma articulação entre soma e psiquê, mas por interrogar o estatuto deste modelo cartesiano e, portanto, “o limite impensável do saber em sua ancoragem no corpo” (VIEIRA:1996). A partir de uma narrativa sobre o trauma, propiciada pelo tratamento, é possível uma nova articulação entre o que se pode falar deste trauma e a relação entre este e o corpo, através do sintoma. Essa articulação, entretanto, não é feita a partir de um sujeito fundado sobre uma anatomia dualista, que determinaria a exterioridade do trauma à sua fala. Dessa forma, é somente a partir de um novo modelo de relações corpo-alma que as dificuldades enfrentadas pelos pós-freudianos poderão ser eliminadas. Para isso, o autor procede a uma delimitação mais rigorosa do que ele denominou enquadre cartesiano, mas que não nos interessa aqui.

grande conjunto de códigos, e aos quais Green denomina “discurso”. Esse grupo é ordenado filogeneticamente, possuindo o afeto o lugar de honra por representar uma das linguagens mais arcaicas. Para Vieira também, o autor, ao propor a sua heterogeneidade do material inconsciente, termina por não reconhecer o inconsciente como um lugar de inscrições de onde se originam as representações. O inconsciente é, nesta perspectiva, um lugar de linguagens diversas, do qual uma delas é a linguagem energética mas, sobretudo, ele é o lugar de uma linguagem pré-verbal, é a linguagem dos fantasmas, a qual se articula à pulsão. Vieira declara que, se na primeira corrente, sua crítica se refere a uma teoria do desenvolvimento da personalidade, esta segunda corrente parece situar as chaves dos processos inconscientes nas respostas de um ego originário ao mundo (VIEIRA:1996).

De acordo com Vieira, ainda, fazer do afeto uma linguagem entre as diversas linguagens do inconsciente equivale também à dissolver a linguagem na indeterminação das linguagens, o que parece reduzir a importância da linguagem, sobretudo em se tratando de um grupo onde os elementos se inscrevem numa escala evolutiva (VIEIRA:1996).

Finalmente, Vieira denomina de “leitura clássica” a que expressa o enquadre cartesiano. E, segundo ele, nenhuma das duas correntes escapam à sua subordinação, deixando intocada a clivagem que as fundamentam. Por essa razão, ambas encontram impasses semelhantes.

“Parte-se do paradigma psicofisiológico, da noção de uma energia natural, que pode ser represada ou não e que se opõe à representação, reino das idéias e da qualidade. Elas se articulam a partir do trauma e do recalque, como uma aglomeração a ser purgada na ab-reação. O afeto aparece como ponto cego desta leitura, ficando entre um e outro reino, ora com tonalidade subjetiva da descarga, ora como energia represada, ora como o elo perdido entre os dois” (VIEIRA:2001).

As contribuições e os impasses apresentados neste capítulo estão longe de alcançar um resultado satisfatório; pelo contrário, tornam visível que a problemática do afeto é entremeada de questões que dão margem a hesitações e ambigüidades, difíceis de explicar ou resolver. Dessa forma, várias são as propostas e numerosas são as soluções. Todas elas, diretamente ou não, remetem à relação do afeto com a representação. Relação esta que se encontra associada às

relações entre o afeto e o inconsciente e às relações entre a quantidade e a qualidade.

Para Souza, as formulações econômicas da pulsão e as dificuldades trazidas pelos conceitos de representação e de processo associativo ordenador do conjunto das representações em Freud, tornam no mínimo obscuro o papel exercido pelo outro na constituição do sujeito. O autor segue afirmando que o texto freudiano contém a subversão radical do sujeito, mas não apenas isso. Portanto, não há como menosprezar a importância dos obstáculos a essa subversão, presentes em muitas de suas formulações. E, segundo ele, em todas as orientações psicanalíticas pós-freudianas, inclusive na psicologia do ego – ainda que de modo mais restrito, encontramos tentativas diversas de resolver os impasses metapsicológicos, especialmente os que se referem à teoria das pulsões. Em alguns discípulos de Freud da primeira geração, e na maioria dos da segunda, os obstáculos procuraram ser superados, de maneira mais ou menos consciente, com os meios de que dispunham (SOUZA:2001). Ressalta o autor:

“A perspectiva que tenho em vista, para que se possa acompanhar a minha argumentação, não é a do leitor aguçado por muitos anos de distância em relação ao texto freudiano, mas sim a daquele que lia Freud à medida que ele escrevia (...) O leitor, enfim, não apenas de Freud, mas de toda a produção dos psicanalistas da época, e que precisava orientar-se em meio a tudo isso. Acredito que é apenas desse ponto de vista que se pode compreender a produção da posteridade freudiana não como teoria obsoleta, mas como fonte de aprendizado para a prática clínica” (SOUZA:2001).

Todavia, é no exame dos lugares do afeto, formulados em diferenciadas interpretações e reconsiderações a partir da segunda teoria da angústia, que acreditamos encontrar mais claramente os contrapontos onde se situa a problemática. Assim, estudaremos no próximo capítulo algumas particularidades do conceito de angústia em sua implicação com a concepção de afeto.

Algumas particularidades do conceito de angústia em sua implicação com a concepção de afeto

Abordaremos neste capítulo a angústia, porque acreditamos ser ela a chave para clarear os impasses e as contribuições alcançadas durante todo esse processo. Não cabe a nós, portanto, fazer um tratado sobre este conceito, mas apenas salientar o que nele comporta de implicação para uma reformulação e uma reflexão da concepção de afeto em psicanálise. De fato, nossos objetivos impõem logo de saída limites a nosso trabalho, posto que, sendo impossível um estudo aprofundado do conceito de angústia, nossa exposição resultará superficial, alcançando reduzidas reflexões. Nesse sentido, seguimos seguros em atender às expectativas de apresentar ‘apenas’ algumas considerações. Utilizaremos como método a apresentação do percurso freudiano da construção do conceito de angústia, feita a partir da leitura greeniana, concomitantemente às apreciações de Vieira sobre as questões suscitadas.

De acordo com Green, podemos distinguir três períodos essenciais nas concepções freudianas sobre a angústia. O período compreendido entre 1893 e 1895 marca as reflexões em torno da neurose de angústia e de suas relações com a vida sexual e, conseqüentemente, da relação da angústia com o corpo. O segundo período, correspondente aos anos entre 1909 e 1917, se refere às relações entre a angústia e a libido recalcada. Finalmente, de 1926 a 1932, caracteriza-se o terceiro período, onde serão esmiuçadas as relações da angústia com o aparelho psíquico (GREEN:1973).

Segundo o autor, o primeiro período é composto pelos *Manuscritos B, E, F* e *J* dirigidos à Fliess, os primeiros trabalhos sobre as fobias e, principalmente, pelos artigos sobre a neurose de angústia e na réplica às críticas suscitadas por ele. Nessas primeiras abordagens, a fonte da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica, mas na esfera física, especificamente na acumulação de tensão física

sexual. A produção da angústia, portanto, “depende de um mecanismo que comporta transformações quantitativas e qualitativas” (GREEN:1973). Nesse sentido, ultrapassado um determinado limiar, a tensão física sexual não pode transformar-se em afeto por elaboração psíquica.

No campo da “sexualidade normal”, a tensão física sexual, ao alcançar um determinado limiar, põe-se em relação com certos conteúdos ideativos que utilizam a ação específica, permitindo a descarga pela satisfação. Ela possui, dessa forma, um valor de advertência para a libido psíquica, que conduz esta última à experiência de satisfação. Se essa “montagem” sofre certos desajustes, a tensão sexual é transformada em angústia (GREEN:1973).

Green ressalta que o mecanismo em causa, deste modo, não é formado simplesmente por uma acumulação quantitativa de tensão, mas também por uma modificação qualitativa: “em lugar de se transformar ou de se apoiar sobre uma tensão psicosexual, a tensão física sexual se transforma em angústia” (GREEN:1973). Assim, a neurose de angústia é a contrapartida somática da histeria. Entretanto, as diferenças são importantes: o “salto” para o somático, característico da histeria, mantém as capacidades de simbolização do psíquico sexual. O “salto” do físico sexual para o somático, feito pela angústia, não possui mais vínculos com a simbolização (GREEN:1973).

Sendo assim, a causa principal da formação da angústia, para Freud, encontra-se no fato de que “um afeto sexual não pode ser formado, a tensão física não se pode ligar psiquicamente” (GREEN:1973). A angústia então surge como um substituto, somático, da “representação que falta” (GREEN:1973). Encontramos uma inversão das relações existentes no estado normal do coito, posto que neste a via principal da descarga é psicosexual, e a via secundária é somática. É importante destacar aqui a diferença entre a neurose de angústia e a fobia. A substituição de uma idéia por outra é primitiva nesta última, e secundária àquela. Em outras palavras, ainda que alguns conteúdos ideativos possam ser encontrados na neurose de angústia, eles são acréscimos secundários, estranhos ao conteúdo da angústia. Assim, a angústia não se origina de uma idéia recalçada. Green salienta que o seu distúrbio essencial reside na impossibilidade de elaboração psíquica para a excitação somática. “Os sintomas da neurose de angústia são substitutos de uma ação específica (o coito) que deveria seguir normalmente a excitação sexual” (GREEN:1973).

Em suma, esse período é marcado por uma distinção de natureza entre a neurose de angústia, neurose atual e as psiconeuroses, neuroses de transferência da libido psicosexual, com Freud apontando a possibilidade de neuroses mistas. Para Green, essas linhas gerais farão eco nas fases posteriores, principalmente a persistência da impossibilidade de uma elaboração psíquica de uma tensão energética, que se revela na impossibilidade da ligação da angústia com conteúdos representativos.

O segundo período vai se referir à relação da angústia com a libido recalçada, no exame das relações entre o afeto e o representante- representação da pulsão. São destacadas a preocupação do autor com o conflito psíquico, e sua atenção com relação ao destino e a transformação dos afetos. O contexto teórico compreende o caso do *Pequeno Hans*, o artigo sobre *Psicanálise Selvagem*, a *Metapsicologia*, a *XXV Conferência Introdutória sobre a Psicanálise* e *O Homem dos Lobos* (GREEN:1973). É à medida que avança no estudo da sexualidade infantil e no estudo das neuroses, que o autor consolida a importância da angústia em suas relações com o recalque.

A angústia é consequência do recalque. “Embora ela responda a uma aspiração libidinal recalçada, ela não é essa própria aspiração; o recalque é causa de sua transformação em angústia” (GREEN:1973). O recalque é inerente a uma situação de perigo. Freud, então, se dedica a examinar a natureza e a origem do perigo para apreender suas consequências. E, de acordo com Green, a insuficiência da hipótese mecanicista da neurose de angústia leva o autor a utilizar “todos os recursos” da descoberta do perigo de castração. Assim, enquanto a oposição entre a angústia que se manifesta na neurose de angústia e a angústia tal como aparece na fobia marcava o primeiro período, o segundo trará a oposição entre a angústia (diante de um perigo) real e a angústia neurótica. A angústia (diante de um perigo) real é a consequência da interpretação dos sinais de perigo que ameaçam a integridade física do indivíduo, estando à serviço das pulsões de autoconservação. Sob o ângulo da autoconservação, a angústia neurótica aparentemente em nada se justifica (GREEN:1973).

Todo sinal de perigo induz a um estado de alerta, mobilizando capacidades de resposta pelo combate ou pela fuga, de acordo com as circunstâncias. Claro é, então, que tais reações ao perigo são úteis e necessárias, preparando o sujeito para o revide. Entretanto, a angústia por si mesma não tem

nenhuma utilidade. Pelo contrário, ela possui um efeito desorganizador, contrário ao objetivo procurado, perturbando a conduta que deve ser adotada diante do perigo. O despreparo para o perigo favorece a efracção no ego e a quantidade de excitação não dominável (GREEN:1973).

A angústia patológica se manifesta através de dois estados: uma angústia flutuante, na qual qualquer manobra de evitação é impotente devido ao investimento do ego pelo afeto, estando ela pronta a ligar-se a qualquer representação, e uma angústia circunscrita ligada a um perigo, dominada numa certa medida pela evitação da situação angustiante, mecanismo de defesa operado pelo ego. Para Green, a oposição do primeiro período é, dessa forma, mantida. A angústia flutuante é sempre interpretada como uma inibição à descarga, causada por uma vicissitude pulsional ou pela acentuação dos fatores quantitativos adquiridos. A falta de elaboração psíquica e o papel agravante dos fatores quantitativos são suas características. “A conclusão permanece a mesma: o entrave da libido dá origem a processos, todos eles, unicamente de natureza somática” (GREEN:1973). Destaca-se que nas psiconeuroses os sintomas são produzidos para impedir o aparecimento da angústia, e em todos os casos a relação com a simbolização é mantida.

Desse modo, a inibição à descarga pode acarretar um deflexão para o corpo sem elaboração psíquica verdadeira, onde uma contenção ineficaz opera sem produção simbólica corporal ou psíquica. Ou, ainda, a inibição à descarga pode acarretar uma transformação por utilização combinada das vicissitudes pulsionais e de mecanismos de defesa do ego. Na primeira possibilidade, o recalque não participa efetivamente. Na segunda, produções simbólicas corporais ou psíquicas são o resultado do seu trabalho. Aqui, o recalque funciona totalmente em suas funções de contra-investimento e de desinvestimento, podendo operar uma clivagem entre o afeto e o representante- representação. O afeto pode sofrer diversas transformações quantitativas (repressão) ou qualitativas, das quais a angústia é a maior expressão. Green relembra, então, a declaração freudiana de que a transformação do estado afetivo é a parte mais importante do processo de recalque (GREEN:1973).

Além disso, é necessário lembrar a conclusão freudiana de que a angústia infantil quase nada tem de comum com a angústia (ante a um perigo) real. Em contrapartida, ela se aproxima muito da angústia neurótica dos adultos, surgindo,

como esta, de uma libido não empregada (de acordo com Green, uma “libido não afetada”). Green, em sua avaliação sobre este segundo período, aponta que as explicações metapsicológicas apresentadas para a oposição entre as duas formas de angústia são mais satisfatórias. E atenta para o fato de que resta a elucidação de certos pontos quanto à natureza do perigo a temer, posto que não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento. Além disso, ressalta que a teoria da angústia permanece mais econômica do que simbólica.(GREEN:1973)

Chegamos ao terceiro período proposto por Green. Em *Inibição Sintoma e Angústia* (1926), a segunda teoria da angústia irá assinalar uma inversão metapsicológica, possibilitando, em diferenciadas interpretações, reconsiderações sobre o campo do afeto. A primeira das inversões propostas por Freud é a afirmação de que a angústia tem sua sede no ego. Assim, só o ego pode sentir angústia, e a fonte dessa angústia pode ser encontrada tanto no mundo exterior (angústia [ante a um perigo] real), quanto no id (angústia neurótica), e no superego (angústia de consciência) (GREEN:1973).

A segunda inversão também possui um caráter essencial: Não é o recalque que produz angústia, mas a angústia que produz o recalque. A angústia é desencadeada por uma ameaça interna que aciona o recalque. Dessa forma, a angústia possui um papel antecipador diante de uma ameaça. Mais especificamente, a angústia é a evocação pelo ego, em função de uma exigência pulsional nova, de uma situação de perigo antiga. O ego se antecipa à satisfação exigida e julgada perigosa, desinvestindo a sua representação e liberando o desprazer. A angústia é, portanto, o sinal de desprazer, e suscita da parte do ego uma reação passiva ou ativa. No primeiro caso, a angústia se desenvolve e invade o sujeito. No segundo, instalam-se os contra-investimentos, na formação de um sintoma ou de um traço de caráter (GREEN:1973).

Ademais, a utilização de mecanismos de defesa do ego tem a finalidade de ligar psiquicamente o que foi recalcado. A energia da exigência pulsional pode sofrer diversos destinos. Se não for dominada pelas defesas do ego, conservará sua carga e, apesar das defesas, continuará incessantemente a pressionar. Ela também pode ser destruída, a exemplo da dissolução do complexo de Édipo. Em alguns casos, a repressão se instala como conseqüência do conflito e como modo de defesa. O ego em sua relação de conjunção e de disjunção com o id está, por

um lado, sob a dependência deste último, mas por outro, revela-se menos impotente do que parece pois é apto a utilizar o recalque por desencadeamento do sinal de alarme (GREEN:1973).

Freud afirma que a angústia neurótica é causada pelo aparecimento, no psiquismo, de um estado de grande tensão sentida como desprazer, cuja liberação pela descarga é impossível. De acordo com Green, uma reunificação dos diversos aspectos da angústia é tentada aqui. “A angústia de castração provém da ameaça da perda do objeto parcial, o pênis, cujo efeito seria o de tornar impossível qualquer reunião com a mãe; a angústia da perda de objeto provém da ameaça da perda do objeto total. A angústia de castração implica o abandono do gozo do pênis para conservar a integridade narcísica (sacrifício da função para conservar o órgão). A angústia da perda de objeto implica o abandono do desejo para conservar o objeto (sacrifício da autonomia para conservar a mãe)” (GREEN:1973).

Conforme Green, a evolução libidinal sugere que o perigo a que se está exposto não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento. Essa sucessão genética, porém, não relativiza a castração em razão das estruturações posteriores. Assim, o ponto de vista genético não prevalece sobre o ponto de vista estrutural “devido ao colossal investimento narcísico do pênis” (GREEN:1973). No entanto, o objeto da angústia está sempre ligado a um fator traumático (interno) que é impossível superar segundo as normas do princípio de prazer- desprazer. O afeto de angústia permanece, dessa forma, ligado à impossibilidade de liquidação de uma tensão. Declara Green que, desse modo, a dimensão quantitativa permanece inelutável: “o afeto é o resultado de uma quantidade de excitação não ligável, não descarregável” (GREEN:1973).

Os recalques secundários são desencadeados em função da recordação de uma antiga situação de perigo. O recalque originário está sob a dependência das exigências libidinais excessivamente grandes, cuja tensão desorganizadora a criança pequena não pode suportar. A angústia pode ser, portanto, um sinal de alarme, quando referida a um recalque secundário, ou a expressão de uma situação traumática, quando referida ao recalque originário. A esses dois aspectos da angústia correspondem o papel desempenhado pelas instâncias. Na angústia automática- traumática, supõe-se que a angústia é devida a uma manifestação direta do id, invadindo e ultrapassando as possibilidades defensivas

do ego. Dessa forma, o ego apenas pode sofrer a angústia e, como suas possibilidades de resposta estão paralisadas, qualquer elaboração psíquica se traduz por um fracasso completo das defesas. No angústia sinal de alarme, ela é uma manifestação do ego que a utiliza para comandar a realização das operações defensivas contra as pulsões emanadas do id ou seus representantes. Aqui, então, os mecanismos de defesa do ego, por mais imperfeitos que sejam, atestam uma atividade simbólica funcionando sem prejuízo maior, de um modo semelhante ao pensamento (GREEN:1973).

Green emprega o termo “atividade simbólica”, rejeitando o termo “atividade de sinalização” comum à corrente anglo-saxônica. O autor sustenta a sua escolha, declarando não existir uma relação biunívoca entre a angústia e o perigo temido, devido aos diversos aspectos da angústia. Dessa forma, a angústia remete a “uma polissemia da situação perigosa, os perigos temidos remetem-se uns aos outros e formam em conjunto uma rede simbólica” (GREEN:1973). A oposição entre angústia automática e angústia sinal deve, no entanto, ser objeto de uma articulação que possibilite compreender a passagem de uma à outra. Conforme Green, a percepção externa seria, para Freud, o eixo. Em verdade, “Freud destaca a importância da função perceptiva em sua função antecipadora, por oposição à situação em que a criança pode apenas registrar, posteriormente, a ausência da mãe por seus efeitos: a tensão libidinal excessiva desorganizadora” (GREEN:1973).

“Com a experiência de que um objeto externo perceptível é suscetível de pôr fim à situação perigosa que evoca a do nascimento, o conteúdo do perigo se desloca da situação econômica para o que é sua condição determinante: a perda do objeto. A ausência da mãe, de agora em diante, é o perigo em cuja circunstância o lactente dá o sinal de angústia antes mesmo que a situação econômica temida esteja instaurada. Essa transformação tem o valor de um primeiro e importante progresso nas disposições tomadas com vistas a assegurar a autoconservação; implica, ao mesmo tempo, a passagem de uma angústia produzida como manifestação sempre nova, involuntariamente, automaticamente à sua reprodução intencional como sinal de perigo” (FREUD:1926 apud GREEN:1973).

Para Green, essa “externalização” que obriga à criança encontrar “fora” os signos anunciadores de um estado de perigo de “dentro” é, ela própria, um signo que confirma uma transferência de atividade do id para o ego. “Transferência da atividade econômica para uma atividade simbólica que terminará na linguagem” (GREEN:1973). A função antecipadora só se desenvolve sob os efeitos do estado de desamparo, onde não somente a falta de apoio é angustiante, mas também o

caráter desorganizador das tensões libidinais, para as quais não há satisfação possível fora da mãe. Nesse contexto, a ameaça sobrevém às primeiras matrizes de organização do ego, cujas construções precárias mal resistem à invasão libidinal, posto que a tensão erótica associada à insatisfação é duplicada pela tensão agressiva em relação com a frustração. Dessa forma, a perda do objeto provoca dor pela irrupção de uma quantidade não dominável no ego, que gera a angústia de desamparo. A angústia sinal previne a dor e a angústia de desamparo, antecipando a “catástrofe” e determinando ao ego que atue defensivamente (GREEN:1973).

No final da leitura de Green sobre a angústia encontramos várias considerações importantes, que remetem à posição assumida por ele, não apenas durante o exame dos textos freudianos, como também com relação ao exame dos trabalhos pós-freudianos sobre o tema do afeto. E que resultam, na prática, no modelo teórico hipotético desenvolvido pelo autor e nas críticas feitas à Lacan. Segundo Green, o estudo da angústia em Freud evidencia, na relação do afeto com o inconsciente, a coerência desenvolvida pelo autor desde 1895.

“O afeto pode nascer diretamente no id e passa diretamente para o ego aí fazendo efracção à maneira de uma força que quebra a barreira do pára-excitação, e é a angústia automática, não dominada, não reduzida, não encadeada pelo ego, equivalente de uma dor psíquica. Nesse caso, o pré-consciente, os traços mnêmicos verbais são relegados e a palavra é reduzida ao silêncio. Aqui o id fala sua linguagem própria: a do afeto não verbalizado, e o ego está sob o efeito de um aniquilamento que o torna impotente no desamparo. Em outra parte o afeto ativa certas reações do ego que pode filtrar as energias pulsionais provenientes do id e autoriza apenas uma quantidade moderada delas a entrar no ego. Nesse caso, é a angústia sinal de alarme; o afeto passa pelo pré –consciente chega ao ego com seu correlato de representações e traços mnêmicos. Aqui, o ego, lugar da angústia, é também um trabalho sobre o afeto”(GREEN:1973).

De acordo com Green, ainda, na angústia sinal de alarme o encadeamento pode, apelando para todos os recursos da atividade defensiva, abordar com a ajuda das representações e da linguagem, a significação do perigo temido, revivido na experiência de transferência. Dessa forma, tudo se encontra na dependência da organização do ego perante o poder desorganizador do id. Porém o autor sublinha aqui que, num plano mais fundamental, tudo depende de Eros, “da força de ligação que pode, ao nível do id, fazer prevalecer a tendência unificadora das pulsões de vida sobre a tendência desorganizadora das pulsões de destruição” (GREEN:1973). Ele também ressalta que, inversamente, a organização do ego

depende de sua diferenciação do id, isto é, de sua relativa separação. Tal separação depende dos fatores de disjunção, que são um dos aspectos das pulsões de destruição. Ao mesmo tempo, uma tentativa extremamente marcada para a conjunção dissolve a separação entre as instâncias, e ameaça o ego de uma fusão total com o id. Assim como uma tendência extremamente marcada para a disjunção separa totalmente o ego do id, e não permite mais nenhuma apropriação dos fragmentos do id por àquele. Com o acréscimo desse argumento, é coroado o reconhecimento em Freud da manutenção da importância do fator econômico na segunda teoria da angústia (GREEN:1973).

Declarando expressamente o seu desejo de dar ao afeto uma primazia em todos esses processos, Green irá, no entanto, caracterizar a ligação do afeto com a representação como sendo necessária. De acordo com ele, o trabalho do afeto só é possível quando comporta as representações adequadas recalçadas. Do mesmo modo, é pela dominação dos afetos mais desorganizadores que as fixações mais alienantes podem ser superadas, permitindo a busca do desenvolvimento da libido e do ego (GREEN:1973).

Vieira, a propósito de seus objetivos já expostos anteriormente, é capaz de representar o ponto de vista lacaniano sobre a questão. Acreditamos que neste momento é importante apresentarmos algumas de suas considerações, que se destacam ou por expor pontos de vista contraditórios aos que já foram examinados, ou por se constituírem inovações. Faremos isso sem a pretensão de abarcar a teoria lacaniana em qualquer recorte, ou mesmo fazer referências diretas a ela. Assim, para este autor, já nas formulações sobre a angústia da passagem do *Projeto à Interpretação dos Sonhos*, e particularmente nos *Três Ensaio Sobre a Sexualidade*, ela já não é mais concebida como o produto da transformação direta da energia somática, mas como o produto da transformação libidinal. Ressalta o autor que essa substituição terminológica comporta uma verdadeira revolução. Não devemos tomar a libido exclusivamente em seu sentido econômico e quantitativo, nem o modelo energético deve tampouco ser tomado como tradução de uma energia natural. Declara Vieira que, se fizermos isso, estaremos abandonando o quadro da experiência freudiana (VIEIRA:2001).

Desse modo, a libido deixa de ser compreendida simplesmente como transformação energética, e passa a aludir ao que traduz “o encontro do sonho com o desejo no que este aponta o traumático inapreensível do sexual”

(VIEIRA:2001). Além disso, a substituição da energia somática pela libido, como já vimos em Green, enfatizará a idéia de perigo, intimamente ligada ao recalque. Ela alterará profundamente a classificação anterior, pela instauração de um tipo de perigo fundamental: o perigo endógeno, que conduz à segunda teoria da angústia. Segundo Vieira, não há como definir a diferença entre perigo real e perigo endógeno e, além disso, este último, circunscrito pelo significante, “torna-se o único realmente abordável pela psicanálise” (VIEIRA:2001).

A idéia da origem da angústia ligada ao perigo não é nova. A novidade está em, pela introdução do conceito de libido, propiciar uma nova articulação: angústia, libido e perigo. O perigo coloca em série os três gêneros de angústia. E essas articulações instituem novos modos de relação entre sintoma, recalque e angústia, diferentes dos textos metapsicológicos, onde a descarga era um fator discriminante de ordem econômica. A primeira consequência é a mudança nas relações entre representação e energia. A clivagem entre consciente e inconsciente é substituída por fronteiras difusas entre os registros, estabelecendo um novo tipo de relação entre exterior e interior. Este caminho, já apontado desde *O Ego e o Id*, resulta numa ruptura conceitual que se estabelecerá com *Inibição, Sintoma e Angústia*. Freud buscará explicar o afeto a partir das relações entre as diversas instâncias e dos conceitos metapsicológicos. E, mais do que isso, não se interessará mais pelo “*suposto suporte energético*” (VIEIRA:2001) que seria o responsável pela constituição e pela emergência do afeto (VIEIRA:2001).

“Com esta nova concepção, a função da angústia como sinal, indicando uma situação de perigo (...) passou ao primeiro plano; saber de que a angústia é feita perdeu seu interesse”(FREUD:1923 apud VIEIRA:2001).

É com a revolução metapsicológica caracterizada pela introdução da pulsão de morte que a teoria sobre a angústia ganha uma reviravolta, implicando na modificação do campo do afeto. Freud critica o modo de vinculação entre a angústia e o recalque e, de acordo com Vieira (2001), assumidamente constata a inconsistência do fundamento da teoria do sintoma, elaborado nos termos da acumulação energética. Em outras palavras, a angústia não provém de um acúmulo da libido. E, a partir do exame minucioso da angústia e da formação de sintomas nas estruturas clínicas e da retomada do *Pequeno Hans* e do *Homem dos*

Lobos, um novo papel será dado à castração. Sem opor o campo pulsional ao campo das representações, Freud introduz um novo raciocínio. Especificamente, a castração aponta um tipo especial de perigo (VIEIRA:2001).

“A conclusão a que chegamos, portanto, é esta. A angústia é uma reação a uma situação de perigo. Ela é remediada pelo eu que faz algo a fim de evitar essa situação ou para afastar-se dela. Pode-se dizer que se criam sintomas de modo a evitar a geração de angústia. Mas isto não atinge uma profundidade suficiente. Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de angústia. Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração” (FREUD:1926).

Segundo Vieira, isso significa complexificar as relações de determinação entre o sintoma e suas causas. Freud chega a tais conclusões quando procura saber qual é o perigo que aterroriza Hans. A constatação de que o amor pela mãe não pode ser o responsável pelo recalque, conduz Freud a afirmar a necessidade de uma intervenção externa, “uma ameaça que dará a este amor o caráter de um perigo interno, fazendo o menino modificar sua posição libidinal”(VIEIRA:2001). O poder que tal ameaça externa possui é o de valer-se da angústia previamente existente para tornar este amor proibido e ameaçador. Em verdade, a ameaça de castração transforma este amor em algo proibido por vincular a angústia aos conteúdos deste amor, levando-os, dessa forma, a serem recalcados. Vieira ressalta que, apesar das aparências, é em prejuízo da idéia de um perigo externo originário que a ênfase dada à função da castração como perigo que move os processos inconscientes é colocada. A angústia torna-se tão fundamental quanto a castração, e é , “pelo menos, contemporânea ao recalque” (VIEIRA:2001) ¹.

“A angústia pode ser considerada segundo uma anterioridade lógica e, materialmente, como o elemento que, articulado à castração, alimenta o recalque com a sua energia. (...)Do ponto de vista econômico, a angústia permanece inalterada ao longo da formação do sintoma” (VIEIRA:2001).

O ponto de vista energético é passado para um segundo plano. Segundo Vieira, isso possibilita a Freud extrair todas as conseqüências do fundamento da neurose sobre a castração. É a castração como um perigo que põe em andamento

¹ Numa referência à Espinosa, a ameaça de castração, que o eu experimenta aparentemente como exterior e parecendo afetar o corpo, é compreendida como a incidência de uma determinada relação com o mundo e não como efeito de algum objeto concreto sobre o corpo. É em conseqüência da inserção do sujeito em uma determinada rede de relações que os afetos tomam seu sentido (VIEIRA:2001).

os processos inconscientes. Importa salientar também que Freud recupera o que está marcado em seus primeiros escritos, onde “toda angústia é angústia real, fruto de um perigo que é externo” (VIEIRA:2001). No entanto, tal afirmativa deve ser compreendida em uma relação mais complexa da angústia com o recalque. A angústia, então, se vincula de forma mais direta à coisa sexual, sem que perca a sua dependência da operação recalcante. Ela está, portanto, localizada no registro quantitativo, excessivo, a insistir no universo do recalque e a indicar simultaneamente uma dimensão externa e essencialmente interna (VIEIRA:2001).

“A angústia, tomada a partir de novas relações interior- exterior, passa a referir-se ao elemento que, ao mesmo tempo que emerge do mundo das qualidades, o excede e o desestrutura”(VIEIRA:2001).

Este elemento a quem a angústia se refere é o trauma. Esta é, segundo Vieira, a idéia propriamente psicanalítica do trauma como dado da estrutura. Dessa forma, o trauma não mais se origina do encontro com a sexualidade do adulto. Ele é referido a um tempo mítico, e não ao encontro entre duas entidades distintas. O trauma, portanto, refere-se à ausência de qualquer entidade prévia à constituição do ser. Assim, Freud recusa qualquer possibilidade de ab-reação do trauma, posto que nenhuma ab-reação pode apagar a perda fundamental que é dada na estrutura, já que é esta que constitui o aparelho psíquico. A angústia, assim, se mantém articulada ao perigo, se definida a situação de perigo como aquela que evoca a possibilidade da dissolução miticamente situada em um momento de desamparo fundamental. Conforme Vieira, é por esse motivo que Freud usa o termo sinal para definir a função da angústia (VIEIRA:2001).

A compreensão de sinal ‘do’ ego é aqui referida a um sinal produzido ‘no’ ego, como reprodução do caos que é efeito da castração e que, para Vieira, parece mais condizente com o arcabouço de *Inibição, Sintoma e Angústia*. A partir desse momento, a castração deixa a sua localização histórica e é alçada à categoria de dado de estrutura. Ela é o nome da insistência estrutural da ameaça de dissolução. E tanto ela quanto o perigo são “termos que nomeiam o caos ao qual o afeto de angústia dá a forma de um sinal”(VIEIRA:2001). Portanto, é a grande reviravolta na função de castração que assinala uma ruptura na teoria freudiana do afeto.

“Inicialmente, o fator econômico predominante na conceituação do afeto implicava a identidade energética entre angústia e pulsão. Freud desloca-o agora, como já dissemos, para segundo plano. O fato de que a angústia e a pulsão se aproximam de um ponto de vista energético, não impede que sejam distintas de maneira decisiva no nível metapsicológico. É aí que devemos localizar o corte”(VIEIRA:2001).

A castração é, assim, um operador, que se refere a uma situação menos conjuntural do que uma ameaça, e se estende à formação dos sintomas nas demais neuroses. Com isso, uma nova vertente da teoria é inaugurada, na qual a sua característica de energia transformada perde importância. O afeto é re-criação do trauma fundamental e, sendo assim definido, encontra sua articulação metapsicológica mais eficaz. Para Vieira, nesse ponto, a angústia reúne-se aos demais afetos (VIEIRA:2001).

As duas vertentes da teoria da angústia são só aparentemente excludentes, pois na verdade as formulações iniciais são apenas colocadas em segundo plano. Freud, portanto, não abandona a explicação econômica em proveito da hermenêutica. Pelo contrário, faz-se necessário pensar o afeto a partir de seu lugar em uma estrutura, situando a descarga com relação a este lugar (VIEIRA:2001). Vieira declara ainda que, de acordo com uma perspectiva psicofisiológica, a angústia corresponde a uma descarga. Do ponto de vista estrutural, no entanto, trata-se de um processo de tensão.

“No primeiro caso há excesso energético, processo psicofisiológico de descarga que implica um ‘a mais’ energético, cuja origem se dá no real da pulsão. No segundo caso, trata-se de reação energética, de trauma reproduzido sobre o fundo caótico, vazio de sentido”(VIEIRA:2001).

Logo, o ponto de vista energético se mantém mas, como vimos, é passado para o segundo plano. Dessa forma, o que ‘aparentemente’ está em jogo não é o afeto em seu viés “econômico” – seus matizes qualitativos da vida afetiva e seus graus quantitativos. A questão que ainda permanece, e que não nos é possível responder a partir do recorte que fizemos, é como esse viés econômico é claramente compreendido a partir de um novo viés, o viés “ético”, constituído na articulação entre transferência e trauma².

² No enquadre espinosista, a ética supõe um determinismo muito mais fundamental do que o cartesiano, pois ele se estende à própria escolha. O sujeito escolhe menos, se situarmos a escolha na esfera do livre arbítrio guiado pelo discernimento. Contudo, um outro tipo de liberdade entra em jogo: o sujeito é plenamente responsável por sua capacidade de escolher, sua potência de agir,

Para Green, há uma solidariedade indissociável entre a força e o sentido, posto que só é possível conceber a força como um vetor orientado, dotado de direção e, portanto, de um sentido. E o sentido não se separa de um objetivo para o qual ele se tende e se move, através de uma violência interna que é, conseqüentemente, força. Assim, o autor faz uma distinção, onde no campo da força encontramos o econômico, e no campo do sentido encontramos o simbólico. Mas de acordo com este autor, a força, na medida em que cria uma relação de forças, é simbólica. E o sentido, na medida em que é sempre tomado num conflito de sentido, é econômico. É este o pensamento que guia o autor em suas reflexões. Nessa acepção é que nos propomos a retomar a citação de Green, já colocada em nosso segundo capítulo:

“Poder-se-ia resumir a situação sustentando que o ego está circunscrito entre a angústia de um ‘demais’ e a angústia de um ‘de menos’. A oposição entre o econômico e o simbólico é suscetível de um retorno: a economia é simbólica, o simbólico é economia” (GREEN:1973).

Segundo Green, à categoria do econômico está associada a quantidade, como motor das transformações. E, à categoria do simbólico, liga-se a representação, “alimentada pelas forças vivas do corpo pulsional que implicam a linguagem e o pensamento (...); inversamente, o econômico, se transforma forças, elabora valores” (GREEN:1973). Tais valores são compreendidos não como qualidades superiores, mas como aquilo que é valorizado por ele: evitação do desprazer e busca do prazer, mas também dominação dos afetos (GREEN:1973).

Green, em suas críticas dirigidas a Lacan, declara que estaria pronto a aceitar o essencial da teoria lacaniana – a relação do sujeito com o significante – se “estivesse claramente precisado em que a originalidade do que pode ser subsumido sob o nome de significante em psicanálise não se identifica absolutamente com o significante da linguagem” (GREEN:1973). Para Green, é a estrutura não homogênea do significante que o especifica na psicanálise. E, se Lacan está certo em observar que não existe metalinguagem, a problemática é perguntar-se, e isso Lacan não faz, “de que a linguagem seria o meta e, se não fosse o caso, como a linguagem poderia recobrir a totalidade do campo que Lacan

sua força desejante, que pode ser mais ou menos intensa. As paixões são do sujeito, e o afeto aparece, dessa maneira, ordenado pela ética (VIEIRA:2001).

lhe atribui” (GREEN:1973). Esse é o mote para Green lançar a sua hipótese da heterogeneidade do significante, onde as representações de coisa não se suturam como as representações de palavra, e uma concepção estrutural do afeto o considera como uma variedade de significante, quando aquele se diferencia nitidamente da representação e aparece isoladamente. Mais: o simbólico exerce os seus efeitos também sobre a representação de coisa, e o material desta última intervém na estruturação simbólica. Além disso, o processo de concatenação da linguagem e o processo primário diferem devido justamente aos materiais diferentes que utilizam (GREEN:1973). Portanto,

“ se o inconsciente tem uma linguagem, só pode ser a de um lugar geométrico ideal, foco de diversas expressões dos registros designados como heterogêneos pelos materiais que fazem do significante dos significantes um princípio não idêntico em si mesmo. O discurso do inconsciente, que não é a linguagem, é uma polifonia, sua escrita é uma poligrafia escalonada em várias pautas que dominam a gama de frequências que vão do mais grave ao mais agudo. A tessitura da linguagem é demasiado estreita pra conter sozinha esses diversos registros” (GREEN:1973).

Ainda segundo Green, se é legítimo denunciar a ideologia que se encontra por trás do mito da adaptação, como pudemos observar na psicologia do ego, em referência à teoria lacaniana faz-se necessário procurar a ideologia que “se encolhe por trás da formalização da linguagem” (GREEN:1973). Para o autor, a estrutura simbólica em Lacan toma a linguagem pela pulsão, num modelo “essencial “ e exclusivo, onde a linguagem, “ainda que revele sua falha na demanda” (GREEN:1973), não se afasta de uma essência que o sistema lacaniano lhe atribui.

Para Vieira, Green, além de defender uma visão pluralista do inconsciente, compreende o afeto como a associação da pulsão com a representação pré-verbal. Assim, o afeto é “essa miscelânea que faz da energia, linguagem; e da linguagem, energia” (VIEIRA:1996). E é nesse sentido que o afeto constitui uma protolinguagem, um código afetivo mais antigo sobre o qual se funda o simbólico. Dessa forma, temos a substituição de um *continuum* afetivo por um *continuum* de evolução da linguagem. Ainda, o quadro onde se insere Green o obriga a utilizar as “lentes essencialistas”, onde a dimensão do significante adquire uma consistência que o impede de se aproximar de sua estrutura (VIEIRA:1996).

Para nós, as considerações de ambos os autores tornam visível o abismo que as separam. A conclusão a que chegamos, em uma montagem precária, é a de que o eixo que permite ultrapassar esse abismo encontra-se no exame mais aprofundado das relações implicadas na linguagem ou, mais apropriadamente, das várias concepções de linguagem subjacentes ao campo metapsicológico, e que aparecem imbricadas à noção não menos obscura de simbolização.

5

Considerações Finais

De acordo com Berlinck (2003), um bom pesquisador deve ter audácia e ambição ao escolher seu tema de pesquisa. Entretanto, para a feitura de uma dissertação de mestrado, tal pretensão deve ser modesta. Escolhemos um tema vasto e complexo, e acreditamos que o primeiro passo para conciliar tais parâmetros era definir um recorte claro e preciso. Para Berlinck, ainda, as respostas são muito menos importantes que as perguntas:

“Uma pesquisa em psicanálise se sustenta, então, em primeiro lugar, pela transferência. Esta, por sua vez, por colocar o psicanalista num lugar muito específico que é o lugar de um saber a respeito de um enigma, lança imediatamente o psicanalista numa atividade de pesquisa pois ele sabe ou, pelo menos desconfia, de que ele não sabe aquilo que o paciente supõe que ele sabe” (BERLINCK:2003).

Toda pesquisa comporta um enigma, e a definição da teia de relações entre a situação problemática e a produção cultural já existente a respeito do enigma formulado é que nos indica o caminho a seguir. Escolhemos seguir o caminho percorrido por Green, sem deixar de nos colocarmos atentos ao que a ele escapa. Ao mesmo tempo, sabíamos que a nós muito escaparia. Muitas questões importantes foram por nós deixadas de lado e, entre elas, gostaríamos de destacar a modificação, na teoria dos afetos, propiciada pela dissociação dos estados de prazer e de desprazer dos fatores econômicos de distensão e de tensão, onde o ritmo e as seqüências temporais das modificações, propostos por Freud, complexificam o conceito de qualidade.

Mas, de uma maneira esquemática, podemos reconhecer três lugares na elaboração de nossa cena teórica: aquele ocupado pelos que postulam ao afeto uma função adaptativa, onde podemos vislumbrar o afeto ora como um fluxo desorganizado, ora como mensagem indicativa; o lugar para nós pouco conhecido da teoria lacaniana, onde a articulação entre a transferência e o trauma aponta o lugar do afeto, e onde esse é o portador de um engano; e o lugar ao qual Green se

filia, onde o afeto ocupa o lugar central quanto ao destino das pulsões, e possui um valor eminentemente simbólico. Na verdade, não há nada de unívoco em tais considerações, quando olhamos de perto a maneira como cada autor inflete o seu uso. É preciso ressaltar ainda, conforme Vieira (1996), que um mesmo autor pode se inscrever em posições diversas.

Souza aponta que a definição de pulsão como representante psíquico possibilita aos lacanianos compreendê-la como efeito da incidência da linguagem. Se, no início, Lacan enfatizou a dependência da pulsão em relação ao simbólico, mesmo quando ele passou a considerá-la como heterogênea em relação àquele, foi pelo efeito do modo forclusivo de operar da linguagem. Por outro lado, a pulsão como limite do psíquico a define como um pólo de intensidade expressiva que, em uma “dialética produtiva” se contrapõe ao aparelho psíquico, compreendido basicamente como organização representacional. Para o autor, André Green é um dos representantes dessa posição teórica. Assim, temos para a primeira definição de pulsão, uma concepção de afeto como “sentido a ser reduzido para que o novo sentido possa surgir” (SOUZA:2001). Enquanto que, para a segunda, o afeto é concebido como “excesso que abala o sentido dado para a produção do novo sentido” (SOUZA:2001). Nesse contexto, ambas as teorias “ênfaticam a relação de desafio entre o simbólico e aquilo que o excede: o excesso afetivo, para os primeiros; o real do objeto com falta, para os segundos” (SOUZA:2001) ¹.

Com efeito, a indefinição dos limites da abordagem do afeto na teoria e na prática freudiana dificulta o estabelecimento de seu estatuto teórico. As tentativas de articulação entre o afeto e a representação não chegam a uma solução satisfatória. Buscando orientar nosso trabalho de pesquisa, formulamos nossa hipótese de circunscrição dos problemas gerais da concepção do afeto na teoria psicanalítica, através da constituição de alguns eixos de análise: além das relações entre o afeto e a representação, as relações entre a quantidade e a qualidade e as relações entre o afeto e o inconsciente.

Neste ponto, incluímos o conceito de angústia, pela mudança radical operada a partir da segunda teoria da angústia no campo do afeto. Constitutiva da organização psíquica; a angústia foi considerada por alguns, resultado de um

¹ De acordo com este autor, enquanto que nessas duas teorias o “não simbolizável” desafia o simbólico, nas teorias da relação de objeto, o “não simbolizável” enfatiza as condições de possibilidade para o seu exercício. Para um exame maior da questão, ver SOUZA:2001.

excesso, por outros, presa e marca do trauma, ou ainda, sinal que protege o sujeito, ao prepará-lo para o perigo, ao mesmo tempo em que o deixa “à deriva” (BARROS:2003). E nos descobrimos nos movimentando tão somente em função de modelos próprios a espaços conceituais distintos, aparentemente polarizados. O conceito de linguagem e sua relação com a simbolização foi o que encontramos com frequência em nosso percurso. Acreditamos, assim, que a problemática do afeto pode ser resituada a partir de um estudo aprofundado dessas novas categorias de análise, em suas relações com as categorias já apresentadas, na tentativa de revelar seus contrapontos possíveis.

Referências bibliográficas

BARROS, R. Os Afetos na Psicanálise. In: **Cadernos do Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro:SPID, 1999, volume 4, pp. 133-142.

BEAUD, M. **Arte da Tese**.(1985) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERLINCK, M. Considerações sobre um Projeto de Pesquisa em Psicanálise. In:Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP. Disponível em <http://www.geocities.com/hotsprings/villa/3170>. Acesso em: 12 out. 2003.

BEZERRA, B. O lugar do Corpo na Experiência do Sentido: Uma Perspectiva Pragmática. In: Bezerra, B. e Plastino, C. A. (orgs). **Corpo, Afeto, Linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, pp. 13-42.

BORJE-LOFGREN, L. Excitation. Anxiety. Affect. In: **International Universities Press**. Nova York, 45,1964, pp. 280-285.

_____. Psychoanalytic Theory of Affects. In: **Journal of American Psychoanalytic Association**. 16, 1968, pp.638-650.

BRIERLEY, M. Affects Theory and Practice. In: **International Journal of Psychoanalysis**. 18, 1937, pp. 256-268.

CHAUÍ, M. Espinosa. Vida e Obra.(1973). In: Chauí, M. (org). **Espinosa. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pp.VI-XXIII.

COTTET, S. Prefácio. In: **A Ética da Paixão**. Uma Teoria Psicanalítica do Afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

COUTINHO, A. Repensando a Questão da Subjetividade em uma Perspectiva Pragmática. In: **Redescrições da Psicanálise**. Ensaio Pragmáticos. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1994.

ESPINOSA, B. Pensamentos Metafísicos. (1963). In: Chauí, M. (org). **Espinosa. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pp. 01-40.

_____. Tratado da Correção do Intelecto. (1960-1963). In: Chauí, M. (org). **Espinosa. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 45-70.

_____. Ética. (1967). In: Chauí, M. (org). **Espinosa. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pp.77-301.

FENICHEL, O. The Ego and the Affects. In: **Psychoanalytic Review**. 28, 1941, pp.47-60.

FIGUEIREDO, L. C. Modernidade, Trauma e Dissociação: a questão do sentido hoje. In: Bezerra, B. e Plastino, C. A. (orgs). **Corpo, Afeto, Linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, pp. 219-243.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950[1892-1899]). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 243-378.

_____. Esboços para a “Comunicação Preliminar” de 1893 (1940-41[1892]). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 207-216.

_____. Alguns pontos para o estudo comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas (1893[1888-1893]). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 219-239.

_____. Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar (1893). In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol III**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 39-53.

_____. As Psiconeuroses de Defesa (1894). In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 51-72.

_____. Sobre os critérios para destacar da Neurastenia uma Síndrome Particular intitulada ‘Neurose de Angústia’ (1895[1894]). In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol III**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 103-138.

_____. Uma Réplica às Críticas do meu artigo sobre Neurose de Angústia. (1895) In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol III**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 141-160.

_____. O Projeto Para Uma Psicologia Científica. (1950[1895]) **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 381-510.

_____. Estudos sobre a Histeria (1895b) In: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria. ESB Vol II**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Observações adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa (1896). In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 163-183.

_____. Interpretação de Sonhos. (1900) In: FREUD, S. **A Interpretação de Sonhos (II) e Sobre os Sonhos. ESB Vol V**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. (1905[1901]) In: FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos. ESB Vol VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 01-119.

_____ Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905a) In: FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos. ESB Vol VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 123-252.

_____ Chistes e Sua Relação com o Inconsciente. (1905b) In: FREUD, S. **Chistes e Sua Relação com o Inconsciente. ESB Vol VIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. (1909a) In: FREUD, S. **Os Casos do ‘Pequeno Hans’ e do ‘Homem dos Ratos’.** ESB Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 13-133.

_____ Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. (1909b) In: FREUD, S. **Os Casos do ‘Pequeno Hans’ e do ‘Homem dos Ratos’.** ESB Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 137-277.

_____ Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. (1911) In: FREUD, S. **O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 273-286.

_____ Recordar, Repetir e Perlaborar (1914a) In: FREUD, S. **O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 163-171.

_____ Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. (1914b) In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 81-108.

_____ A Pulsão e Suas Vicissitudes. (1915a) In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 129-162.

_____ O Recalque. (1915b) In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 165-189.

_____ O Inconsciente. (1915c) In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 191-233.

_____ Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. (1916-1917) In: FREUD, S. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III).** ESB Vol XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 289-539.

_____ O Estranho (1919) In: FREUD, S. **Uma Neurose Infantil e outros trabalhos. ESB Vol XVII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 273-314.

_____ Além do Princípio de Prazer. (1920) In: FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. ESB Vol XVIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 17-90.

_____ O Ego e o Id. (1923) In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos. ESB Vol XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 13-89.

_____ O Problema Econômico do Masoquismo. (1924) In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos. ESB Vol XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 197-212.

_____ A Negativa. (1925) In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos. ESB Vol XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 293-300.

_____ Inibição, Sintoma e Angústia. (1926) In: FREUD, S. **Um Estudo Autobiográfico, Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos. ESB Vol XX.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 107-201.

_____ O Fetichismo. (1927) In: FREUD, S. **Um Estudo Autobiográfico, Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos. ESB Vol XX.** Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp. 175-185.

_____ O Mal- Estar na Civilização. (1930) In: FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. ESB Vol XXI.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 81-177.

_____ Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. (1933[1932]) In: FREUD, S. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 13-191

_____ Análise Terminável e Interminável. (1937) In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 241-287.

_____ Esboço de Psicanálise. (1940[1938]) In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 165-237.

_____ A Clivagem do Ego nos Processos de Defesa. (1940[1938]) In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 307-321.

GARCIA, C. A. **Apontamentos em aula.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

GARCIA- ROZA, L. A . **Acaso e Repetição em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

GLOVER, E. The Psychoanalysis of Affects. In: **International Journal of Psychoanalysis.**20, 1939, pp.299-307.

GREEN, A **O Discurso Vivo**. Uma Teoria Psicanalítica do Afeto.(1973). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

GUIMARÃES ROSA, J. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997[1936].

HOUAISS, A. e VILLAR, M. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

IMBASCIATI, A. **Afeto e Representação**.(1991) São Paulo: Editora 34, 1998.

JACOBSON, E. The Affects and their Pleasure-Unpleasure Qualities in Relation to the Psychic Discharge Processes. In: **Drives. Affects. Behavior**. Vol I. Nova York: International Universities Press, 1953, pp. 38-66.

JONES, E. Fear, Guilt and Hate. In: **International Journal of Psychoanalysis**. 10, 1929, pp.383-397.

LAPLANCHE & PONTALIS **Vocabulário de Psicanálise**.(1958). São Paulo: Martins Fontes,1992.

LEWIN, B. Reflections on Affect. In: **Drives. Affects. Behavior**. Nova York: International Universities Press, 1963, pp. 22-37.

BEAUSSANT, P. et al. As formas e os Gêneros Musicais. In: Massin, J & B. (orgs). **História da Música Ocidental**. (1983). Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1997, pp. 63-97.

MERLEAU-PONTY, M. **Le Visible et l'Invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Normas para apresentação de teses e dissertações**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.

RAPAPORT, D. On The Psychoanalytic Theory of Affects. In: **International Journal of Psychoanalysis**. 34, 1953, pp. 177-198.

SHAFER, R. The Clinical Analysis of Affects. **Journal of the American Psychoanalysis Association**. 12, 1962, pp.275.

SCHNEIDER, M. **Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud**.(1993) São Paulo: Editora Escuta, 1994.

SOUZA, O. Aspectos do encaminhamento da questão da Cientificidade da Psicanálise no Movimento Psicanalítico.In: PACHECO FILHO, R. A.; DEBIEUX ROSA, m.; COELHO JR, N. (orgs). **Ciência, Representação e Realidade na Psicanálise Contemporânea**. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2000, pp. 205-233.

_____. Notas sobre algumas Diferenças na Valorização dos Afetos In: Bezerra, B. e Plastino, C. A. (orgs). **Corpo, Afeto, Linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, pp. 285-298.

STRACHEY, J. A Natureza da Q. (1954) In: FREUD, S. **Publicações Pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 511-517.

VIEIRA, M.A. **A Ética da Paixão**. Uma Teoria Psicanalítica do Afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

VIEIRA, M.A. **L'Éthique de la Passion**. L'Affect dans la Théorie Psychanalytique avec Freud et Lacan. Tese de Doutorado - Département de Psychanalyse, Université de Paris VIII, Paris, 1996.